REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS 2018

Nº 55 - ABR-JUN

REVISTA DA ACADEMIA
NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

Nº 55

NATAL, ABRIL/JUNHO – 2018

REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

Publicação trimestral

Diretor: Manoel Onofre Jr.

Editor: Thiago Gonzaga

Diagramação e capa: Diolene Machado/ CJA Edições.

Arte da capa: Marinha de Dorian Gray

Catalogação na Fonte: Ana Cláudia Carvalho de Miranda – CRB15/261

R454

Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras / ANL. – n.55 (mar. 1951 -). - Natal: Offset Editora, 1951 - .

Trimestral.
Número atual: 55, abr./jun.2018.

ISSN: 0567-5995

1. Literatura - Periódico. I. Academia Norte-rio-grandense de Letras. II. Título

CDU: 8(05)(813.2)

SUMÁRIO

ARTIGOS E ENSAIOS.....9

GRAÇA E INVENÇÃO DO POETA - Diogenes da Cunha Lima 11

A VINGANÇA DO ESCRITOR CONTRA A IMPRENSA CARIOCA -Valério Andrade.....13

LOUVOR DE ALBERTO DA CUNHA MELO: ALGUMAS PÁGINAS ÉPICAS DA HISTÓRIA DA POESIA
Nelson Patriota.....17

SANDERSON NEGREIROS E A VANGUARDA DO RN
Anchieta Fernandes 23

LEMBRANDO SANDERSON NEGREIROS
Ivan Lira de Carvalho 27

O PRIMO NEWTON- Jurandyr Navarro 29

PERFIS E OUTROS TEMAS- Valério Mesquita 31

DA MATA, DO MUNDO: TITULAR JOÃO- Marcos Silva ...38

A SECA DE 1958 NA FAZENDA ARACATI
Benedito Vasconcelos Mendes 44

VISITA AO MUSEO ETNOGRÁFICO DE CASTILLA Y LEÓN, EM ZAMORA - Francisco Fernandes Marinho.....49

A POÉTICA FERVENTE DE LÍVIO OLIVEIRA - PARTE II.. -
Cássio Augusto Nascimento Farias 53

AS ACADEMIAS DE LETRAS DE NATAL
Carlos de Miranda Gomes.....69

DOM NIVALDO: 100 ANOS - Dom Jaime Vieira Rocha.....74

CENTENÁRIO DE DOM NIVALDO MONTE
Francisco de Assis Câmara.....77

DOM NIVALDO UM SANTO VIVEU ENTRE NÓS
Padre João Medeiros Filho.....79

DOM NIVALDO MONTE - SUA TRAJETÓRIA INTELECTUAL - Padre João Medeiros Filho.....82

ENTREVISTAS COM PRÊMIOS NOBEL III.....93

JOSÉ SARAMAGO: "ESCREVO para DESASSOSSEGAR" ...95

ANTONIO CANDIDO SOB O OLHAR DE HUMBERTO HERMENEGILDO..... 101

O PAPEL DE ANTONIO CANDIDO PARA A FORMAÇÃO DE NOVOS PESQUISADORES: ENTREVISTA
Humberto Hermenegildo de Araújo.....103

CONTOS E CRÔNICAS 111

O SILÊNCIO É HUMILHANTE - Vicente Serejo 113

SEMANA SANTA - Eider Furtado 115

ESTÁTUAS DE SAL - Aldo Lopes.....117

O CIRCO DA BAILARINA - Osair Vasconcelos.....122

MENINO DE PERIFERIA - PARTE 2 - Thiago Gonzaga 125

POEMAS 131

TRÊS POEMAS DE LÍVIO OLIVEIRA 133

DOIS HAICAIS E UMA CANÇÃO INESPERADA
Jarbas Martins 136

NECROLÓGIO..... 139

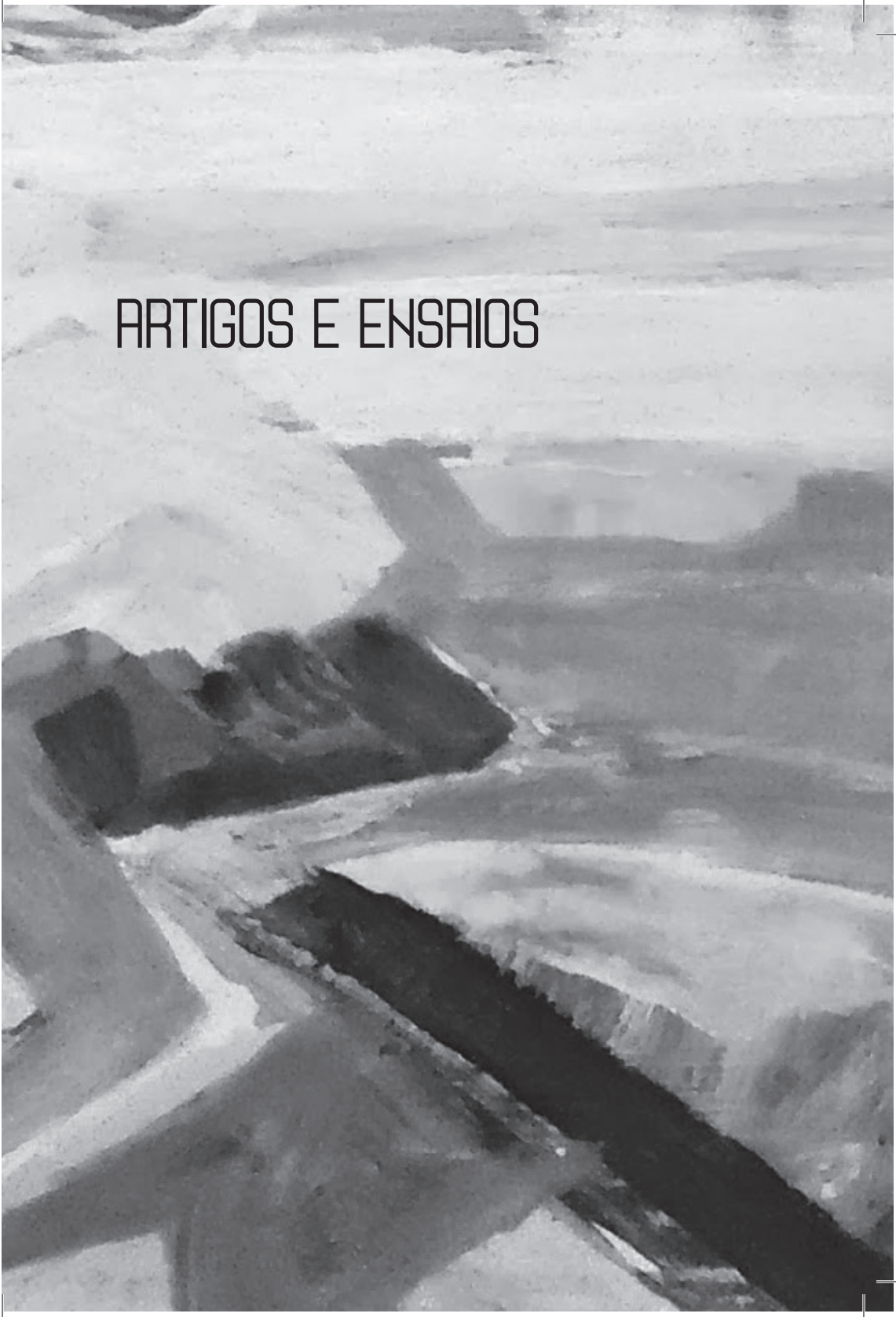
SANDERSON NEGREIROS - ORAÇÃO DE LOUVOR- Armando Negreiros 141

NOVO ACADÊMICO 147

DISCURSO DE SAUDAÇÃO AO ESCRITOR CLAUDER ARCANJO- Manoel Onofre Jr. 149

DISCURSO DE POSSE DO ESCRITOR CLAUDER ARCANJO - PALAVRAS DE UM PROVINCIANO 156

ARTIGOS E ENSAIOS



GRAÇA E INVENÇÃO DO POETA

Diogenes da Cunha Lima

Luís Carlos Guimarães (1934–2001) inventava ou modelava histórias, que despertavam o bom humor e o espírito. O poeta dizia investir em amizades. Teve lucro. A sua *aplicação* rendeu-lhe muitos amigos devotados, admiração unânime em nossa cidade e em muitas pessoas de qualidade no País.

Esse poeta do Brasil não teve, como merecia, o reconhecimento nacional, ainda que recebesse o louvor de grandes poetas. Entre os mais talentosos: Lêdo Ivo, Gilberto Mendonça Teles, Francisco J. C. Dantas, Sérgio Castro Pinto. Também de poetas tradutores como Ivo Barroso e Fernando Py e de escritores de expressão a exemplo de Pedro Nava e Juarez da Gama Batista.

Tinha razão Luís da Câmara Cascudo quando, desalentado, declarou que *Natal não consagra e nem desconsagra ninguém*. Em verdade, a literatura da província mal ultrapassa as fronteiras estaduais. Somos ilhas culturais no arquipélago brasileiro. Estamos longe dos polos, Rio de Janeiro e São Paulo. E mesmo dos centros difusores regionais: Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Salvador.

Luís Carlos dava às suas histórias contextos e contornos agradáveis. Ninguém distinguia o real da fantasia. Parece que o mais importante era o inusitado, surpreendente mesmo e o bom humor.

Ele aproveitou um sábado de carnaval para tentar pôr em dia leituras que tinha programado. Lia, feliz, em sua rede, quando Lêda, sua mulher, lhe repetia que fosse comprar um xarope para a tosse do menino. Saiu contrariado. Já no portão, encontrou os seus amigos Tota Zerôncio e Carlos Castilho. Tota estava fantasiado e Castilho vestido de anjo. Seguem para a farra. Luís volta no domingo, carnavalesco. Lêda, irritada, reclama tê-lo procurado por toda parte, inclusive no necrotério. A resposta: "Está aqui o xarope do

menino. A culpa não é minha, mas do anjo. Notei que as asas do anjo não cabiam no volkswagen e eu tive que encontrar um carro apropriado, a caminhoneta de um amigo".

Ao lado desse tipo de reação, Luís Carlos Guimarães foi profissional rigorosamente responsável e lúcido, jornalista, juiz e advogado. Em nosso Escritório, ele usava e abusava da "lógica do razoável". Eu o apresentava dizendo que o juiz Luís aposentou-se depois de 30 anos de lazer. Ele me dava o troco dizendo que não foi desembargador por minha causa. Explicava que ele, juiz em Lajes, foi por mim provocado com uma petição em versos e ele também assim despachou. Depois, lembrado o seu nome para o Tribunal, um desembargador poeta objetou afirmando que ele não levava o Direito a sério, a ponto de fazer poesia nos autos do processo.

Costumava olhar o tempo e convidava Artur Cunha Lima para uma cerveja: "Nós vamos dar um dia desses ao patrão?".

Nomeava amigos com apelido ou qualificação carinhosa. Um, ágil e posudo, seria Galo-de-campina, a mim se referia como Didi saxofone ou Didi passarinho. Dedicou-me poema composto com nomes de dezenas de passarinhos. O Gordo Celso da Silveira era "Flor obesa". Transformava o ludismo da vida na lúdica do verso e, então, acordava palavras esquecidas em impensadas associações.

Humberto Hermenegildo e eu estamos fazendo a sua Antologia Poética. A tarefa não é fácil, porque a dificuldade reside em escolher flores entre tão belas flores.

Como prometera a Carlos Newton Júnior, recebeu a "moça" Caetana com taças de vinho e partiu no fim da tarde. Deixou perdido o seu olhar azul, o tempo rememorado, desamparada a ternura, o sabor poético da vida. Verdadeiramente deixou a cada amigo acrescida solidão.

DIÓGENES DA CUNHA LIMA é poeta, escritor e advogado, autor de "Os Pássaros da Memória", "Câmara Cascudo – Um Brasileiro Feliz" e outros livros. Presidente da Academia Norte-rio-grandense de Letras, ex-reitor da UFRN e ex-presidente do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras.

A VINGANÇA DO ESCRITOR CONTRA A IMPRENSA CARIOCA

Valério Andrade

Quando Edmundo Bittencourt ausentou-se da redação, coube a Costa Rego a missão de manter os ideais e a tradição do mais influente jornal da Capital Federal e do Brasil. E também assegurar a proibição dos nomes, gravados em chumbo, dos inimigos do temido fundador e dono do Correio da Manhã.

Enquanto Costa Rego foi Redator-Chefe, nem Paulo Bittencourt, o herdeiro do jornal, teve poderes para retirar um daqueles nomes, mesmo entre os que haviam morrido.

UMA CONFUSÃO CINEMATOGRÁFICA - Ao entrar no imponente e sólido edifício de seis andares, situado na Av. Gomes Freire, 463, no centro do Rio de Janeiro, o jovem crítico de cinema do Correio da Manhã, Antônio Moniz Vianna, foi logo sendo avisado: "O senador Costa Rego quer falar com o senhor".

Ser chamado à sala fechada do Redator-Chefe, era visto na redação como um privilégio, mas também era motivo de preocupação. Costa Rego lia o jornal da primeira à última página, até as notícias de uma coluna. Tinha um olhar treinado para descobrir equívocos, o que era inaceitável, pois a credibilidade da informação era o capital de ouro do Correio da Manhã, que amanhecia na sala presidencial do Palácio do Catete.

Com a experiência de sete anos, Moniz antevia um problema à vista. Mas o que havia errado na sua crítica daquele dia?

Mais sisudo do que de costume, olhar raivoso, Costa Rego, levantando a voz, foi direto ao assunto, como se estivesse sob o impacto da descoberta de um erro na manchete da primeira página:

"Você sabe que este nome não é publicado no Correio da Manhã desde 1909!".

Veja que nem verbalmente ele citou o nome banido das páginas do jornal desde 1909.

Perplexo, mas já se refazendo do susto, por ser possuidor de uma memória prodigiosa, Moniz logo percebeu que não fora a crítica do filme que provocara a ira de Costa Rego, mas a nota de um curta-metragem brasileiro premiado no Festival de Cinema de Veneza.

"Mas Dr. Costa Rego eu não publiquei o nome proibido. O que houve foi uma coincidência de nomes. O Lima Barreto citado é um jovem e talentoso diretor de cinema paulista".

Depois de ficar longos segundos em silêncio, enquanto acendia novo charuto, Costa Rego, já com a fisionomia descontraída e aliviado pela memória de Edmundo Bittencourt não ter sido afrontada, fez um pedido, como quem sugere a mudança do título de uma notícia:

"Para evitar esse tipo de problema, peça a esse rapaz para mudar de nome!".

A BRIGA DO ESCRITOR COM O JORNALISMO CARIOCA – Ela começou em 1909, com a publicação do romance "Recordações do Escrivão Isaias Caminha", o mais violento e inédito libelo contra a imprensa carioca e, em particular, contra o Correio da Manhã.

Conforme salientou Francisco de Assis Barbosa, autor da antológica biografia de Lima Barreto, o livro "é uma sátira ao Correio da Manhã, escolhido entre os demais por ser o de maior sucesso, o mais representativo, o mais típico, o mais retratável dos órgãos da imprensa da época".

Faltou, porém, dizer que o narrador da história é o próprio Lima Barreto (com outro nome) que, por motivos não revelados, fora demitido ou tivera suspensas as colaborações por Edmundo Bittencourt.

A fúria de Lima Barreto contra a elite da imprensa carioca, na qual ele não era aceito, por "ser pobre e preto", atingiu o ápice contra o

Correio da Manhã descrito como um "museu de mediocridades, tendo à frente um diretor (Edmundo Bittencourt) violento, mestre de descomposturas, destruindo reputações em nome da moral, mas que não passava, na realidade, de um êmulo de Tartufo, corrupto e devasso".

O SILÊNCIO – O Correio da Manhã limitou-se a ignorar o livro e o Autor. A reação de Edmundo Bittencourt, que era advogado, também não resultou num processo de "calúnia e difamação". Limitou-se a decretação do sepultamento jornalístico de Lima Barreto.

De forma indireta, mas igualmente alvejados, "os demais jornais ficaram de pé atrás com o livro inconveniente e atrevido, onde tantas figuras ilustres e respeitáveis – algumas delas, diga-se de passagem, falsamente ilustres e falsamente respeitáveis - eram retratadas ao vivo, quase sem nenhum disfarce.

A chave, ou seja, os nomes dos citados em "Recordações do Escrivão Isaias Caminha", foi durante largo tempo, um segredo do polichinelo, de que muito se falava nas rodas de escritores e jornalistas, mas que ninguém se animava a denunciar por escrito. Coisas da província do Brasil...".

A REVELAÇÃO – Quem era quem no exterminador ataque de Lima Barreto, que, na visão de renomados críticos, era passional e caricatural, finalmente seria revelado numa publicação secundária, Vida Nova, pelo jornalista B. Quadros, pseudônimo de Antônio Noronha dos Santos.

Talvez não tenha sido total surpresa para quem conhecia o elenco do Correio da Manhã, mas, mesmo assim, havia revelações surpreendentes, como a inclusão de Coelho Neto, Afrânio Peixoto, João do Rio.

Alguns nomes do romance e os respectivos personagens da vida real: Ricardo Loberant (Edmundo Bittencourt); Aires d'Ávila (Leão Veloso); Veiga Filho (Coelho Neto); Raul Gusmão (João do Rio); Senador Carvalho (Marechal Pires Ferreira); Dr. Franco de Andrade (Afrânio Peixoto); Dr. Demóstenes Brandão (Juiz Cícero Seabra); Lage da Silva (Pascoal Segreto).

A SEGUNDA REVELÇÃO – Em 1940, numa biografia de Santos Dumont surgiu uma nova lista de autoria de Gondin da Fonseca, ratificando, ampliando ou discordando da original de B. Quadros. Uma das revelações chama especial atenção. Ele afirma que Plinio Gravatá, que apareceu na revista Vida Nova como Lima Barreto, na verdade, era uma fusão de Modesto de Abreu e Cândido Jucá.

Entretanto, já a inclusão de Costa Rego, citado como Oliveira por Gondin da Fonseca, é contestada por Francisco de Assis Barbosa, por causa de uma contradição cronológica. Pois, quando o livro fora escrito, o futuro Redator-Chefe era apenas um anônimo auxiliar de revisor. Portanto, antes, muito antes, de ter alcançado o topo da fama no Correio da Manhã.

O FIM DO SILÊNCIO – O fato, este inquestionável, é que o escritor nem depois de morto foi perdoado pelo "Tartufo" do Correio da Manhã. De 1909 até (pelo menos) 1954, seu nome foi publicado uma única vez, numa nota impessoal, informativa, sobre sua morte.

Depois da morte de Costa Rego em julho de 1954, quando Antônio Callado foi nomeado Redator-Chefe os nomes da lista de chumbo foram sendo derretidos, e, entre eles, o de Lima Barreto ocupava o primeiro lugar.

VALÉRIO ANDRADE é jornalista, crítico de cinema, atuou na revista "Manchete", dentre outros órgãos de imprensa.

LOUVOR DE ALBERTO DA CUNHA MELO:
ALGUMAS PÁGINAS ÉPICAS DA HISTÓRIA DA POESIA

Nelson Patriota

(Comunicação feita no lançamento da "Poesia completa" de Alberto da Cunha Melo, (Editora Record, 2001), no auditório Eva Herz da Livraria Cultura do Recife, em 6 de março de 2018).

A história da poesia tem páginas épicas: lembremos *en passant* duas delas. A primeira teria acontecido em Paris, nos anos 1960, quando o jovem italiano Antonio Tabucchi deparou num *bouquiniste* com o poema "Tabacaria", de Álvaro de Campos, um dos heterônimos de Fernando Pessoa, numa tradução francesa. O poema causou-lhe uma impressão tão forte que lhe abriria o mundo literário lusitano, permitindo que se apropriasse de alguns temas clássicos da história literária de Portugal, como a luta civil contra o salazarismo e a heteronímia pessoana, como se pode ler nos seus livros *Afirma Pereira* e *Os três últimos dias de Fernando Pessoa*. Na entrevista que concedeu a Tiziana Colusso, publicada no número 8 (dezembro de 2012) da revista *La République des Lettres*, Tabucchi é bastante explícito sobre sua reação ao poema de Pessoa. Disse ele: Se existe um poeta que escreveu um poema tão magnífico, é preciso que eu aprenda a sua língua".

A segunda história, narra que algo semelhante ao sucedido a Tabucchi, respeitadas as devidas proporções, aconteceu com o poeta Bruno Tolentino quando deparou com a poesia de Alberto da Cunha Melo, nos primeiros anos da década de 1990, ficando de tal modo maravilhado com tudo o que leu que não teve dúvida em afirmar, numa entrevista à revista *Veja*, em 20 de março de 1996, que o pernambucano era "o maior poeta brasileiro desde João Cabral de Melo Neto".

É importante, porém, que nos reportemos ao contexto da frase. Antes, o poeta carioca respondia a uma pergunta da *Veja* sobre a baixa qualidade (segundo Tolentino) da obra crítica dos irmãos Augusto e Haroldo de Campos. A certa altura, Tolentino afirma: "Nossa crítica suicidou-se matando o diálogo, o debate e a polêmica [...]. Quem já ouviu falar de Alberto da Cunha Melo, que vive escondido no Recife, e é nosso maior poeta desde João Cabral [de Melo Neto]? São deles estas palavras: 'Viver, simplesmente viver, meu cão faz isso muito bem'".

Quanto são os avatares de Bruno Tolentino hoje a aplaudir a poesia de Alberto da Cunha Melo? Impossível dizer, mesmo porque cada novo leitor que entre em contato com sua poesia repete de algum modo a experiência do espanto que acometeu o poeta paulista, há três décadas.

Nesse entretempo, a poesia de Alberto da Cunha Melo vem recolhendo ecos da frase retumbante proferida pelo poeta carioca nos anos 1990. Multiplica-se sem cessar o círculo de admiradores desse poeta país afora. Seus reflexos não se tardarão a sentir no estrangeiro, a exemplo do que sucedeu com o próprio Pessoa. A edição da poesia completa de Alberto da Cunha Melo pela editora Record, que é lançada hoje aqui, nesse tempo do saber que é a Livraria Cultura, abre um novo ciclo na recepção de sua poesia, consagrando-lhe um lugar cada vez mais relevante no nosso cânone literário.

É possível dizer, portanto, que a poesia de Alberto da Cunha Melo passa por uma transição, como costuma acontecer com toda grande poesia. A obscuridade que cerca como uma atmosfera de instabilidades caprichosas seus poemas, começa a dar lugar a uma transparência de baixa nebulosidade, através da qual já é possível perscrutá-la de perto, interrogá-la e discernir juízos estéticos encontráveis nas diferentes fases de seu trajeto.

Todavia, não se trata de uma aventura desprovida de riscos. Escolhos de variadas espécies aguardam o leitor na sua aventura albertina. Vale então atentar para a máxima "Tudo o que é belo é profun-

do", como se lê no poema "Ornamento" (Record. *Poesia Completa*, p. 645), que vale como uma súmula de sua arte. Grande arte, a que toda boa poesia termina por confirmar. O poeta John Keats, há dois séculos, em seu dístico que diz: "A thing of beauty is a joy forever" já revelara que a busca da beleza tem compensações inestimáveis...

Não há receita eficaz para a leitura dos grandes poemas, mas algo acontece quando a sentimos como parte de nós mesmos; como uma luz-guia para a obscuridade do mundo, para a dor que transcendentaliza o ser, conforme diz a epígrafe de "Yacala", de autoria do simbolista Cruz e Souza.

A propósito dessa que é uma obra da fase madura do poeta, poderíamos acrescentar uma terceira página épica da poesia: o vocábulo *yacala*, que o poeta encontrou no livro *Estudos sobre a poesia popular do Brasil*, de Silvio Romero, arrebatou-o de pronto, prova de que o arrebatamento – ou "deslumbramento", como está num poema famoso de Manuel Bandeira – é um fenômeno estético mais complexo do que aparenta ser, podendo referir-se ora a toda uma obra, ora a um só poema, ou ainda resumir-se a um único vocábulo.

Conta Alberto na "Nota do Autor" a *Yacala* (Record. *Poesia Completa*, p. 357): "Apaixonei-me pela palavra YACALA, que me surgiu bela, eufônica, luminosa. A partir daí ela ganhou maiúscula inicial e com ela batizei meu personagem, tendo no espírito o Homem, em seu sentido universal". Vale lembrar que a palavra *yacala* significa homem, quer em cabindo quer em quicongolês, diz a citada.

Mas voltemos ao exercício de admiração de Bruno Tolentino à poesia de Alberto da Cunha Melo. Tomo aqui a liberdade de me reportar a duas passagens de uma entrevista que fizemos com Alberto em 25 de março de 1998 para o jornal *O Galo*, que editávamos no Rio Grande do Norte. Adianto que, por essa época, Alberto já fazia parte do meu estreito círculo de amigos pernambucanos, cujo incentivador era o professor Pedro Vicente Costa Sobrinho, pernambucano ora residindo em Natal, e que me proporcionou a oportunidade de conhecer, entre outros, Marcus Aciolly, Jacy Be-

zerra Lima, César Leal, Fernando Freire, Fernando Monteiro e o casal Alberto da Cunha Lima e Cláudia Cordeiro.

Na primeira passagem da entrevista, Alberto, kafkiano confesso, conta a forma curiosa como conhecera Tolentino, pós-entrevista à *Veja*. Narra Alberto:

"Em 95, o endiabrado Bruno Tolentino, poeta de quem eu nunca ouvira falar, pois estava há trinta anos na Europa e tinha regressado no ano anterior, ao visitar o poeta Weydson Barros Leal, no Recife, este mostrou-lhe um velho livro meu (*Poemas Anteriores*), que reunia toda minha produção em octossílabos. Publiquei esse livro por insistência da pintora Claudia Cordeiro, minha mulher, e ele tinha passado praticamente despercebido no Recife (porque de lá as coisas não vão a parte alguma). Diz Bruno que leu o livro de um só fôlego, e no dia seguinte bateu lá em casa. E bateu tão forte que eu disse um palavrão e fui ver se algum PM estava arrombando a porta. Bruno quase voltava no mesmo pé, pensando que eu ia agredi-lo. O resultado é que ficamos conversando sobre poesia até três horas da manhã e de lá para cá ele vem divulgando meu trabalho e me trazendo para esse saco de gatos que é o mundo intelectual brasileiro, onde gestos como o dele, pela grandeza, generosidade e desprendimento, chegam a soar, diria Cabral, como "um sim, na sala do não".

Na segunda passagem da entrevista que nos concedeu, Alberto tenta relativizar a contundência de que Tolentino se valeu para enfatizar a qualidade de sua poesia. Diz Alberto:

"Para começar, Bruno não disse precisamente isso, na sua entrevista à *Veja*. Ele diz algo como "depois de João Cabral...". E não poderia ser diferente. Cabral não é apenas o maior poeta brasileiro deste século e um dos maiores poetas vivos do mundo. Ele é sozinho toda uma escola poética. É o único touro reprodutor da poesia brasileira de nossos dias. Ele não faz, apenas, uma grande poesia, ele faz poetas". É sua primeira tentativa de minimizar a impactante fala de Tolentino à *Veja.* Mas, insistimos, o poeta carioca não deixou margem para dúvida, e se Alberto substituiu marotamente o

"desde João Cabral" por um "depois de João Cabral", atribuamos tal artifício à tentativa de driblar a condição em que o colocou o "endiabrado" Tolentino.

É verdade que, ao final da entrevista Alberto recorre a um segundo artifício para relativizar o caso Tolentino. Diz ele: "Eu, particularmente, não me coloco nas alturas que Bruno me vem colocando. Mesmo porque as diferenças entre os verdadeiros artistas são mais de natureza do que de grandeza. João Cabral, Juan Ramón Giménez, Tagore e Rilke são poetas de natureza diferente e, porque são artistas verdadeiros, cada um deles tem seu espaço exclusivo na galeria de minhas admirações. Não estamos num concurso de Mister Universo, para saber quem é o novo Schwarzenegger".

Tom e metáfora dão a entender que Alberto viu na declaração de Bruno Tolentino mais do que um cumprimento, o que contrasta com a reserva mais-que-cautelosa com que recebia elogios, quaisquer que fossem. Uma prova cabal desse "low profile" do autor de *Meditação sob os lajedos* é a luta contra o tempo, pois Alberto nunca achava que escrevera toda a poesia que trazia em si. Isso o mantinha numa sofreguidão laboral permanente. A explicação para isso é simples: se a poesia lhe vinha aos borbotões, a escrita devia seguir na mesma pegada.

Isso implica outro fenômeno albertino: metade da sua poesia enfeixada na *Poesia Completa* (Record, 2018) é inédita, revelando que o poeta levara às últimas consequências seu compromisso vital: escrever; quanto a sua publicação, isso poesia poderia esperar.

Manuseando sua *Poesia Completa*, não podemos deixar de dar mais essa razão ao poeta na sua aposta com o futuro. Sua poesia se encontra hoje mais viva do que jamais o foi em qualquer época.

Mas não percamos tempo especulando sobre esse sortilégio temporão da arte. Seria razoável afirmar que a poesia costuma entregar os louros aos seus favoritos *a posteriori*. A *Obra completa* de Alberto da Cunha Melo agora nos oferece a rara oportunidade de vê-lo por inteiro em seu elemento, e embora não fosse loquaz, me-

nos ainda eloquente ao falar de si, Alberto pode agora responder a todas as nossas perguntas através desse meio que seu livro nos franqueia. Basta que o leiamos.

Vai aqui e agora um exercício de leitura albertino. Trata-se do poema "Sertão Central e de Crateús", extraído do livro "O cão de olhos amarelos" (A Girafa, 2006). Antes de lê-lo, vale ressaltar que o poema contém o embrião de uma arte poética, apontando para o sentido e o fim da poesia. Eis o poema:

SERTÃO CENTRAL E DO CRATEÚS

Alberto da Cunha Melo

Que a poesia seja
a arte de dar nome
a todos os bois:
aos pesados novilhos
do fazendeiro-prefeito
e às duas cabrinhas
do morador submisso
e por isso chamado
de morador perfeito;
que a poesia seja
a arte de dar fome
de justiça
a todos os homens

NELSON PATRIOTA é escritor, crítico literário e poeta, autor de *Uns Potiguares*, *Tribulações de um Homem Chamado Silêncio* e vários outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

SANDERSON NEGREIROS E A VANGUARDA DO RN

Anchieta Fernandes

O poeta e jornalista cearamirinense Sanderson Negreiros, que escreveu e publicou alguns livros de poesia em verso e utilizando elemento verbal, palavras ("O Ritmo da Busca", "Fábula Fábula", "Os Lances Exatos" e outros), foi, até falecer em Natal, em 19 de dezembro do ano passado, o primeiro e único ocupante da cadeira nº 40 desta Academia de Letras. Mas ele escreveu também poemas experimentais, e defendeu e contribuiu para o embasamento teórico da vanguarda no Rio Grande do Norte.

Após alguns meses do lançamento da Poesia Concreta, em São Paulo, em 1956, houveram adesões (inclusive o conhecido poeta modernista Manoel Bandeira chegou a fazer alguns poemas concretos) e rejeições. Em Natal, pelas páginas do jornal "Tribuna do Norte", o escritor potiguar Jaime Hipólito Dantas fez críticas contundentes, inclusive chamando a poesia concreta de palhaçada. Teve imediato rebate do poeta Sanderson Negreiros.

Que no artigo "Poesia Concreta Não É Palhaçada", publicado no suplemento "TN – Letras e Artes", do mesmo jornal "Tribuna do Norte", a 07/09/1957, defendeu o movimento do concretismo, que ele considerou "um movimento característico de uma época", explicitando sua defesa com o seguinte argumento, forjado ainda na mística filosófica do próprio Sanderson: "Ao conceber-se a grande síntese do universo, do espaço não euclidiano, ao chegar-se a desintegrar o átomo e descobrirem-se novos elementos desse átomo, como o fóton, a poesia como toda a arte em geral, requer necessariamente um espaço dimensional, isto é, novos recursos espacionais."

Sanderson Negreiros não assinou o manifesto ("Por Uma Poesia Revolucionária, Formal e Tematicamente"), com que o Grupo Dés de poetas concretos natalenses abriu a I Exposição de Poesia Concreta Na-

talense, na Galeria de Arte do Município, a 05 de dezembro de 1966, comemorando os 10 anos de existência da Poesia Concreta.

Mas um ano depois, um novo movimento de vanguarda surgia. Em 11 de dezembro de 1967, simultaneamente com o Rio de Janeiro, acontecia em Natal a primeira exposição do Poema/Processo, denominada entre nós com o título "Explo – 02", porque era ainda um trabalho resultante da ação do Grupo Dés, e se apresentava como a segunda exposição explosiva do grupo em nível nacional (com trabalhos de poetas de vários estados). Esta primeira exposição do Poema/Processo em Natal foi mostrada no Sobradinho (Museu Café Filho), e nela foi distribuído o manifesto "poesia nova, processo novo: 8 pontos", que desta vez foi assinado por Sanderson Negreiros, e Dailor Varela, Anchieta Fernandes, Falves da Silva, Fernando Pimenta, Frederico Marcos, Marcos Silva, Moacy Cirne, Nei Leandro de Castro e Ribamar Gurgel.

Em 1968, Sanderson divulgou sua tese "Operação/Poema", constituída do seguinte texto em ordem enumerável:

I – Se o poema/processo ficar ou insistir no poema único, tributável, cairá no mesmo beco-sem-saída da poesia concreta.

II – Arte tem de ser produto industrial ou industrializável. E o poema/processo existe não só para ser consumido e digerido. Tem de ir além para não se fossilizar. Tem de ser "projeto". O poeta à maneira de um arquiteto-engenheiro pode e deve "vender sua idéia" de poema.

III – Dar começo a que o (possível) poema cresça e se faça em tantas mãos quantas vezes ele for manipulado, revisto, diminuído, aumentado ou destruído. Principalmente **destruído** para que surja outro poema e, em cadeia, estabeleça-se uma continuidade "ad infinitus".

IV - O poeta **projetará** sempre – os outros realizem o poema ou ajam como quiserem, pois só assim haverá realmente "processo". O poema único dentro de pouco tempo vira peça de museu. O poema tem que apodrecer primeiro para depois rebentar.

V – Daí o que ambiciona a "operação/poema". Possibilidade. Travessia. A inumerável capacidade do consumidor/participante fazer o poema, desde que o "projeto" contém em perpetuidade a voltagem da modificação.

VI – Primeiramente, sugerimos nossos "projetos". Que poderão ser três, dez ou dois mil. Por ora, num sentido didático mais aberto, instituímos, por exemplo, o projeto permutacional de "slogans-chavões".

VII – O consumidor/participante aproveitará o número imenso de "slogans-chavões" que existe para aproveitá-los no poema/processo. Aqui indicamos três exemplos que poderão ser multiplicados em milhões.

a) Dê .....para o bem do Brasil.

b) A .....é o preço da eterna vigilância.

c) .....é a solução.

VIII – Três "slogans-chavões" que poderão ser operados com quantas palavras se quiser. Servindo para que sejam infinitamente modificados, intencional ou circunstancialmente. Inseridos em cartazes, o consumidor/participante escolherá as palavras que lhe convierem para o preenchimento.

IX – Outro exemplo: do relógio. Teríamos um relógio em nossa frente e mais 12 palavras-hora e 60 palavras-minutos correspondentes. À proporção que a gente mudar os ponteiros com nossas mãos, estaremos fazendo significar nossa escolha. Porque cada hora (12) corresponderá a uma palavra-chave e cada minuto (60) também. As palavras ficariam à livre escolha do consumidor/participante.

X – Mais: esse consumidor/participante teria diante de si a pergunta: VOCÊ CONCORDA COM A COEXISTÊNCIA? Ao seu lado estariam retratos dos 30 chefes de Estado mais importantes do momento. Teria de escolher três deles para responder à pergunta. A "escolha" definiria tudo.

XI – A “operação/poema” tem a vantagem de: ficando o consumidor/participante inteiramente certificado de ter entendido o “projeto”, realizará não só os indicados agora, diminutamente, mas fará outros tantos “projetos” que quiser para os realizar em cadeia até reduzi-los a novas concepções e/ou destruições.

Comentando esta “operação/poema” sandersiana, Moacy Cirne, em seu livro “Vanguarda: um Projeto Semiológico” (Editora Vozes, Petrópolis, 1975) afirma que a operação/poema “antecipa, a partir da problemática do poema/processo, certas experimentações que se fazem hoje no estabelecimento de textos que buscam fixar, no mesmo espaço-tempo poético, a unidade prática/teoria/crítica”.

ANCHIETA FERNANDES é poeta e ensaísta. Autor de diversos livros, dentre eles, “Por Uma Vanguarda Nordestina”.

LEMBRANDO SANDERSON NEGREIROS

Ivan Lira de Carvalho

Conheci Sanderson quando ingressei na graduação em Direito na UFRN, na mesma turma de Ângela, sua esposa, que já era formada e estava fazendo o segundo curso. Ele era Chefe da Casa Civil do governo Tarcísio Maia.

Acompanhava a mulher nas nossas confraternizações, que eram bem frequentes - e não só natalinas, como atualmente. Aí os nossos papos amiudavam, sobre cultura geral e "causos" que ele amealhou na vida acadêmica e nos cargos públicos que exerceu. Tirava onda consigo, ao recordar que chamou o "vade mecum" de "quo vadis" nos primeiros tempos de faculdade. Misturou o bolor dos fóruns com a Sétima Arte, pela qual tinha maior predileção.

Dizia-me da admiração profunda pelo irmão padre, Emerson, que foi vigário de Santa Cruz por muitos anos e para onde rumava em férias o seminarista Sanderson, balançado entre as virtudes sacerdotais e o apego à literatura laica. Findou vencendo o extra-muros do vetusto prédio curial da Av. Campos Sales. Consolidou-se a opção com a entrega de todo amor armazenado no coração-sentimento à doce Ângela, anjo da sua vida dali em diante.

Em nova esquina da vida o destino nos marcou um encontro: pouco tempo depois de formados - um ano e meio, com precisão - eu e Ângela fomos aprovados em concurso e ingressamos na magistratura do Estado do Rio Grande do Norte. Eu fui presidir a Comarca de Augusto Severo, miolo do Médio Oeste; ela foi judicar em Touros, linda praia onde os alísios curvam o continente. A cada jantar, a cada almoço, a cada solenidade, a cada celebração que a vida funcional nos proporcionava, eu sempre arranjava um jeito de sentar-me à mesa do poeta, para entre taças de vinho e garfadas generosas (ele era bom nessas duas ferramentas...), abastecer-me de saber e de bondade. Certa feita dedicou uma noitada a explicar-

-me as virtudes da doutrina espírita e o sentido da eternidade; do real valor da expressão "plano" no contexto kardecista. O aluno aqui, indo com mais frequência à taça do que ao garfo, perdeu as conclusões da aula, à medida que a sobriedade esfumou-se como o perfume da bebida. Mas juntei pedacinhos daqueles ensinamentos e montei, à minha maneira, a compreensão das vidas repetidas.

Noutras jornadas expunha o seu desejo de estruturar em páginas uma novela que tinha prontinha na mente, ambientada no sertão cearense, cercanias de Pereiro, onde as pessoas deixavam um casarão histórico fechado e partiam para outras plagas e quando retornavam, anos adiante, encontravam tudo intacto - paredes, portas, teto, mobiliário, utensílios -, mas que se desmanchavam ao simples toque dos dedos, reduzindo-se a pó. As quadras se passavam e a cada encontro eu lhe cobrava a obra, obtendo a resposta gargalhada "ainda não".

Há poucos anos um abril chegou com a triste notícia da morte de Ângela. De logo vaticinei que em breve partiria Sanderson, independentemente do seu estado de saúde. E assim aconteceu, com três anos de intervalo. Não li, mas acredito que no registro do seu óbito, no espaço destinado à "causa mortis", o oficial lançou a palavra "saudade".

IVAN LIRA DE CARVALHO é escritor, professor da UFRN e Juiz Federal. É membro da Academia de Letras Jurídicas do Rio Grande do Norte, do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e do Conselho Estadual de Cultura.

O PRIMO NEWTON

Jurandyr Navarro

O meu parentesco com Newton Navarro Bilro é pelo lado materno. Almira, a minha mãe, e Celina, a dele, pertencem à Família Torres Navarro. Eram elas primas carnais, ou seja, as suas genitoras Josefa e Maria Clara eram irmães e casadas com dois irmãos: José de Morais Navarro e Joaquim Taurino de Morais Navarro, respectivamente. O mesmo parentesco ocorre com Grimaldi Ribeiro e Moacyr de Góes, respectivamente, filhos de Taurina e Idália Navarro.

Crescemos juntos quando frequentávamos a mesma classe no Marista, até a nossa transferência para o Atheneu. Desde pequeno que Newton exibira o seu talento polimorfo. Era o segundo da turma. O primeiro era Grimaldi e o terceiro, João Ururahy. Com os três fizemos parte da Cruzada Eucarística dirigida pela inteligência fulgurante do Padre Luiz Monte, Capelão do Colégio. E juntos fizemos os cursos primário e ginasial.

Na sua poesia, reverenciada pela coluna de Woden Madruga, no dia da sua morte, Newton fala das Roupas: brancas, de outros matizes e da cor negra, cor da mortalha, que um dia iria vestir, como todos nós a vestiremos, cedo ou tarde. E alude também à farda com seus botões dourados. Recordava a farda do Colégio: a caqui e a branca, de gala. Esta ultima usada aos domingos, pela manhã, durante a Santa Missa e nas paradas escolares. Era a farda caqui a farda da rotina diária, a farda das aulas. A outra, das passeatas cívicas do então Governo Vargas, principalmente nos dias das celebrações da Independência pátria e no chamado dia da Raça, cinco de setembro.

E o nosso Pelotão formava fardado de branco e capacete luzidio sob o comando do aluno Clóvis Motta. E depois das passeatas, com todas as companhias formadas no páteo do Colégio, em posição de sentido, ouvia-se, em silêncio, depois das boas vindas do Irmão

Diretor, o discurso inflamado de um colega meio aloirado, trepidante e irrequieto e orador aos dezesseis anos, chamado Romildo Gurgel.

Depois de alguns anos Newton foi para o Recife frequentar a Escola de Belas Artes, se me não engano, que ficava no Derbi, confrotando-se com a de Ciências Médicas. Ía para a Mauricéia aprimorar o talento no seu despertar promissor. Por esse tempo já vibrava na política estudantil ao lado de Grimaldi e José Gonçalves, frequentando as tardes do Savoy e as noites da Sertã, com os novos colegas do Recife.

Com o passar do tempo o seu talento foi se ampliando tornando-se quase universal, em termos de cultura humanista. Atuava com desenvoltura e leveza no teatro, na imprensa, na tribuna, nas telas como desenhista e pintor e, de alma inspirada, alcançava a mais sentimental das artes, a poesia.

O seu valor foi logo reconhecido por todos inclusive pelos luminares da cultura nordestina, da época: Gilberto Freyre e Luis da Câmara Cascudo despertando depois a curiosidade européia.

A boemia ocupou boa parte da sua vida, vivida, toda ela, verticalmente, como dissera, em oração de despedida, o seu irmão-poeta Gilberto Avelino. A inteligência, que ornava a fronte, jamais o cegou pela vaidade, portando-se sempre humilde e afável e nunca abjurando a doutrina católica. Tanto na sua Poesia, como na sua Pintura, o sagrado sempre superou o profano.

O seu passamemto entristeceu a Cidade que o amava e que por ele era amada.

Morreu Newton Navarro, mas o acervo cultural deixado pelo seu talento, imortalizará, sem dúvida, a sua Memória, que sempre será cultuada pelas gerações que o conheceram e, certamente, pela inteligência do porvir.

JURANDYR NAVARRO é escritor, autor de "Páginas de Verão" e outros livros; organizou a antologia do Padre Monte, entre outras. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

PERFIS E OUTROS TEMAS

Valério Mesquita

A formação jornalística de Machado de Assis moldou-lhe o estilo e a visão do Brasil do seu tempo. Câmara Cascudo, o grande Cascudo, inesgotável na abrangência de sua obra, aprimorou o seu estilo, inconfundível, leve, aliciante, conciso e agradável, ao escrever, diariamente, as suas Actas Diurnas. Ali, nas páginas inesquecíveis da República, está, dia a dia, a História do nosso povo, de nossa sociedade, por um período marcante do século XX. Mas também os sentimentos humanos que adquiriram e revelaram sua abrangência universal. Refiro-me ao sentir e ao sonhar dos povos, em escala planetária, entre as duas grandes guerras, no transcorrer da Segunda Guerra Mundial e a construção de um novo mundo após, o cataclisma de destruição gerado pelo ódio e pela insanidade dos homens.

Eis o universo, complexo e desafiador da vida profissional de João Batista Machado. Aquele rapaz, inquieto e idealista, que deixou a sua querida cidade de Assu, na década de 1960, para realizar seus sonhos em Natal. Sua vocação se revelou espontaneamente. Foi uma opção de vida. Seu salto para a maturidade, exaurindo prematuramente sua adolescência, ocorreu ao exercitar o jornalismo na Tribuna do Norte. Nos anos 70, jornalista reconhecido e disputado, realizando inesquecíveis reportagens e entrevistas com os grandes homens públicos do Estado, encontrava-se no primeiro time do Diário de Natal. Naqueles tempos, o jornalista, além do compromisso com a verdade e a preservação de sua dignidade profissional, tinha que conviver com os constrangimentos emanados da conjuntura político-institucional. João Batista Machado jamais sucumbiu nos seus valores e nos seus compromissos ético-profissionais.

Cascudo, comentando em tom jocoso o quotidiano do viver em Natal, dizia que ”nesta cidade tudo se vê, tudo se ouve, nada se esconde”. O conceito profissional como jornalista digno e compe-

tente foi o referencial que levou o governador Tarcisio Maia a convidar João Batista Machado para assumir e exercer em seu governo o cargo de Secretario de Imprensa. Do mesmo modo nos governos de José Agripino Maia, Radir Pereira e Vivaldo Costa. Também exerceu o cargo de Assessor de Imprensa da Federação do Comercio do Rio Grande do Norte e do sistema SESC/SENAC. Foi também Diretor de Comunicação Social do Tribunal de Contas do Estado.

Carlos Castelo Branco, que, através de sua coluna diária no Jornal de Brasil, registrou e analisou a nossa História em 50 anos do século XX, dizia que o jornalista é ao mesmo tempo personagem e espectador da História.

E por falar em Castelinho, o genial jornalista que reinventou o jornalismo político no país com brilho e credibilidade informativa, devo dizer que João Batista Machado também assim procedeu com relação ao Rio Grande do Norte, tanto através de suas reportagens ao longo do tempo, como através dos seus livros. E registro, igualmente, a simpatia e apreço que o pequeno grande jornalista piauiense, devotava ao seu colega de Assu, - amizade construída em Natal em 1982, quando aqui veio em missão profissional, deixando os dois, como não poderia deixar de ser, pelos bares e restaurantes natalenses, a marca registrada do consumo do melhor escocês. Quatro anos depois, Machado precisou retificar uma noticia veiculada na célebre coluna do Castelo no Jornal do Brasil a respeito da política do RN. E para merecer uma acolhida in totum, nessa coluna, só quem desfrutasse efetivamente de prestigio político e cultural ou da estima pessoal do renomado jornalista. O nosso João Batista ocupou o espaço que a amizade e a admiração do seu colega lhe permitiam na edição do Jornal do Brasil de quarta-feira, 17 de setembro de 1986, através da transcrição de um longo esclarecimento.

João Batista Machado fez História. Seus livros, todos eles, preservam a memória política do nosso Estado. Dão-lhe vigor e autenticidade. Assim se sucederam "De 35 ao AI-5", "Política no atacado e no varejo", "Anotações de um repórter político", "Como se fazia governador durante o regime militar", 1960": Explosão de

paixão e ódio" e "Perfil da República no Rio Grande do Norte". A sair, "Testemunho de Ausentes" (48 perfis). A vida profissional e a obra de João Batista Machado, limpo e isento, há muito tempo, tornaram-no membro desta Casa. Sua posse formal, pública e solene, é apenas mais um gesto de reconhecimento e gratidão da sociedade a quem tanto ilustra e honra, com seu exemplo de jornalista ético e competente, de uma conduta pessoal feita de dignidade, e sua obra, documento vivo e imperecível da nossa História.

ALOÍSIO MAGALHÃES

Nascido em Pernambuco, em 1927, Aloísio Magalhães foi o grande idealizador, criador e primeiro Presidente da Fundação Nacional Pró-Memória. Intelectual, erudito, falava cinco idiomas fluentemente. Exerceu a Diretoria do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, tendo sido o primeiro Secretário da Cultura do MEC. Irrequieto, ágil nas profícuas administrações, defendeu com obstinação, harmonia e competência a política cultural brasileira principalmente ao tempo do ex-ministro Rubem Ludwig. Inclusive, estiveram juntos aqui em Natal para definir inúmeros projetos de recuperação do patrimônio histórico do Rio Grande do Norte, no começo dos anos 80.

Aloísio Magalhães valorizou, sobremaneira, não apenas o patrimônio material, mas também todos os saberes e fazeres populares que representam a verdadeira identidade nacional: a cultura popular. E por que eu relembro a data com emoção e saudade?

Conheci o Dr. Aloísio em 1980, ao assumir a presidência da Fundação José Augusto. Homem cordial e afável, possuía notável sensibilidade para com os problemas culturais do nordeste, rico e expressivo patrimônio histórico da colonização portuguesa. Direcionando a sua política de resgate de monumentos tombados a nossa região, o Rio Grande do Norte foi altamente contemplado em sua gestão com as seguintes restaurações: a passarela do Forte dos Reis Magos, a antiga cadeia pública de Mossoró, hoje centro cultural, o antigo Quartel General da ID7, hoje Memorial Câmara Cascudo e

a Igreja de Nossa Senhora do Desterro, em Vila Flor. Isso sem falar, no apoio financeiro através da antiga Fundação Nacional de Arte – FUNARTE, aos grupos folclóricos do Rio Grande do Norte, com a participação especial e orientadora do folclorista Deífilo Gurgel.

Quando li a notícia do seu desaparecimento fui remexer o baú das fotografias daquele tempo. Revi as fotos das nossas reuniões na sede da Fundação José Augusto, na Fortaleza dos Reis Magos, nas inaugurações e me abateu um imenso vazio pela perda tão prematura de um inexcedível promotor cultural e amigo sincero e honesto do Rio Grande do Norte. Desapareceu aos 55 anos de idade quando tinha ainda muito a oferecer ao país. O nosso Estado muito lhe deve. Não seria despropositado reverenciar-lhe a memória no transcurso dos vinte anos de sua morte, através do título de cidadania potiguar post-mortem ou a própria Fundação José Augusto imaginar e sugerir algo que reponha perante os norte-rio-grandenses a importância e o talento desse pernambucano que serviu a nossa cultura e ao patrimônio histórico carreando recursos que poderiam ter ido para outros Estados. Aloísio Magalhães não merece que se atire na estrada do seu grande mérito o lixo desonroso do esquecimento.

RUA DA CRUZ Ns. 39 E 40

Quando revisito a rua da Cruz, em Macaíba, vejo o tempo. Uma das reminiscências mais gratas da minha infância está exatamente situada nos números 39 e 40. É um cenário de lembranças inapagáveis de vultos e instantes vitais. Rua estreita, mas bicentenária, a rua Francisco da Cruz é um universo de recordações onde as Cinco Bocas continuam a ser o seu epicentro. Todas as artérias que convergem para ele são como estuários de rios antigos navegados por velhos moradores de histórias sem fim. A residência de número 39 era a de Dona Nair de Andrade Mesquita. Nela vivi praticamente toda a minha existência. Já rememorei, em crônica, o seu jardim e as dimensões emocionais dos seus habitantes e dos seus cômodos. Sempre foi a casa de portas abertas e o abrigo seguro dos pobres e desvalidos. Nela estão gravadas nas paredes os gestos

humanos do seu capataz, o velho Alfredo Mesquita, meu pai, que sempre resgatava o brilho dos seus olhos na visão repetida das ruas de sua cidade, como eterno namorado e provinciano. A casa de nº 39 era a sua Escola de Sagres, de onde nunca quis sair ou viajar, porque se revigorava com o vento leste do qual falava o poeta Gilberto Avelino. Preferia a janelinha aberta sobre a imensidão de sua aldeia, onde sempre viveu franciscano e disponível ao seu povo. O casal Mesquita e Nair foram habitantes permanentes da área da casa de número 40 dos amigos Francisco Canindé de Moura e Joanete Ribeiro Moura. Todos os dias, todas as noites, lanço um olhar retrospectivo e de saudade para a área e reencontro os seus alegres convivas: Mário Fernandes, Irene Monteiro, Dulce Matias (Dona), Cícero Pessoa, Anita Simplício, Mesquita e Nair, e, comandando essa nave do tempo, Seu Chico Moura e D. Joanete.

Vez em quando relembro o ambiente. Renovo as lembranças, o jogo de sueca, o sorvete das tardes de domingo antes do jogo de futebol, onde eu ia, menino, sob os cuidados de Chico Moura, ao campo perto do velho cemitério de São Miguel. Revisito o mesmo mosaico e paredes da casa, testemunhas de conversas políticas e mexericos sobre a vida da cidade. Recordei as lorotas e as frases de Joanete, extrovertida e alegre: "Juro, pelos peitos da cachorra de João Facão!". Ou a outra exclamação pesarosa quando escutava o sino da Igreja Matriz dobrando finados por alguém falecido: "Ai, meu Deus, quem será o triste da pancada do sino!". Com minha mãe, durante muito tempo, formou uma dupla insuperável de apostadoras no "jogo do bicho". Sistematicamente "amarravam" o gato na milhar, na dezena, na centena e no grupo (gato é o nº 14). E durante mais de três meses, não deu gato na banca e daí desistiram por algum tempo.

São histórias simples porque hoje, os personagens não existem mais. As duas casas, de frente uma para a outra, me parecem dois relicários de um mundo semidesaparecido de castas emoções e de sublime beleza. Recorro à frase espiritualista de D. Nair: "Meu filho, são as transformações da vida".

SOBRADÃO – RUA DO COMÉRCIO 31

Tempos passados, numa noite fria desse inverno, desabou o teto do sobrado da rua João Pessoa nº 31, ou rua do Comércio, Macaíba, como era antes denominada. O prédio tem um valor sentimental para nós da família de Alfredo Mesquita Filho. Ali nasceram, no andar superior, Nidia Mesquita, minha irmã, e eu.

O casarão pertenceu ao meu avô paterno Alfredo Adolfo de Mesquita desde o inicio do século passado onde montou a sede do seu comércio de tecidos, perfumaria, miudezas e artigos em geral. A sua construção é do final do século dezenove. Constituía-se no último sobradão antigo que resistiu a onda modernista de novas edificações que desfigurou completamente a feição tradicional e clássica do centro da cidade. Na rua do comércio desapareceram a casa de Auta de Souza e Henrique Castriciano, o sobrado onde nasceram Alberto Maranhão e Augusto Severo, a residência antiga do farmacêutico José Augusto Costa, o prédio da antiga Intendência ao lado da Farmácia Milagrosa, o sobrado onde negociou mais recentemente o comerciante Francisco Saraiva Maia, além do 1º andar do Clube Sete onde se divertia a nata da sociedade nos anos 20 e 30, lá perto da ponte.

Voltando a construção que ruiu, além do meu avô, residiram lá os meus pais de 1933, quando se casaram, até os idos de 1945 ao se transferir para a casa a residência da rua Dr. Francisco da Cruz nº 39, com a transferência de minha avó paterna Ana Olindina de Mesquita para Natal, onde faleceu posteriormente. No seu inventário, posto que o seu marido falecera em 1929, a residência da rua da Cruz ficou com Alfredo Mesquita Filho mas o sobrado da rua João Pessoa tocou para o irmão Vicente Mesquita. Vale acrescentar que vários inquilinos ali residiram após o casal Alfredo e Nair haverem se mudado: Cícero Luís e Silva, José Álvares e o próprio Alfredo Mesquita quando reformou a casa da rua da Cruz entre 1959 e 1962, aproximadamente. Finalmente, o sobradão de nº 31 da rua do Comércio foi adquirido pelo comerciante João Nicolau de Oliveira, pai dos amigos Jorge, Zito, Joziel, Jonas, passando a residir.

Com o seu falecimento e a divisão do espólio, coube ao seu filho e advogado Juarez Lima a herança do referido imóvel. Com o passar do tempo, vendo os antigos sobrados das ruas João Pessoa (hoje R. Nair Mesquita) e Nossa Senhora da Conceição serem demolidos, manifestei, por duas vezes, o desejo de adquiri-lo através de emissários e familiares do proprietário, não sendo possível, todavia, consumar o intento. Agora, com o infortúnio do seu desmoronamento foi-me oferecido por intermédio de alguns familiares a sua compra. Passei diante do sobrado, revivi as minhas silenciosas emoções e deplorei não poder concretizar o meu sonho. Admito que o trabalho de restaurá-lo fidedignamente é hercúleo e caro. Sei, apenas, que ali, sob os escombros há de ficar um significativo pedaço da história de nossas vidas.

VALÉRIO MESQUITA é escritor, autor de "Notas de Oficio" e vários outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, ex-presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

DA MATA, DO MUNDO:
TITULAR JOÃO

Marcos Silva

"Porque a formiga é a melhor amiga da cigarra,
raízes da mesma fábula
que ela arranha, tece e espalha no ar."
("Cigarra", de Milton Nascimento e Ronaldo Bastos)

Conheci João da Mata Costa em 2002, durante palestra que fiz quando organizei a coletânea *Nelson Werneck Sodré na Historiografia Brasileira* (Bauru: FAPESP/EDUSC, 2001) e a lancei na Cooperativa Cultural da UFRN.

Convidado em 2017 para integrar a Banca Examinadora de seu Concurso de Professor Titular na UFRN, casa onde lecionou meu querido amigo Joel Carvalho e onde semeou livros meu também querido amigo Luís Damasceno, fiquei muito contente, mas, ao mesmo tempo, apreensivo. Sou um Historiador e ele é um Físico! Nunca participei de Banca Examinadora em sua área de Conhecimento (atuei, além de História, nos campos de Educação, Comunicações, Ciências Sociais, Psicologia, Letras). O que eu teria a dizer sobre o trajeto acadêmico de João?

Lendo seu Memorial, entendi melhor que a História pode ser uma boa amiga da Física, talvez sua melhor amiga, *"raízes da mesma fábula"*, seguindo a bela canção de Milton Nascimento e Ronaldo Bastos. Mesmo que não seja a melhor amiga da Física, a História é sua boa companheira, como as memórias de Galileu, Oppenheimer e Schenberg, dentre tantos outros, nos ensinam.

UNIVERSIDADE

Antes de mais nada, a Universidade nos irmana. Se não fosse assim (quer dizer: se uns saberes não estivessem dentro dos outros), a universidade se reduziria a particularidades das especializações – cada macaco no seu galho. Universidade existe porque tudo é importante para todos. Mesmo as tradicionais separações entre Artes e Ciências, ou entre Ciências Humanas, Ciências Biológicas e Ciências Exatas, se revelam inadequadas aos olhos do rigor acadêmico: todas as Ciências são Humanas porque feitas por e para homens e mulheres, que se buscam nas buscas, conforme o belo verso de Haroldo de Campos, citado por João em seu Memorial (p 90); todas as Ciências possuem horizontes de exatidão (sempre de forma aproximativa) e são também biologicistas (quem faz Ciência é um ser vivo num mundo de tantos outros seres vivos); Artes são Razões Sensíveis, Ciências são Belezas Precisas; sensibilidades e precisões aprendem umas com as outras e se misturam de formas inesperadas - penso no Espaço/Tempo em Poéticas Visuais tão distintas quanto as de Pablo Picasso (adeus ao sujeito onisciente, vejo e sou visto, incorporo a visão do outro no que vejo e o outro apreende meu olhar), ou Giorgio Di Chirico (que mundo é esse, aparentemente tão real?) e Edward Hopper (esse mundo tão real é real mesmo, é só isso?); a consciência da superfície da tela ou da superfície do papel é uma questão colocada ao menos desde os impressionistas (os planos d'água pintados por Claude Monet e tantos outros naqueles outros materiais), passando pelas colagens cubistas (esse pedaço de papel ou tecido está fixado sobre o plano do suporte desenhado ou pintado).

À medida que eu lia seu Memorial, percebia encontros e desacordos, que são o cerne do Pensamento: as identidades de educador e fazedor de Cultura; a vontade de compartilhar (quer dizer: doar e receber) saberes; a interdisciplinaridade permanente; o ato de transpor muros acadêmicos para atingir mais e mais pessoas, sem desprezo pelo espaço universitário; a atribuição de caráter fundamental ao Ensino na Universidade; a presença nas redes sociais, modalidade contemporânea da extensão acadêmica; as relações entre diferentes fazeres humanos, com os espectros de "reflexo" ou "influência" rondando passagens das falas de João.

Que é um reflexo, nas relações entre saberes? Vínculo especular, onde uma parte (o espelho) apenas registra outra (o referencial)? Metaforicamente, prefiro a imagem da galeria de espelhos, infinito reflexo recíproco de tudo em tudo.

Que é uma influência, na produção de saberes? Relação linear e unidirecional? Somente os influenciadores interessam? Os influenciados escolhem suas influências?

Entre reflexos e influências (que são fenômenos culturais, formas de indagação sobre o mundo), prefiro pensar que todo Saber se faz como infinito diálogo dos pensamentos.

Na esfera de experiências pessoais de João, alguns encontros são especialmente caros para mim: eu também estudei no Instituto Sagrada Família, eu também ingressei diretamente na segunda série do ensino fundamental, eu também morei no Alecrim – toda minha vida natalense ocorreu nesse bairro.

CULTURA HISTÓRICA

Um Memorial é Cultura Histórica, mesmo que sem compromisso metodológico com a História como Conhecimento. O gênero textual que ele constitui aproxima-se ainda do campo metodológico "Ego-História" (CHAUNU, Pierre et al. **Ensaios de Ego-História**. Lisboa: Edições 70, 1989), sem perder diálogos com múltiplos níveis de experiência coletiva.

Ao fazer uma evocação afetiva do Professor Juarez Pascoal de Azevedo, João registra títulos de alguns dos livros desse autor: *Ateu já era*, *A Bíblia falou tá falado...* Senti falta de mais informações sobre essas obras. Os títulos sugerem uma militância religiosa intransponível, alheia ao contato com a diferença do pensar. Se o conteúdo for esse mesmo, há problemas no diálogo entre saberes, sem esquecer que a Bíblia é dotada de beleza literária impressionante e reflexões sobre o mundo sempre dignas de atenção.

Noutra passagem, João conclui: *"Ao final, tenho a certeza do dever cumprido e do muito que ainda tenho a ENSINAR, APREN-*

DER E ESCREVER" (p 13 - os três últimos verbos em caixa alta). Seria bom acrescentar o verbo LER – e João é um grande leitor, como todos sabemos. Atribuo esse lapso a um ato de modéstia explícita – desnecessária, todavia.

João escreve com fluência, evidenciando o aproveitamento de suas tantas leituras, o que se observa inclusive na feliz escolha de epígrafes e citações. O Memorial abriga compreensíveis erros de digitação e poucas confusões de concordância e regência, comuns na finalização de um texto dessa natureza e que uma revisão banal resolverá facilmente. No mesmo sentido, algumas informações são repetidas e podem ser eliminadas para maior concisão do escrito.

No decorrer do texto, determinados dados foram sintetizados de forma genérica (bancas de que participou, cursos de atualização etc.) e surgem mais explicitamente em seu desfecho. Seria melhor evitar aquelas generalizações preliminares e indicar, desde o começo, cada uma das atividades ou, ao menos, as que tiveram maior peso em seu percurso acadêmico.

CRENDICES

No subtítulo de um tópico (p 43), aparece o termo "crendices", depois reiterado, sem maiores especificações. A palavra é usada habitualmente como sinônimo de superstição, em sentido pejorativo e desqualificador. Chega a ser oposta a saber racional, como se observa indiretamente numa passagem de Lapinha:

"Não, pastoras! Minha Ciência
Não anuncia um Messias.
Creio só na experiência,
Não naquilo que anuncias!"

Esses versos fazem parte de uma fala da personagem Incrédula, que recusa admitir Jesus (recém-nascido) como Salvador. Reco-

lhi essa passagem em Nísia Floresta, RN. Por um lastimável lapso meu, não anotei os nomes dos informantes (simpático casal de Professores). Nela, crença confiável é a que deriva de experiência.

João conhece bem os debates de Mário de Andrade, Câmara Cascudo e tantos outros sobre Culturas Populares e poderia evitar qualquer confusão no uso do termo "crendices" em relação a preconceitos culturais. Valeria a pena procurar, naquelas manifestações (ou em mitos e lendas, também evocados), esforços para explicar algumas ações do mundo. Lembro de ter ouvido, na infância, narrações sobre terremotos como efeito de cobras, baleias e outros seres gigantescos que viveriam sob a terra e provocariam aquelas ocorrências na superfície do planeta. Mais que crendice, uma narração dessa natureza introduz a percepção de que a Terra possui camadas físicas e que acontecimentos em seu interior provocam acontecimentos nas camadas superficiais onde habitamos.

MÉTODO

Ao falar sobre o terremoto de Lisboa (1755), João cita um trecho de Voltaire em inglês (p 46 do Memorial). Não entendi o motivo para não reproduzir um clássico francês em sua língua original ou em tradução para o português, muito acessível (existem edições brasileiras da Ouro e da Abril).

Há um perturbador anacronismo quando João aponta semelhanças entre as visões do universo de Dante Alighieri (séculos XIII/XIV) e do matemático Bernhardt Riemann (século XIX). Evidentemente, a semelhança se dá entre o matemático, que veio depois, e seu grande antecessor poético.

Alguns Autores são brevemente mencionados no corpo do texto sem identificação das obras referidas, como Thomas Kuhn, Gilberto Freyre, Jorge Luís Borges e o próprio Voltaire. O leitor pode ser induzido a fazer uma atribuição equivocada nessas passagens.

O bonito ensaio "Camões e a Astronomia", apresentado em anexo ao Memorial, apela para o conceito de "contexto", sempre

muito importante, com a ressalva de que tudo é contexto de tudo. O Renascimento é contexto de Camões mas a recíproca também é verdadeira. Se não fosse assim, todo poeta renascentista seria Camões... E a inclusão do grande Poeta português no cânon de Harold Bloom é uma evidência disso (BLOOM, Harold. **O cânone ocidental – Os livros e a escola do tempo**. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010).

Valeria a pena identificar alguns dos muito poetas brasileiros que beberam na fonte camoniana – ocorrem-me, de imediato, Cruz e Sousa, Augusto dos Anjos, Jorge de Lima e Vinicius de Morais. Mais recentemente, além de Haroldo de Campos, ouvi referências ao grande apreço de Álvaro de Sá, vanguardista do Poema/Processo, por Luís de Camões.

DAQUI P'RA FRENTE...

Professor Titular, o que resta para João fazer?

De imediato, mais do mesmo.

E tudo que não fez, retomando os belos versos da canção "Jura secreta", de Sueli Costa e Abel Silva:

"Nada do que faço me alucina
Tanto quanto o que não fiz."

MARCOS SILVA é escritor e professor (USP), autor de "História - O Prazer em Ensino e Pesquisa" e outros livros.

A SECA DE 1958 NA FAZENDA ARACATI

Benedito Vasconcelos Mendes

A Fazenda Aracati, de propriedade do meu avô paterno, José Cândido Mendes, localizada no Semiárido cearense, nas cercanias do distrito sobralense de Caracará, a 60 quilômetros da cidade de Sobral, sofreu, em 1958, uma das piores secas de todos os tempos. A severa e catastrófica seca de 1958 teve duração de apenas um ano, que na prática correspondeu a 20 meses totalmente sem chuvas, começando em julho de 1957 e se prolongando até março de 1959. Seus efeitos foram devastadores, matando de fome e sede quase todo o rebanho bovino e grande parte das cabras e ovelhas da Fazenda Aracati. Até os bichos de pena (galinhas caipiras, capotes, patos, marrecas nativas e perus) escaparam muito magros desta terrível seca, pois nem milho para comprar se conseguia, já que os grãos produzidos em outras regiões do Brasil não eram trazidos para o Nordeste, por falta de caminhões e de condições de tráfego das poeirentas estradas carroçáveis.

Naquela época não se preparava e guardava silagem nem feno e nem tão pouco se plantava capim irrigado. A imprevidência era total. As bicheiras eram curadas com creolina e óleo queimado (óleo lubrificante usado). As pontas dos chifres eram aparadas com serrote. O vermífugo dado aos caprinos, ovinos e bovinos era a batata de purga e o remédio para empanzinamento era o vinagre. Comida concentrada (industrializada) para o gado só tinha o resíduo (torta de algodão mocó), que era escassa e cara, o que a tornava de uso inviável para a grande quantidade de gado existente na Fazenda Aracati. Um tipo de alimento volumoso industrializado, mais barato do que a torta, que existia no comércio de Sobral era o piolho de algodão (resto de linter e de casca das sementes de algodão herbáceo que era coletado no descaroçador de algodão). O milho e o feijão de uso na fazenda eram armazenados em tambores de ferro

de 200 litros (tambores de transportar combustíveis). Às vezes, aparecia para venda, umas batatas de cipó, mais finas e maiores do que as raízes de mandioca, de casca preta e miolo branco, trazidas das praias das proximidades das cidades de Camocim e Acaraú. Dois tipos de alimentos volumosos, de péssima palatabilidade e de baixa qualidade nutritiva, levados em caminhões para oferecer ao gado era a palha de carnaúba e a casca do fruto da oiticica (subproduto da indústria de óleo de oiticica).

O cavalo "Estrela" do meu avô e a égua "Lua" da minha avó eram milhados diariamente, pela manhã e à tarde, com uma mancheia de milho colocada na mochila de couro. O cavalo Estrela, utilizado para derrubar boi brabo no mato garranchento e espinhento, quase não era mais usado, pois o tipo de manejo alimentar do rebanho, dando comida na boca e a fraqueza orgânica das reses, tornava o gado dócil e submisso. O mais bonito e famoso touro da fazenda, de nome "Dione", azebuado, de porte avantajado, com peso aproximado de 40 arrobas, de pescoço e corpo volumosos, de chifres grossos, grandes e arqueados, de pelagem acinzentada, com peito e castanha carnudos e quase pretos, de barbela e bainha extensas, foi salvo da seca pelos cuidados especiais dispensados pelo meu avô. À medida que os meses foram se passando e a seca se tornando mais severa, foi ficando muito triste assistir a morrinha do gado, que amanhecia urrando de fome, enquanto os agregados saiam desesperados, com foice e machado no ombro, rumo aos poucos Juazeiros, canafístulas, macambiras, xique-xiques e mandacarus, para derrubar para o gado comer.

As cactáceas (mandacaru e xique-xique) e a bromeliácea (macambira) eram arrancadas e levadas, em lombos de burros e de jumentos, para o terreiro da casa. Lá, os espinhos eram queimados em fogueiras improvisadas e os cladódios das cactáceas fatiados, para alimentar o gado. Depois da queima das folhas espinhentas das macambiras, as cabeças (caule subterrâneo desta planta, riquíssimo em amido) eram cortadas em pequenos pedaços e ofertadas ao gado. Estes alimentos eram jogados no chão, pois não havia disponibilidade de cochos para o numeroso rebanho.

O extenso pátio da fazenda era sombreado por Juazeiros e grande número de árvores de oiticica. O sofrimento causado pela fome e a agonia da morte dos animais eram triste de se ver, principalmente daqueles que, de tão fracos, não conseguiam mais ficar de pé. A vaca "caída", ou seja, aquela rês que não tinha mais força para se levantar era colocada "nas correias", que era uma armação de quatro estacas fincadas no chão, para sustentar as tiras de couro cru, forradas com surrões de folhas de carnaubeira, que mantinham a vaca em pé.

As reses caídas tinham o privilégio de se alimentar de rama verde, por ser mais nutritiva (folhas de juazeiro ou de canafístula) e os outros animais, que ainda podiam caminhar, alimentavam-se de cabeças de macambira ou de cladódios de mandacaru e de xique-xique. Os animais que caiam dificilmente escapavam, de modo que, no final da seca, do numeroso plantel de aproximadamente 1.000 reses salvaram-se pouco mais de uma centena de bovinos. Uma das cenas chocantes daquela seca, que ficou gravada na minha mente, foi a enorme quantidade de carcaças de bovinos, espalhadas no pátio da fazenda, após a seca.

Os animais se concentravam no terreiro da casa grande, onde eram fornecidos as ramas das forrageiras arbóreas e os cladódios dos cactos. Eles não saiam para o campo, pois o chão estava limpo, sem pasto. Só se alimentavam daquilo que os vaqueiros ofereciam. No pátio, as reses extremamente desnutridas caiam, eram colocadas nas redes (correias), recebiam a pouca e grosseira ração de plantas nativas e, com o passar do tempo, a debilidade aumentava e depois morriam.

A alimentação da família do meu avô, que antes era farta e baseada na carne de boi e no leite de vaca, como coalhada, leite cozido, nata, manteiga de garrafa e queijo de coalho, foi substituída por produtos lácteos derivados do leite de cabra. O caprino, por produzir leite, ser de menor porte e mais resistente à seca, foi escolhido para fornecer a alimentação básica da família. O leite de cabra era também fornecido para as famílias dos agregados (trabalhadores meeiros que moravam na propriedade). Com o passar do tempo, as reservas de pastagens nativas da fazenda foram minguando, de

modo que, ao chegar no mês de outubro de 1958, o estoque de alimentos ficou muito reduzido e o gado começou a morrer.

Outubro foi o mês da desesperança, o mês que meu avô se convenceu que não restava mais nada a fazer, a não ser esperar a morte de todo o rebanho. Ele não cruzou os braços, continuou na luta inglória de alimentar o gado, mas com o único objetivo de diminuir o terrível sofrimento das reses, provocado pela fome e pela sede. Meu avô se condoía com o urro lamurioso e triste do gado com fome e, muitas vezes, ia às lágrimas. Foi interessante observar que uma seca desorganiza o calendário das tarefas que são realizadas em uma fazenda de criar gado bovino, pois os eventos anuais de apartação dos garrotes das mães, da castração dos novilhos e da ferra do rebanho não são realizados nos anos de seca catastrófica.

Na casa grande, minha avó não mais fazia os grandes e saborosos queijos de coalho, coalhada e manteiga da terra com leite de vaca. Naquele ano de seca, só se usava leite de cabra. Às seis horas da tarde, depois da labuta exaustiva de alimentar o rebanho, meu avô tirava o chapéu e o gibão de couro, chamava minha avó e meus tios e os agregados da fazenda com suas famílias para a sala da frente do casarão da fazenda, onde situava-se o santuário (oratório), para rezar, suplicando a Deus força e entusiasmo para continuar o estafante trabalho de tentar salvar o gado. Pedia a São José que mandasse chuva, o quanto antes, para fazer rama (brotos e folhas novas) e salvar o rebanho. Pedia a Deus esperança e ânimo, para não esmorecer diante da brutal dificuldade.

No espaçoso alpendre da frente da casa grande da Fazenda Aracati, havia três tornos de armar rede ocupados com os arreios e cela do cavalo de meu avô e com o cilhão e arreios da égua de minha avó passear. Um dos tornos era usado para pendurar o chapéu, a véstia (gibão, perneira, guarda-peito, luvas e guarda-pés) e o chicote de pimba de boi usados pelo meu avô. A natureza tornara-se ingrata, a caatinga caducifólia, totalmente desfolhada e seca, exibindo aqui e ali poucas plantas perenifólias, como alguns Juazeiros ou umas poucas canafístulas, porém podados pelos vaqueiros, exi-

bindo pouquíssimas folhas verdes; o chão desnudo, sem nenhuma cobertura de vegetação herbácea verde ou seca; o Rio dos Patos (que corta a fazenda) e as lagoas da propriedade, totalmente secos; a cacimba cavada na areia do leito do rio, com pouca água; o céu azul, sem nenhuma nuvem para abrandar o calor estafante, provocado pelo sol incandescente.

No período da seca, os animais nativos e os domésticos não se reproduziram devido à limitação de alimentos. A natureza viva parecia morrer e as rochas dos serrotes e os solos ressequidos, sem vegetação, refletiam, com muita força, a luz e o calor do sol brilhante. A tristeza dos animais magros e famintos contagiava os moradores da fazenda. A desgraça estava generalizada. Tudo estava reduzido a um fio de esperança de se ter um bom inverno (período chuvoso) no próximo ano. O sofrimento, que alterou tudo na rotina da propriedade, só não diminuiu a fé em Deus dos habitantes da Fazenda Aracati, pois quanto mais diminuía o rebanho, mais se aumentava as rezas. Depois desta terrível seca, veio a fartura, a bonança e a multiplicação do rebanho por seguidos anos chuvosos até a próxima seca de 1970.

BENEDITO VASCONCELOS MENDES é engenheiro agrônomo, professor e escritor, autor de "As artes na civilização da Seca" e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, da Academia Mossoroense de Letras , sócio do Instituto Cultural do Oeste e outras instituições.

VISITA AO MUSEO ETNOGRÁFICO DE CASTILLA Y LEÓN, EM ZAMORA

Francisco Fernandes Marinho

Na penúltima viagem à Espanha, de Salamanca, viajamos a Zamora, no dia 12 de junho de 2003, a convite do Doutor Francisco Rodríguez Pascual, Professor Jubilado da Universidade Pontifícia de Salamanca. O Professor queria mostrar-nos dois orgulhos do povo Zamorano: um prato de comida típica, espécie de ensopado, servida em uma pequena tigela, com molho, forte, que é uma delícia, ao pão, e o monumental "Museo Etnográfico de Castilla y León", localizado na Calle del Sacramento, na cidade de Zamora.

Partimos de Salamanca, passando por vinhedos, cercas de pedras, ondulações montanhosas, pontes, paisagens e mais paisagens que se perdiam no horizonte, às mais das vezes, bruscamente, interrompidas por antigos castelos. Avistamos Zamora, a velha cidade românica com sua Catedral e o Castelo, sobre arcos e portais, muros e a muralha. Ao meio dia, chegamos a Zamora, a antiga Ocellum Duri, do Itinerário de Antonino, antes do século XII, encravada numa região determinada por uma natureza plural e cheia de contrastes, aos pés do rio Duero.

A Catedral, o mais belo edifício do século XII, românico, em severidade e harmonia, oferece uma interessante mescla entre os perfis bizantinos orientais de sua cúpula, gótica, do século XVI, com a elevação do imponente cibório, e a solidez da torre de São Salvador, em domínio, deslumbrando-se ao lado, em reminiscências do tardio românico-leonês, arcaizante do século XIII.

Iniciamos o passeio pelas calles zamoranas, visitando alguns amigos do Professor e vários pontos turísticos, como a obra em bronze de Viriato, símbolo da resistência zamorana, do escultor neoclássico de corte romântico Eduardo Barrón; o Museu Catedra-

lício; as igrejas de Santo Isidoro, de São Pedro e Santo Ildefonso, Santa Maria a Nova, da Madalena, com sepulcro do século XII, de São João de Porta Nova, na Praça Maior; o Palácio dos Condes de Alba e Aliste; o Museu Provincial; a Caja de Zamora; a Diputación e o Ayuntamiento. Passamos pelo Palácio dos Momos, com uma bela "Maternidade", do escultor Baltasar Lobo; o Museu Episcopal e o Museu da Semana Santa, com seus grupos escultóricos de grande significação religiosa, mantido pelas confrarias e irmandades zamoranas.

Chegamos ao "Museo Etnográfico de Castilla y León", um belo edifício que abriga a Exposição ENSERES 2002-2003, organizada pela Junta de Castilla y León e a Fundación Siglo para las Artes em Castilla y León, com a colaboração do Patronato de Turismo da Diputación e do Ayuntamiento de Zamora. A exposição tem como objetivo oferecer uma visão do universo desde o indivíduo, comunicando o passado com o futuro, para que se possa estabelecer um contato com conhecimentos essenciais que contribuíram para a criação de uma identidade e que se traduziram muitas vezes em peças do cotidiano. Dentre os mais diversos fatores, destacam-se o engenho, a funcionalidade ou a estética popular.

Uma das principais preocupações foi com o apresentar a peça, tão importante quanto a ideia que a gerou, como, também, a necessidade do objeto, quanto o contexto em que foi produzido.

O observador pode, de imediato, perceber uma pluralidade, pouco convencional, na seleção das peças, mas, na disparidade, quiseram os organizadores da Exposição mostrar, em algumas das partes de um mesmo objeto, juntas, por exemplo, em um círculo solar, a riqueza material do objeto ou o seu simbolismo, seus adornos ou suas funções.

Quiseram, também, que, a partir do domínio sobre o entorno e da ideia do fazer perdurar essa experiência individual, surja a necessidade de adquirir uma sabedoria comum, uma sabedoria que possa ser transmitida e compreendida pela atualidade.

O Museu, instalado em um imenso complexo, possui vários andares. No plano inferior, dividido em dez seções, são contemplados "a linguagem do passado", através do sagrado e dos símbolos; "a relatividade do tempo", através do velho e do novo; "o rito e o costume", através da beleza da repetição; "o deslocamento", através da história sobre rodas; "a medida do tempo"; "a educação e os conceitos contrários", representados pela vida e pela morte; "a imitação e a criatividade"; "o domínio do entorno", com os engenhos para dominar a natureza; "a transformação da natureza"; "os objetos a serviço do indivíduo". No primeiro andar, depara-se o visitante com o próprio "tempo", através de "estelas" e "ruecas"; arcón com uma representação solar; ciclos anuais, ciclo vital, rituais de nascimento, casamento e morte; "a aprendizagem"; "a viagem"; "a imitação"; "a comunicação"; "os engenhos"; "o trabalho e a casa".

Ao término da visita, recebemos, como "regalo", o monumental catálogo, ilustrado com os ENSERES pertencentes aos "Fondos Etnográficos de Caja España", e oferecido pelo Dr. Carlos Piñel, um dos Comissários da Exposição: "*Para Francisco Fernandes Marinho com mi amistad, el agradecimiento por su visita. Zamora, 12 - junio - 2003*". Trata das peças mais significativas expostas, com textos, referindo-se ao tempo: de Delibes de Castro, "Tres caras de la percepción del tiempo en la Prehistoria"; de Muñoz Box, "El tiempo en piedra"; de Isabel Vicente Maroto, "El Zodíaco y la ciencia"; de Lizarazu de Mesa, "La memoria y el tempo"; e de Manuel Pedrosa, "Poéticas del tiempo". Seguem-se os textos sobre "El tiempo y el espacio": de Antonio Carreira, "Formas de viajar"; de García Grinda, "Acortar el espacio"; de Mingote Calderón, "Se mide lo que se tiene"; de Grau Lobo, "Peregrinación"; de Vicente Elias, "La trashumancia como egresión forzada". E, finalmente, sobre "El espacio", com textos de François Botrel, Basanta Reyes, Martín Garzo, Carlos Piñel, Concha Casado Lobato, Álvarez Barrientos, Sánchez del Barrio, Carlos Flores, García Tapia, Blanco Castro, Maria Jesús Buxó i Rey, e Alonso Ponga, tratando, desde "La libraría del pueblo" até "Los objetos al servicio del hombre".

A segunda parte é composta pelo próprio Catálogo da exposição, apresentando "El tiempo", "El aprendizaje", "El viaje", "La imitación", "La comunicación", "El dominio de la naturaleza" e "El trabajo y la casa".

A exposição é uma viagem no tempo, e o catálogo a volta dessa viagem. Uma viagem que se apresenta desde a preocupação de Delibes de Castro à de Vicente Elias, partindo do geral ao particular, em detalhes que representam o homem desde os tempos mais remotos à atualidade, e desde o seu pensar e o seu agir, além da subjetividade da sua percepção. Para Delibes, "la percepción del espacio y del tiempo, la aprehensión de su realidad o lo que metafórica y comúnmente se considera su 'domesticación', constituyen un hito esencial en el desenvolvimiento de la humanidad; de una parte, por la necesidad del hombre de ubicarse en un escenario sujeto a cambios, como es la naturaleza, y de otra - no menos importante -, porque sin el concepto de duración, esto es, de parcelación del tiempo, difícilmente hubiera resultado posible el crecido desarrollo social de los humanos", enquanto, particularizando, afirma Elías, "los ganaderos trashumantes tienen la percepción subjetiva de pertenecer a un conjunto de personas distintas por su actividad, la forma de realizar su trabajo, los lugares donde lo desarrollan, su relación con otras personas e instituciones y su ordenada jerarquía, además de la protección y apoyo que consideran han tenido."

FRANCISCO FERNANDES MARINHO é escritor, pesquisador e poeta. Professor Aposentado da UFRN. Membro do IHGRN. Autor de vários livros.

A POÉTICA FERVENTE DE LÍVIO OLIVEIRA - PARTE II

Cássio Augusto Nascimento Farias

O ardente fazer poético

O teorema da feira, de Lívio Oliveira, traz na capa a imagem de um cesto, a qual se repetirá tanto na quarta capa quanto na primeira página de todos os poemas. Contendo 45 produções no total, a obra divide-se em duas partes: a primeira, intitulada "blue no(i)te", com quatro poemas em homenagem a músicos universais; e a segunda, "arteminha e outros voos", com os 41 restantes. Nessa última, a metáfora do voo, reutilizada em alguns poemas, é quase que literal, uma vez que vários dos poemas fazem menção a artistas, lugares, objetos e intelectuais diversos e de origem variada. O neologismo "arteminha", contudo, prenuncia criações especificamente suas.

Presentes na segunda parte do livro, os textos que nos propusemos a estudar estão na seguinte ordem: "Ensaio de língua (lalangue)" é o sétimo; "O bico do peito", o vigésimo sétimo; "Artesania", o quadragésimo, e "Do mar até a palavra", o quadragésimo terceiro. Comecemos então, respeitando essa sequência, por "Ensaio de língua (lalangue)":

Ensaio de língua (lalangue)

A língua que
me lambe
é a língua
que te cabe.

A língua que
me domina,
manda em mim:
a língua.

A única coisa real
é coisa que não é
[coisa em si]:
é palavra.

Datilografo,
portuguesa,
a palavra:
coisa.

Falo que
teu tema
é meu:
fonema.

Eu te falo:
meu enunciado (2012, p. 33).

Como já indica o título, esse poema, assim como um ensaio, busca definir o seu objeto de estudo: a língua e o fazer poético. A escolha desse gênero textual – o ensaio – pode ser entendida como uma forma de contextualidade híbrida, usando a terminologia proposta por Ramalho, pois diz respeito a uma forma de produção típica do universo acadêmico. Entretanto, a estrutura dissertativa é pervertida ao ceder lugar aos versos. Como será debatido mais

adiante, porém, a função pragmática do ensaio de produzir conhecimento acerca de um assunto é mantida. Ainda no título, verificamos também uma marca de intertextualidade plural na menção ao conceito denominado *lalangue*[1], do psicanalista Lacan, entre parênteses. Em sua dissertação sobre tal conceito, Santos (2015) explica que, segundo Lacan, trata-se de um elemento da linguagem que somente o poeta pode compreender:

> Há algo que excede a Língua. É por isso que Lacan nesse momento se aproxima da poesia. Pois a ela mais do que outras formas da linguagem evidencia que esta é composta por alíngua. A Língua para o poeta é sempre esse algo futuro que um dia vai se dar, demonstra assim sua incompletude. Na sincronia atual da Língua, faltam palavras, e sempre faltará. É por isso que o poeta se atreve a inventá-las. Mas também nela há algo do passado que ficou depositado nos aluviões da linguagem (2015, p. 96).

Todavia, é dissecando a estrutura do texto de Oliveira que se torna viável encontrar um diálogo profundo com a teoria de Lacan, bem como suas semelhanças com os estudos apresentados na segunda parte deste artigo. A primeira estrofe do poema possui quatro versos em que o eu-lírico caracteriza "a língua" pelo uso de duas orações subordinadas adjetivas restritivas ("que me lambe" e "que te cabe") e de um predicativo nominal precedido pelo verbo "ser" conjugado no presente. Desse modo, já que há uma delimitação do termo "língua", não se trata de uma língua qualquer, mas de "a língua". Vale ressaltar que "a língua" aqui tem sentido duplo, significando tanto o órgão do corpo humano quanto o conceito de Lacan. Além disso, há os pro-

1 Termo traduzido para o português por Santos (2015) como "alíngua". Como a autora destaca, outros teóricos fazem uso de traduções diferentes.

nomes oblíquos átonos “me” e “te” com função de objeto direto dos verbos “caber” e “lamber”, o que conota a passividade do eu-lírico e de seu interlocutor. O tom erótico é visível na adoção polissêmica do termo “língua”, bem como nos verbos de cunho sexual e na relação de dominação da língua sobre o falante e o receptor.

Na estrofe seguinte, temos novamente a presença de uma oração subordinada adjetiva restritiva (“que me domina”) e de dois pronomes oblíquos tônicos (“mim” e “me”) como objeto indireto e direto, respectivamente, dos verbos “mandar” e “dominar”. Sendo assim, o papel passivo do eu-lírico e o erotismo anteriormente mencionado se repetem. Nesse trecho há ainda um aposto introduzido por dois pontos, “a língua”, intensificando a ideia de restrição. A terceira estrofe, por sua vez, retoma três vezes o verbo de ligação “é”, bem como a oração subordinada adjetiva restritiva (“que não é”) e o aposto, que coloca “a palavra” como aquilo que não é palpável, mas que ainda assim é contundente e “real”. Tal observação se assemelha à teoria de Bauman, pois, como vimos, ele defende que o artista contemporâneo não representa o real, mas o simula. Assim, o poeta não apenas tenta imitar o exterior, mas produz conhecimento sobre ele. O termo “coisa”, que pode significar o “tudo” e, ao mesmo tempo, o “nada”, reacende a ideia do sociólogo polonês de que os signos podem ter qualquer significante, e o produtor (nesse caso, o poeta) escolhe uma das infinitas possibilidades.

Na quarta estrofe, essa interpretação é reforçada, pois agora o eu-lírico assume um papel ativo na ação verbal. É ele quem “datilografa”. O aposto reaparece para especificar aquilo que o poeta escreve: “coisa”. A partir desse momento, o signo “coisa” é apropriado por ele. A ideia de posse se repete na quinta estrofe, já que o falante é quem pratica o ato de “falar” e, ao invés de pronomes oblíquos, opta-se pelos possessivos “teu” e “meu”. Assim que escreve, o “tema” que é oferecido ao eu-lírico é então transformado em algo que está sob seu poder. Novamente, o aposto tem o papel de delimitar esse “algo”: o “fonema”. Nesse viés, o poeta traduz em sons o objeto de acordo com seus desejos, marcando de modo único as páginas de

sua obra. O signo e seu respectivo significante são sua propriedade. Postura semelhante encontra-se nos versos finais, haja vista que o eu-lírico é mais uma vez o agente do ato de "falar", ao se dirigir a seu interlocutor, representado pelo pronome oblíquo "te", que é o objeto direto do verbo. O pronome possessivo "meu" antes do substantivo "enunciado" reaparece no aposto, apontando que o que é dito está sob seu domínio, invertendo os papéis colocados inicialmente nos três primeiros versos. Além da polissemia de "a língua" e da relação de submissão entre o poeta e ela, o tom erótico é verificável entre o diálogo do eu-lírico e seu receptor anônimo. A ambiguidade da palavra "falo" pode se referir ao verbo "falar" e ao órgão genital masculino, sendo que, no contexto, essa metáfora compara a leitura do poema à penetração sexual: "Eu te falo:/ meu enunciado" (2012, p. 33).

A posição atuante do poeta remonta às ponderações de Bauman e de Lacan acerca de seu papel incessante de criador. Eles aceitam que os sentidos que existem para cada signo são instáveis e inúmeros, bem como buscam encontrar um que seja de sua autoria. O gênero ensaio, os verbos de ligação "é", as orações subordinadas adjetivas restritivas e os apostos funcionam de modo a ressaltar a produção de conhecimento singular promovida pelo autor. Contudo, os artistas reconhecem que o sentido que eles propõem está à mercê da mudança e das influências anteriores. O poeta não inventa do nada, mas de uma quantidade gigantesca de artistas e intelectuais que vieram antes dele, como a intertextualidade com a teoria de Lacan deixa evidente. Assim como nos três versos iniciais, o poeta é receptor da língua e dessas referências; no entanto, nos três finais, ele as toma para si, corrompendo-as segundo seus prazeres. O leitor é então o agente passivo dos resultados, mas, tal qual o escritor que foi também um ávido leitor, ele pode ser um criador, ou, melhor dizendo, um subversor. E o ciclo vicioso se repete...

Como veremos a seguir, no vigésimo sétimo poema da obra de Oliveira muitos traços estéticos de "Ensaio de língua (lalangue)" são reutilizados:

O BICO DO PEITO

Vem.
Sem excesso, língua,
água fria,
meu bem,
não se faz poesia (2012, p. 73).

Como é distinguível, trata-se de um poema curto, com apenas uma estrofe contendo cinco versos. Diante do título, que faz referência a um órgão comumente sexualizado, o leitor pode criar a hipótese de que o texto tem caráter erótico. Partindo para o corpo do texto, notamos, no primeiro verso, composto apenas pelo verbo "vir" no imperativo, a indicação de que o eu-lírico convoca seu interlocutor para perto de si. No verso seguinte, há o advérbio de modo "sem excesso" e o vocativo "língua", o que revela a figura antropomórfica a quem o falante se dirige. Vale ressaltar, no entanto, que a palavra "língua" é polissêmica nesse contexto, bem como no poema anterior. Se considerarmos o título libidinoso e o verso final, como veremos adiante, dois sentidos são possíveis para a palavra em questão: a parte do corpo e o sistema de palavras e regras gramaticais.

Nos versos posteriores, o advérbio de instrumento "água fria" é seguido por um aposto que define a "língua", "meu bem". Contendo um pronome possessivo, o aposto revela que o eu-lírico transforma a "língua" em algo que lhe pertence. No final do poema, o leitor constata que o assunto discutido é o fazer poético. Todavia, a ordem sintática indireta dos versos é ambígua e viabiliza diferentes interpretações. Uma das leituras possíveis, ao recolocarmos o poema na ordem direta, seria a oração "Língua, meu bem, não se faz poesia sem excesso (e com) água fria". O advérbio "sem excesso" evidencia que a criação artística não deve ser caracterizada pela escassez, o que se pode interpretar como sinal de que o poeta não se contenta com um fazer poético sem buscar incessantemente novos e diferentes conheci-

mentos e sem ponderar sobre eles à exaustão. O tamanho do poema expressa tal hipótese: mesmo com um cabedal enorme de influências e reflexões internas, o escritor consegue enxugá-las de acordo com suas intenções, sem nunca cair na verborragia.

Nessa leitura do verso "água fria", adicionamos a preposição "com", denotando o tom erótico e a preferência pela ebulição devido à recusa do poeta à "água fria" como instrumento de produção. Além disso, "o bico do peito" no título e a ambiguidade da palavra "língua" destacam também a escolha do calor, pois os corpos vivos emanam energia naturalmente e, em contato, podem aumentar ainda mais a temperatura, rompendo assim o frio imobilizador. O teor sexual se repete no ato do eu-lírico de interpelar a língua para si, como se fosse um receptor dela. Porém, ela não é recebida de forma passiva, pois o poeta a coloca no fogo para moldá-la, civilizá-la. Desse modo, há uma troca de papéis como em "Ensaio de língua (lalangue)": a língua independente, excessiva e incontrolável é quem manda no primeiro momento; no segundo, entretanto, a partir do instante em que o eu-lírico faz uso do calor da água e da união dos corpos para alterá-la, ela passa a ser sua, como evidencia o uso do pronome possessivo em "meu bem". O fogo e o sexo são metáforas adotadas para definir o ofício do poeta como um incansável trabalho de domar o que é dado a ele em estado ainda selvagem.

Outra leitura viável é a de "água fria" como elemento também indispensável ao fazer poético. Nesse viés, substitui-se a preposição "com" pela preposição "sem": "Língua, meu bem, não se faz poesia sem excesso (e sem) água fria". O frio da água poderia então ser um meio para filtrar o excesso, controlando o acúmulo incontrolável e incompreensível de informações que a pós-modernidade oferece. Em face disso, as duas leituras se aproximam: o calor auxilia o poeta a moldar e perverter suas inspirações, e o frio a conter e domesticá-las a seu bel-prazer. A imagem do artesão em uma fábrica de vidro pode ilustrar essa cumplicidade dos elementos: primeiro ele coloca o material no fogo, e, com este ainda quente, desenha-se o formato desejado; em seguida, o artesão o esfria para manter a estrutura da peça cuidadosamente elaborada.

O diálogo temático e estético entre "Ensaio de língua (lalangue)" e "O bico do peito" tem reincidência em "Artesania":

ARTESANIA

Arte em cena alada
Tudo pode estar no mundo:
Senso tenso, nu(n)ca (2012, p. 99).

Nesse caso, o poema se enquadra na forma lírica conhecida como haicai, pois contém 17 sílabas métricas, na seguinte ordem: o primeiro verso com cinco sílabas; o segundo, sete sílabas; e o último, as cinco sílabas restantes. Conforme a terminologia proposta por Ramalho, a utilização de tal forma literária é sinal de intertextualidade estética e artística, uma vez que o poeta faz uso de uma estrutura típica da literatura japonesa. No entanto, como se discutirá a seguir, o hibridismo é o tema do poema, o que corrompe o pressuposto de que o haicai deve apresentar as estações do ano como um dos tópicos do texto (TAVARES, 1996, p. 285). A palavra do título, derivada do termo "artesão", nos guia para uma leitura acerca dessa profissão definida como "Artista que exerce uma atividade produtiva de caráter individual" ou como "Indivíduo que exerce por conta própria uma arte, um ofício manual" (FERREIRA, 1986, p. 177).

No primeiro verso, notamos a repetição da metáfora do voo. A arte, em um cenário dotado de asas que se abrem para o mundo, jamais limita-se à prisão terrena. O lugar da produção artística, como expressa de modo simbólico a preposição "em", é os céus. Já no verso seguinte, outra preposição com sentido espacial ("no") é reaproveitada, porém o fragmento trata da qualidade mundana de conseguir apreender em si o "tudo", expressão que pode ser compreendida como a união de coisas ou pessoas, bem como suas respectivas singularidades. Reafirma-se, desse modo, o caráter híbrido do mundo (e da arte), onde a convivência dos diferentes é sim possível.

Entretanto, como anunciam os dois pontos no final do segundo verso, há uma ressalva importante. O artesão (e por que não os artistas em geral, incluindo o poeta) não pode imobilizar-se em face de sua capacidade de avaliar e julgar aquilo que vê durante o voo: "Senso tenso, nu(n)ca" (2012, p. 99). Esse verso final pode ser também reconhecido como de teor erótico, já que a tensão do corpo durante o ato sexual pode impedir que o indivíduo tenha prazer. A polissemia do termo "nu(n)ca" reforça tal metáfora, por significar tanto o advérbio "nunca" quanto a parte do corpo "nuca", caso sejam removidos os parênteses. A nuca é tida comumente tanto como uma zona erógena quanto como uma das regiões que mais sofrem com o excesso de trabalho e estresse. O segundo sentido denota o trabalho árduo de qualquer artista, mas o primeiro faz o leitor repensar as possibilidades interpretativas.

A polissemia do texto e a intertextualidade confirmam sua proposta de entender a arte como plural e instável, que voa pelo mundo e que dele se alimenta. No entanto, o artista deve se comportar como o artesão e receber o "tudo" de modo analítico e ativo. Esse é seu ofício e seu desafio, mas é também seu prazer. Como o artesão, ele brinca exaustivamente com a matéria-prima do seu modo, imprimindo nela seus traços individuais. Postura semelhante assume Oliveira quando adota a estrutura métrica do haicai, mas a subverte ao recusar as estações do ano enquanto tema, deixando, assim, a sua assinatura.

"Do mar até a palavra", por sua vez, é um poema longo que daria sozinho a produção de um artigo para conseguir dar conta de sua complexidade. Todavia, escolhemos abordá-lo fazendo um apanhado geral a respeito dele, visto que dialoga com as delimitações temáticas que propomos. Já no título, distinguimos um movimento de *zoom*: "do mar até a palavra". O mesmo se dá no desenvolvimento do poema, pois há menção a diversos elementos universais: artistas (Lorca, Pasoline, Duchamp, Jean Luc Godard, etc.); personalidades históricas e míticas (Calígula, Nero, João Batista, Augusto, Capitolina, etc.); lugares (África, Buenos Aires, Roma, etc.), e manifestações artísticas (poema romano, "Ready-Made", fado,

Woodstock, etc.). Esse dado nos leva a concluir que se trata de um poema híbrido, contendo intertextualidade estética e artística, e contextualidade referenciada, como define Ramalho.

Contudo, desde o início do poema, o eu-lírico deixa claro que se trata de um poema dedicado a Natal, capital do Rio Grande do Norte e berço de Lívio Oliveira. O leitor despreparado pode não reconhecer esse aspecto caso não conheça os lugares, as pessoas e os grupos citados na obra, como: o Alecrim, bairro do município; a "catedral velha" (2012, p. 106), como é comumente conhecida a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Apresentação; o "rude time alvirrubro e verde (...)" (*idem*), em referência ao América Futebol Clube; e o cantor potiguar Gilliard. Desse modo, o poema aparenta trazer uma visão global que vai limitando-se a uma região, ou o oposto. Não há só contextualidade e intertextualidade global, mas também local. Porém, esse último é o assunto central, como indica o verso final: "e eu te dei agora o meu primeiro e último poema na(f)talense" (2012, p. 108).

Ademais, repete-se a preferência pelo quente[2] ("e não olhe para mim a minha meimagem queima/ aqui é terra de salssol minha flor!" (2012, p. 109)) em detrimento do frio ("não me é de responsabilidade/ a estrutura do tempo frio" (2012, p. 108)). Podemos perceber que, ao evidenciar seu local de origem, o eu-lírico não está disposto a repetir todas as influências que recebe do exterior. É por meio do calor de si próprio e da sua cidade que ele pretende subverter tudo o que recebe. O movimento de *zoom* pode se referir a esse processo de apropriação e reinterpretações do que vem de fora. A metáfora "terra de salssol" nos leva também a fazer uma releitura do Nordeste, frequentemente pré-julgada como uma região propícia à inércia e à passividade devido ao calor. Ao contrário desse preconceito infundado, o eu-lírico faz um elogio à sua terra como um lugar de trabalho imparável, auxiliado pela temperatura típica, que rompe com a imobilidade do clima frio.

2 Essa percepção reforçaria nossa primeira leitura do verso "água fria", do poema "O bico do peito", em que o poeta opta pela água fervente para a criação poética.

Por outro lado, o assujeitamento às ações externas é repelido e criticado de modo sarcástico, como podemos observar nos seguintes versos: "e o neon emolduram as caóticas igrejinhas bregosas no fim-de-ano natais arraiais/ galos cantam embrutecidos comedores de mar/ca(n)marrons e land-rovers emborrachados" (2012, p. 106-107); "um esfacelado tigre que se importou da Áfria/ (...) o homem que compra árvores compra livros?/ tudo é 'Made in Africa' 'Ready-Made' e o fado?/ o urinol dum Duchamp o que sequer nos socorreu" (2012, p. 107). Conforme destacamos acima, essas são apenas algumas questões colocadas no poema. Existem outros tópicos debatidos sobre a cidade de Natal, mas nos restringimos às que ressaltam o calor e a função crítica e criadora do poeta.

Portanto, todos os poemas apresentam o erotismo e o fogo como característica da produção artística do poeta potiguar. É válido realçar, contudo, que o primeiro está metaforicamente ligado ao segundo, uma vez que o erotismo dos corpos em união produz calor. Tais dados nos levam a afirmar que a ebulição é característica do fazer poético de Lívio Oliveira, que assume o ofício de receber as inúmeras influências importadas de forma ativa. Sua poesia é híbrida, mas ao mesmo tempo cozida, haja vista que o poeta corrompe os sentidos originais para criar um sentido dele. A língua o domina e ao mesmo tempo é dominada por ele, na medida em que são criados novos sentidos por meio dela. Em adição, o poeta reconhece que a era em que vivemos, repleta de tantos significados possíveis, e, por isso mesmo, avassalada pela falta de significado, precisa mais do que nunca do elemento concedido a nós por Prometeu:

PROMETEU

Sim, eu sei. Ofereço para meus amigos um espetáculo lastimável.

CORO

Mas não levaste a bondade ainda mais longe?

PROMETEU
Sim. Acabei com os terrores provocados nos homens em vista da morte.

CORO
Que remédio encontraste para esse mal?

PROMETEU
Concedi-lhes imensa esperança no futuro.

CORO
É um dom precioso esse que concedeste aos mortais.

PROMETEU
Fiz ainda mais. Dei-lhes o fogo.

CORO
E agora o fogo flamejante está nas mãos dos seres efêmeros?

PROMETEU
Sim, e deles apreenderão muitas artes.

CORO
Por essas razões é que Júpiter...

PROMETEU
Me maltrata com impiedade, sem trégua (ÉSQUILO, 1980, p. 20).

Não deixemos, pois, que o sacrifício de Prometeu seja em vão...

Conclusões

Darcy Ribeiro destaca que entre os índios há uma vontade constante de perfeição. Segundo o antropólogo,

> uma índia faz um cesto, ou um índio faz uma flecha, com muito mais perfeição do que seria necessário para a cesta ou a flecha exercerem sua função. A cesta é o retrato de quem a fez; quem olha a cesta lê caligraficamente que é de fulana, e pela cesta pode ver se é uma mulher relaxada ou criativa (1996, p. 188).

À vista disso, o cesto pode ser um objeto universal que está presente em diferentes culturas, mas, como fazem os índios, é importante desenhá-lo de acordo com nossos desejos. Na capa de *O teorema da feira* há a imagem de um cesto, que se repetirá na primeira página de cada poema. A escolha de tal repetição pode ser interpretada como um símbolo do que a obra propõe: mesmo viajando pelo mundo e com um cabedal enorme de referências e fontes artísticas de inspiração, há algo de singular que denuncia a autoria de Lívio Oliveira. Ao fazer uso de tantos modos de fazer poético, contextos e intertextos, o poeta potiguar os subverte de modo singular, deixando suas marcas.

Retomando a orgia final do longa-metragem *Festa da Salsicha* (2016) e as ponderações de Bataille (1988) acerca do erotismo, a atividade sexual mostrou-se uma metáfora significativa para compreender a poética de escritores pós-modernos como Oliveira. Enquanto estavam separados, os alimentos seguiam à risca as singularidades que os dividiam. Cada produto tinha sua estante específica, e o mínimo contato entre eles gerava conflitos, o que os distanciava ainda mais. Durante a orgia, porém, os indivíduos descontínuos, para usar a terminologia de Bataille, destruíram essas delimitações,

possibilitando um diálogo harmônico e ao mesmo tempo caótico e libidinoso. Ademais, a união corporal produz um ser novo, único, uma vez que traz em si traços distintos daqueles que praticaram tal ato. Desse modo, aquilo que nasce durante o intercurso sexual é tanto diferente daqueles que os criaram quanto um herdeiro híbrido de seus progenitores. Postura semelhante pudemos encontrar nos poemas metalinguísticos de *O teorema da feira*, em que Oliveira funde de modo próprio e irreverente a torrente de informações que recebe, sem nunca se fechar em si mesmo. Suas produções preservam suas influências, mas também as perverte. Com efeito, essa comunhão sensual resulta em obras plurais *sui generis*.

As reflexões acerca do poeta potiguar, com o auxílio de Ramalho, Lipovetsky e Serroy, Bauman e Bataille, nos ensinou um modo de encarar o fazer poético, e por que não a vida, na contemporaneidade. Na atualidade, o acúmulo de significados promovido pelos avanços das novas tecnologias afoga o artista em um mar de informações que podem provocar o sentimento de desorientação que o imobiliza. O fogo e o erotismo característicos dos poemas estudados demonstram que é viável criar arte nessa época de vulnerabilidade, domando e civilizando de modo ativo os conhecimentos adquiridos, criando um que seja novo e grafado pelas digitais do poeta. Ele nem assume uma postura derrotista e nem foge aos diálogos criados pela globalização: o poeta aceita a cultura-mundo, entretanto quer ter poder sobre si mesmo e sobre o que produz, controlando criticamente tais diálogos.

Ao contrário do que se afirma, o sujeito não morreu. Morreram os conceitos centralizadores, fixos e essencialistas que lhe eram dados. Todavia, em nenhum outro momento histórico exigiu-se que ele fosse tão vivo. Assim como o poeta, o indivíduo deve se recusar a repetir o que se impõe a ele na TV, na universidade, no jornal, nas redes sociais, etc. Graças a esses meios de comunicação, seu contato com o globo é quase inevitável, mas ele deve se impor diante daquilo que o cerca. Ao se armar com o instrumento cedido aos mortais por Prometeu, o indivíduo comum e o poeta anunciam

que estão prontos para cozinhar a selvageria global, desbravando-a e dela criando novas formas de compreender a realidade. Embora estejam cientes de que os significados que atribuem à realidade estão à mercê de constante mudança, essas transformações são agora guiadas por eles. Cada um é herói de sua própria história.

Referências

BATAILLE, Georges. Introdução. In: _____. **O erotismo**. Trad. João Bérnard da Costa. Lisboa: Antígona, 1988. p. 11-22.

BAUMAN, Zygmunt. O significado da arte e a arte do significado. In: _____. **O mal-estar na pós-modernidade**. Trad. Claudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 131-141.

ÉSQUILO. Prometeu acorrentado. In: CIVITA, Victor (org.). **Prometeu Acorrentado, Édipo Rei e Medéia**. Trad. Alberto Guzik, Geir Campos, Miroel Silveira e Junia Silveira Gonçalves. São Paulo: Abril, 1980. p. 10-49.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FESTA da Salsicha. Direção: Greg Tiernan e Conrad Vernon. Produção: Megan Ellison; Seth Rogen; Evan Goldberg e Conrad Vernon. Estados Unidos: Sony Pictures, 2016. 1 DVD (88 min), Son, Color, Formato: Widescreen.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. Introdução. In: _____. **A cultura-mundo**. Resposta a uma sociedade desorientada. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 7-29.

OLIVEIRA, Lívio. **O teorema da feira**. Natal: Edição do autor, 2012.

RAMALHO, Christina. Hybris: nosso inusitado templo de poesia. In: CUNHA, Helena Parente. **Além do cânone**: vozes femininas cariocas estreantes na poesia dos anos 90. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004. p. 43-64.

RIBEIRO, Darcy. Sobre a mestiçagem no Brasil. In: SCHWARCZ, Lília M.; QUEIROZ. Renato S. (orgs). **Raça e diversidade**. São Paulo: Edusp, 1996. p. 187-214.

SANTOS, Heloísa Leão dos. **(A)língua segundo o ponto de vista da psicanálise lacaniana**. 100 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Departamento de Psicologia, Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 2015.

CÁSSIO AUGUSTO NASCIMENTO FARIAS: Mestrando em Estudos Literários pelo Programade Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe. E-mail:cassio.augusto88@hotmail.com. Bolsista Capes.

AS ACADEMIAS DE LETRAS DE NATAL

Carlos de Miranda Gomes

Como consequência natural da evolução cultural de Natal, os intelectuais potiguares ansiavam reunirem-se em uma Entidade que agregasse essas inteligências numa confraria permanente, organizada, tal como já ocorrido no Rio de Janeiro e São Paulo e com a criação da Academia Brasileira de Letras, seguindo o modelo da Academia Francesa, tendo por *commandant* o escritor Machado de Assis.

Em Natal esse encargo coube a Luís da Câmara Cascudo quando recebeu tal incumbência do Presidente da Academia Carioca de Letras e convocou um grupo de amigos e confrades em sua casa para a tratativa das medidas necessárias para concretizar a Entidade de Cultura, afinal consolidada com a realização de uma reunião preparatória em 14 de novembro de 1936, considerada como data oficial de fundação da nossa primeira academia - ANRL em dependência do edifício do Instituto de Música sito à Rua Vigário Bartolomeu, 630, nesta Capital, cedida pelo seu Diretor Waldemar de Almeida, ato publicado no jornal A Ordem em 20 de novembro do mesmo ano seguindo, também, o modelo da Academia Francesa de Letras.

O seu primeiro Estatuto Social foi aprovado na mesma oportunidade, com emendas feitas ao texto elaborado pelo Acadêmico Mathias Maciel.

Essa história está detalhadamente referida em várias obras de incomensurável importância, dentre as quais destaco: "Na companhia dos Imortais", do Acadêmico Armando Negreiros (Natal: A.S. Editores, 2003), "Ontem, Hoje e Sempre: 70 anos rumo à luz",

em dois volumes, da autoria do escritor José Soares Júnior (Natal: ANRL, 2006), "A Grande Pesquisa", homenagem aos 80 anos da ANRL, do escritor Francisco Martins (Natal: 8 editora, 2016) e recentemente "Memória Acadêmica", da Acadêmica Leide Câmara (Natal: editora IFRN, 2017).

Seu primeiro Presidente foi o Acadêmico Henrique Castriciano de Souza e, na gestão do Presidente Manoel Rodrigues de Melo, com sua incomensurável perseverança, foi construída a sua sede da Rua Mipibu nº 443 – bairro de Petrópolis, com uma forma de livro, e, pelas solenidades realizadas nos dias 5 e 6 de setembro de 1964, foi instalada a maior parte da Academia.

Seu lema corresponde à expressão latina **AD LUCEM VERSUS** (em direção à luz). Seu atual Estatuto foi aprovado na Assembleia Geral Extraordinária de 21 de maio de 2018, ratificando um trabalho iniciado em 2016 e já registrado no Cartório competente.

Por sua parte, sendo o Regimento Interno atribuição da Diretoria, calcado nos termos do novo Estatuto, foi designada Comissão integrada por este articulista e mais os Acadêmicos Lívio Oliveira e Humberto Hermenegildo, com a finalidade de regulamentar ritos e procedimentos.

A ANRL tem publicação regular da sua Revista, mercê do esforço do Acadêmico Manoel Onofre Júnior, com a colaboração do escritor Thiago Gonzaga, sendo motivo de reconhecimento da sociedade e de instituições oficiais.

Sendo impossível congregar todos os intelectuais do Estado na nova agremiação, logo surgiu um movimento para atender os anseios de tão volumoso número de pessoas de letras, daí surgin-

do – não no sentido de fazer oposição/concorrência – mas efetivamente de suplementar a divulgação de muitos e valorosos trabalhos em todas as vertentes da cultura, a Academia Potiguar de Letras, cuja fundação é reconhecida como em 2 de setembro de 1956, nas dependências do Ginásio São Luiz, cedido gentilmente pelo seu diretor Cônego Eymard L´Erestre, também seguindo o modelo da Academia Francesa de Letras, composta de 40 (quarenta) cadeiras, patrocinadas por nomes de norte-rio-grandenses falecidos e que se destacaram no cultivo das ciências e das letras e tendo por lema a expressão **AD SIDERA SEMPER** (Sempre às estrelas). Seu primeiro Presidente foi o Monsenhor José Alves Ferreira Landim.

A Academia Potiguar de Letras editou somente três Revistas: a primeira em 1958, onde consta o seu Estatuto, publicado no DOE de 07/10/1956. Nessa revista há uma relação de 40 nomes, em ordem alfabética; a revista nº 2 foi publicada em 1964 e a terceira e última em 1967, da qual tomo como referência dos Patronos e fundadores: cadeira 1 – Dom José Tomaz Gomes da Silva: Dom Marcolino Esmeraldo de Souza Dantas; cadeira 2 – Adriel Lopes Cardoso: Marcos Falcão; cadeira 3 – Pedro Soares de Araújo: Boanerges Januário Soares de Araújo; cadeira 4 – Cônego Pedro Paulino: Monsenhor José Alves Ferreira Landim; cadeira 5 – Juvenal Antunes de Oliveira: Jaime dos Guimarães Wanderley; cadeira 6 – Pedro Avelino: Antônio Alves de Oliveira; cadeira 7 – Angione Costa: José Bezerra Gomes; cadeira 8 – Cônego Estêvão José Dantas: Eymard L´Erestre Monteiro; cadeira 9 – Jorge Fernandes de Oliveira: Luís Patriota; cadeira 10 – José de Calazans Pinheiro: Monsenhor Paulo Herôncio de Melo; cadeira 11 – Ezequiel Wanderley: Sandoval Wanderley; cadeira 12 – Dr. Heitor Carrilho: Professor Luís Correia Soares; cadeira 13 – Vivaldo Pereira de Araújo: Antônio Antídio de Azevedo; cadeira 14 – Dr. Moisés Soares de Araújo: Luiz Gonzaga de Souza; cadeira 15 – Monsenhor Alfredo Pegado Cortez: Prof. Ulisses Celestino de Góis; cadeira 16 – Pedro Lopes Cardoso Júnior: Dr. Josué Tabira da Silva; cadeira 17 – Ana Lima Pimentel: Santa de Brito Guerra; cadeira 18 – Angelina Macedo: Olegário de Oliveira Júnior; cadeira 19 – Hemetério Fernan-

des de Melo: João Medeiros Filho; cadeira 20 – Dr. Manuel Benício de Melo Filho: Desembargador José Gomes da Costa; cadeira 21 – José Martins de Vasconcelos: Cosme Corsino Lemos; cadeira 22 – Alípio Bandeira: Francisco Augusto Caldas de Amorim, substituindo o Dr. Luíz Antônio Ferreira Souto dos Santos Lima, falecido sem tomar posse; cadeira 23 – Dr. Augusto Leopoldo Raposo da Câmara: Dr. Antônio Soares de Araújo Filho; Quadro de Acadêmicos não empossados: cadeira 24 – Dr. Raul Fernandes: Abelardo Calafange; cadeira 25 – Afonso Bezerra: Desembargador Wilson Dantas, substituindo Dr. Antônio Freire, que renunciou; cadeira 26 – Dr. Orlando Dantas: Dr. Djalma Aranha Marinho; cadeira 27 – patrono não escolhido: Djalma Maranhão; cadeira 28 – Dr. José Gonçalves de Medeiros: Dr. Hélio Dantas; cadeira 29 – João Manoel de Carvalho Santos: Dr. Israel Nazareno de Souza; cadeira 30 – Alberto de Albuquerque Maranhão: João Alfredo Pegado Cortez; cadeira 31 – Dr. João Chaves: Dr. Claudionor Telógio de Andrade, substituindo o Dr. João da Costa Machado, falecido sem tomar posse; cadeira 32 – Tobias Monteiro: Desembargador João Vicente da Costa; cadeira 33 – Prof. João Tiburcio da Cunha Pinheiro: Prof. José Saturnino de Paiva; cadeira 34 – patrono não escolhido: Kerginaldo Cavalcanti; cadeira 35 – Dr. Rodolfo Garcia: Dr. Manuel Avelino; cadeira 36 – Dr. Felipe de Brito Guerra: Dr. Manuel Varela de Albuquerque; cadeira 37 – Ulisses Telemaco: Maria do Céu Pereira Fernandes; cadeira 38 – Antônio José de Melo e Souza: Prof. Mário Cavalcanti; cadeira 39 – Monsenhor Francisco Severiano de Figueirêdo: Dom Nivaldo Monte; cadeira 40 – Antônio Damasceno Bezerra: Otoniel Menezes de Melo. Quadro dos Patronos ainda não escolhidos: Dr. Adalberto Peregrino; André Rocha, Dr. Braz de Melo; Dr. Ferro Cardoso; Dr. Joaquim Inácio de Carvalho Filho. Fazendo o confronto de nomes dos Patronos na Revista 1 e na 3, não consta da primeira lista os nomes de Monsenhor Alfredo Pegado Cortez e Pedro Lopes Cardoso (Pedro Lopes Júnior ou Pierre), que estão registrados como Patronos das cadeiras 15 e 16, certamente equívocos nos nomes na primeira lista.

Pelo que se sabe, a A.P.L. deixou de funcionar não oficialmente, ficando mantida esporadicamente por reuniões realizadas na casa do Acadêmico Boanerges Soares de Araújo. Não localizamos nenhum ato oficial de sua extinção, conforme informação colhida de Wandyr Villar, editor e escritor que detém fragmentos do acervo.

Pela regra estatutária, em caso de extinção:

Art. 7º. Em caso de extinção da Academia, o que somente poderá ocorrer mediante deliberação de 2/3 de seus membros fundadores e efetivos, o seu patrimônio, liquidado o passivo, reverterá em benefício do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

Seria interessante que fosse realizado um estudo para a incorporação da estrutura histórica da A.P.L. na correspondente da ANRL, porquanto há identidades de alguns Patronos e Acadêmicos.

CARLOS ROBERTO DE MIRANDA GOMES é escritor e advogado**,** Membro Honorário Vitalício da OAB/RN, Professor Emérito da UFRN, Membro da ANRL, ALEJUR, AML, IHGRN e UBE-RN**.**

DOM NIVALDO:
100 ANOS

Dom Jaime Vieira Rocha

"Hoje, no coração da Igreja de Natal, eu quero ser, antes de tudo, uma alma contemplativa"

(Dom Nivaldo Monte, em 1988, quando se tornou Arcebispo Emérito)

Queridos irmãos e irmãs!

No dia 15 deste mês comemoramos o centenário de nascimento de Dom Nivaldo Monte, 2º Arcebispo de Natal, falecido em 10 de novembro de 2006. Dom Nivaldo foi Arcebispo de Natal de 1967 a 1988.

Nascido no dia 15 de março de 1918, filho de Pedro Alexandre do Monte e Belarmina Sobral do Monte, era irmão do Pe. Luiz Gonzaga do Monte, mas conhecido como Padre Monte, religioso de fama de santidade e de alta cultura. Entrou no Seminário de São Pedro em 1931, sendo ordenado presbítero em 12 de janeiro de 1941, pelo primeiro Arcebispo de Natal, Dom Marcolino Esmeraldo de Souza Dantas. Ainda jovem presbítero se engaja no Movimento de Natal, experiência pioneira da Igreja de Natal, tendo a frente o então Pe. Eugênio de Araújo Sales, depois Bispo Auxiliar de Natal e Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro. Eram tempos de renovação na Igreja. Na Europa, os movimentos litúrgico, patrístico, ecumênico, traziam ares de uma renovação do Catolicismo, que resultaram na primavera do Concílio Vaticano II. Aqui, Dom Nivaldo funda a Escola de Serviço Social, em 1945, a primeira instituição de ensino superior em Natal. Vários centros sociais, em bairros periféricos foram criados por ele. Em 1958 participa como co-fundador da criação da Radio Rural de Natal. Antes de ser Arcebispo de Natal, Dom Nivaldo foi administrador apostólico de

Aracaju. Sua ordenação episcopal aconteceu no dia 27 de abril de 1963. Em 20 de abril de 1965 é nomeado Administrador Apostólico de Natal e em 6 de setembro de 1967, nomeado 2º Arcebispo de Natal. Sua renúncia ao governo arquidiocesano aconteceu em 6 de abril de 1988, com a idade de 70 anos.

Durante o seu ministério episcopal Dom Nivaldo participou das sessões do Concílio Vaticano II (a partir da 2ª sessão, em 1963), das Conferencias do Episcopado Latino-americano, de Medellín, Colômbia, no ano de 1968 e da de Puebla, no México, em 1979. Pode-se dizer que viveu a sua missão como Arcebispo de Natal traduzindo a renovação da Igreja advinda desses eventos importantes. Ele é exemplo de vivência da fé unida aos elementos próprios da vida humana. Tendo uma veia mistica, unida ao seu zelo e amor à natureza, publicou vários livros, onde manifesta um coração voltado para a contemplação da beleza da criação, sem esquecer a psicologia que o levava a afirmar: "o coração foi feito para amar". Dele foi dito, com palavras acertadas do poeta Veríssimo de Melo, Presidente do Conselho Estadual de Cultura, em nome do mesmo, em 26 de abril de 1988, por ocasião de sua renúncia ao Governo da Arquidiocese e ao apresentar-lhe, em nome do Colegiado, um voto de reconhecimento pelo seu exemplar desempenho como Arcebispo da Arquidiocese de Natal: "Exaltando seus méritos de escritor e pastor, sobretudo, espera esse colegiado, que, agora, sem mais o peso do pastoreio, a Igreja e o Rio Grande do Norte muito vão receber de V. Exa. em favor da cultura e da própria Igreja à qual V. Exa. serve com tanto amor e carinho. A Igreja necessita de apóstolos de sua envergadura e o Estado de figura do seu quilate".

Ao comemorar o centenário de seu nascimento a Igreja de Natal agradece ao bom Deus por ter tido como Arcebispo esse grande homem. Sua estatura pequena e seu porte franzino não fizeram dele um homem pessimista ou derrotado. Pelo contrário, Dom Nivaldo era grande, e elevava seu pensamento ao Deus de Jesus Cristo, o Grande que se tornou pequeno, para tornar grandes os pequenos. Sim, damos graças a Deus por Dom Nivaldo. E, ao

mesmo tempo, suplicamos ao Senhor, que o seu legado de homem da cultura, de religioso com fé encarnada, de pastor solícito e amável, esteja presente nesta Igreja de Natal a quem ele tanto amava.

DOM JAIME VIEIRA ROCHA é sacerdote católico, Arcebispo de Natal.

CENTENÁRIO DE DOM NIVALDO MONTE

Francisco de Assis Câmara

Nas vestes da formalidade, aqui represento o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, do qual o homem erudito, Dom Nivaldo Monte, era sócio efetivo. Aqui deveria estar o seu presidente, Ormuz Barbalho Simonetti, impossibilitado de comparecer em consequência de uma cirurgia de catarata. Disse-me que seu compromisso com o passado preserva a lembrança de Dom Nivaldo em sua terra, onde, na condição de vigário de Goianinha, celebrou o matrimônio de seus pais, Arnaldo e Cirene Barbalho Simonetti.

Nas vestes da amizade e da admiração, quase devoção, aqui estou eu, discípulo de um grande mestre. Dom Nivaldo foi meu professor no Seminário de São Pedro. Observava-nos a todos, com os olhos de uma paternal psicologia. Gostava de ver nossas disputas futebolísticas. Sempre de bom humor, motivava-nos a imprimir qualidade em tudo o que fazíamos.

No decorrer dos anos, quando a maturidade nos acolhe, mais frequentes tornaram-se nossos encontros, seja no Serviço de Assistência Rural, então sob a batuta de Dom Eugênio Sales, seja em solenidades especiais, quando sua palavra imprimia o selo de qualidade ao evento. Lembro-me bem da força de sua palavra, temperada de lirismo. Não era assim, pelo encanto da palavra, e da verdade que transmitia, que o próprio Jesus revelou-se ao mundo?

Ah! Dom Nivaldo Monte, quanto bem foi plantado! Quantos frutos colhidos!

Certo dia, em visita ao Sítio onde eu morava, em Monte Alegre, Dom Nivaldo chegou ao meu escritório de trabalho e me indagou, diante de algumas estantes repletas de livros: Assis, você lê tantos livros e nada escreve? Sob o impacto da pergunta, passei-lhe às mãos alguns artigos e razoável número de poesias. Concentrou-se na leitura de uns

poucos textos e me transmitiu a seguinte lição: "Nem todas as árvores são ornamentais. Muitas delas trazem a destinação de alimentar os homens. Por isso, dão fruto. A poesia, a música, a literatura, todas as formas de arte são frutos que alimentam a alma humana. Publique seus poemas. E arrematou: Rasgue o véu de sua timidez!"

Assim nasceu meu primeiro livro, Asas e Voo. No dia do lançamento, no Solar Bela Vista, Dom Nivaldo foi o primeiro a comparecer. Que mais posso dizer? O espaço da gratidão é infinito. Em sua homenagem, e após sua bela viagem transcendental, compus este soneto em sua homenagem:

DOM NIVALDO MONTE

Sendo a fé um dom de Deus, nele brotou
Muito mais viva do que a Teologia;
E sua palavra de amigo se mostrou
Mais cativante do que a Filosofia.

Nos jardins de Emaús ele ensinou
Que o melhor fertilizante é a alegria;
Fez do trigo e da uva que plantou,
O pão e o vinho de sua eucaristia.

Desprezando a ostentação e a vaidade,
Na enxertia de exemplo e santidade
Recolhe os frutos da admiração.

Com a força da palavra e do sorriso
Demonstrou que só encontra o Paraíso
Quem semeia o amor e a compaixão.

FRANCISCO DE ASSIS CÂMARA – Escritor e poeta, autor de "Asas e Voo" e outros livros.

Obs.: *Texto produzido e lido durante a Missa Solene celebrada na Catedral de Natal, dia 15 de março de 2018, por ocasião do Centenário de Dom Nivaldo Monte.*

DOM NIVALDO
UM SANTO VIVEU ENTRE NÓS

Padre João Medeiros Filho

No próximo dia 15 de março, celebra-se o centenário de Dom Nivaldo Monte. Este foi o primeiro arcebispo brasileiro a ter assento numa academia estadual de letras. Antes, Dom Silvério Gomes Pimenta e Dom Francisco de Aquino Correia – respectivamente metropolitas de Mariana e Cuiabá – haviam sido escolhidos para a Academia Brasileira de Letras – ABL. Sabe-se que Dom Antônio de Almeida Lustosa foi eleito membro efetivo da Academia Paraense. No entanto, tomou posse muitos anos depois, quando titular do arcebispado de Fortaleza. A essa altura, Dom Nivaldo já era membro da ANRL. Dom José Adelino Dantas, nosso confrade, era acadêmico, antes de sua indicação para o episcopado. Cabe esclarecer que o terceiro prelado do Rio Grande do Norte, Dom José Pereira Alves, ao ser ungido antístite, pertencia à Academia Pernambucana de Letras. São vinte e oito prelados brasileiros (cardeais, arcebispos e bispos) eleitos para academias de letras (nacional, estaduais, regionais e municipais).

Além de seu talento e carisma, Dom Nivaldo teve a influência de Dom José Pereira, grande amigo de seu irmão, Cônego Monte, ordenado por ele em 1927. Sua intenção era levá-lo para Niterói. Porém, desistiu: "*Não pretendo deixar o Rio Grande do Norte sem o seu gênio de incomensurável erudição e cultura*". Vislumbrava também no pequeno Nivaldo uma inteligência ímpar, e assim se expressou: "*Este menino promete muito à Igreja*". É inegável a impressão causada pelo renomado orador sacro sobre os irmãos Monte.

Muito poderia ser dito sobre Dom Nivaldo, polivalente e uno. Múltiplo pela diversidade de sua sabedoria, cultura e erudição, nos campos em que atuou, como eclesiástico, escritor, poeta, professor, diretor espiritual e botânico. Uno, porque reunia tudo

num mesmo ideal: Jesus Cristo. "*Mihi vivere Christus*". "*Para mim o viver é Cristo*" (Fil 1, 21). Eis seu lema episcopal esculpido em sua lápide. Toda a sua vida foi dedicada à Igreja de Cristo e à construção do Reino de Deus. Cada vez mais se aproximava da certeza de que o mais importante não é a quantidade dos anos de vida e sim a intensidade do amor. E isso ele fazia com maestria, expresso no livro: "O coração é para amar".

Dom Nivaldo merece todas as homenagens que lhe são prestadas, como dar o seu nome a logradouros, escolas, monumentos etc. Biografias, dissertações e estudos mostrando suas inúmeras virtudes humanas e cristãs devem ser elaborados como registro de seu grande valor.

Dom Nivaldo era um apaixonado pela terra e pelas plantas, "nossas irmãs", como dizia São Francisco de Assis. Por essa razão, é merecedor de um jardim botânico com seu nome. A arquidiocese de Natal e os órgãos governamentais poderiam transformar num lindo jardim botânico a gleba (resquício de mata atlântica) situada no Bairro de Emaús, adquirida por ele e hoje patrimônio do arcebispado natalense. Esse jardim seria envolvido pela quietude e unção dos claustros ali existentes (Mosteiro de Santana e Carmelo). Lá, os estudiosos cuidariam cientificamente da flora regional, como era seu sonho para que o povo possa usufruir das maravilhas da natureza e sentir mais a presença de Deus.

Gostava de citar em suas conferências o Pequeno Príncipe. Ele era também um príncipe do altar, da cátedra, do coração e do bem querer de muitos. A sua existência foi um sacramento da ternura divina, revelando o que de mais humano existe em Cristo e o que de mais divino há no homem. Como bispo, entendia o que afirmara Fiódor Dostoievski: "*a ternura salvará o mundo*". Ela é a força mais humilde e, no entanto, a mais poderosa para nos libertar. Muitos chamavam nosso homenageado de "Dom Ternura". Aliás, ele empenhou-se em cultivar no clero potiguar a arte de ser mais terno. E com sua comovente lição de humildade e doçura, Dom Nivaldo continua presente entre nós. Como um profeta do afeto e da alegria, foi um semeador incansável da paz e da man-

sidão, uma estrela que cintila em nossas almas. "*Seu nome viverá através das gerações*" (Eclo 44, 14). Seus gestos simples, cheios de amor, lembrar-nos-ão o profeta Isaías: "*Deus nos embala em seu colo, como uma mãe carinhosa e meiga*" (Is 66, 13).

JOÃO MEDEIROS FILHO é sacerdote católico e escritor, membro do Conselho Estadual de Educação do Rio Grande do Norte. Integrante da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, da Academia Mossoroense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

DOM NIVALDO MONTE –
SUA TRAJETÓRIA INTELECTUAL

Padre Joao Medeiros Filho

Et ponit super illum manum eius. E **[Deus]** ***colocou sobre ele a sua mão*** (Sl 139/8, 5).

Há uma passagem no Livro do Eclesiástico, atribuída a Jesus de Ben Sirac, que parece ter sido escrita para o momento que agora vivemos. Ali, há as seguintes recomendações dirigidas à comunidade:

> *Vamos fazer o elogio dos homens ilustres, nossos antepassados... São pessoas de coração misericordioso. Seus gestos de bondade não serão esquecidos... Os povos proclamarão a sua sabedoria, e entoarão o seu louvor. (Eclo 44, 1; 15).*

É o que se deve dizer agora, nesta celebração do centenário de nosso inesquecível Dom Nivaldo Monte, que merecida e justamente teve assento nesta Casa de Câmara Cascudo, Otto Guerra, Hélio Galvão, Dom Adelino, Padre Monte e tantos outros que honraram as letras e as ciências do Rio Grande do Norte. Hoje, quiseram a misericórdia divina e a magnanimidade dos nossos pares que sentássemos em sua cadeira. Como seu sucessor, *sequer sabemos aqui nos abancar*, no dizer de dois outros imortais, de sabença profunda e de palavra talhada, nossos colegas e amigos, os saudosos Oswaldo Lamartine e Paulo Balá.

Não seria demais citar palavras do culto e erudito Comendador Hélio Mamede Galvão, que em noite de festa e alegria, saudou

o acadêmico Nivaldo Monte, no dia de sua posse nesta Academia. Assim se expressou, de modo inspirado:

> [Dom Nivaldo adentrou, aqui,]... *sem lhe forçar as portas, que alçaram os dintéis para dar-lhe passagem, larga e franca. E* [entrou] *com credenciais muito legítimas, títulos muito autênticos, ornado de valores com que o agraciou a Providência. Não os ornamentos litúrgicos do seu munus* episcopal, mas aqueles outros adornos do talento sem ostentações, da cultura para o momento oportuno, do saber para a hora adequada.

Nosso homenageado descende de família pernambucana. E é hora de dizer que dois filhos ilustres da antiga Mauricéia [Mauritiustad] marcaram a trajetória cultural e literária do renomado dirigente da Escola de Serviço Social de Natal. Não esqueçamos o Pernambuco das lutas revolucionárias e libertárias, de mãos dadas com os potiguares, dentre eles, o Padre Miguelinho, patrono da cadeira número 01 de nossa Academia. É preciso recordar o Seminário de Olinda, fundado por Dom Joaquim José da Cunha de Azerêdo Coutinho, centro de efervescência intelectual, em que se debatiam os jansenistas e os defensores do Catecismo de Montepellier. Tal seminário foi a *Alma Mater* de Dom José Pereira Alves, terceiro bispo diocesano de Natal (de 1923 a 1928), depois transferido para o bispado de Niterói.

Dom José Pereira Alves, conhecido no Recife, como o Deão Pereira, foi reitor do seminário de Olinda. Tornou-se membro da Academia Pernambucana de Letras (e, posteriormente, das academias fluminense e petropolitana) e de outras agremiações literárias e científicas. Em Natal, tornou-se amigo e admirador do Cônego Luiz Gonzaga Monte, também pernambucano, por ele ordenado e seu secretário particular. Havia empatia literária entre ambos.

Sobre padre Monte – o preceptor cotidiano de Nivaldo – destacamos duas referências: a primeira do prelado que o ordenou e a outra do mestre Nilo Pereira.

> *O discurso* [no dia de sua ordenação] *por ele improvisado foi admirável, impecável, primoroso, tanto quanto à forma como pelos conceitos. Confesso que tive, nesse dia, como em nenhum outro, a revelação da extraordinária capacidade de Monte.*
>
> *Foi o Padre Luiz Gonzaga Monte o orador que Natal tão intensamente aplaudiu, podendo filiar-se aos Bossuets e aos Vieiras. O homem recolhido, o pesquisador solitário, o humanista admirável, capaz de valer sozinho uma Academia.*

O Cônego Monte lia com interesse as matérias de autoria do bispo de Natal, que seriam publicadas em jornais e periódicos especializados. Em trabalhos dirigidos aos eclesiásticos, o prelado falava constantemente das academias de letras e sua importância na Igreja. Não media palavras para aconselhar seus padres a ter uma profundidade literária. Na antiga capital fluminense incentivou sacerdotes a ingressar nas academias de Niteroi e Petrópolis. Em Natal, não fez por menos. Não pode estar presente, mas veio a saber e se alegrou muitíssimo com a entrada de Padre Monte na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, da qual foi membro fundador e autor do seu lema *Ad Lucem Versus*. Aqui já se percebe a genialidade de padre Monte, criando o dístico da ANRL, a partir das palavras de um velho axioma cristão medieval *Ad lucem per crucem*. Sabe-se que a luz é uma das alegorias joaninas para definir Cristo. A influência católica na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras é acentuada, o que se pode notar pelos patronos das cadeiras. Isto é registrado por Bruna Rafaela de Lima Lopes, doutora em História

pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Assim afirma aquela professora:

> *O padre Luís Monte, principal intelectual católico natalense nas décadas de 1930 e 1940, teve uma participação decisiva na formação da ANRL..., ao lado do seu principal idealizador Luís da Câmara Cascudo.* (cfr. Academia dos católicos: patronos e primeiros acadêmicos da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras *in* Revista Eletrônica História em Reflexão: Vol. 10 n. 20 – UFGD – Dourados, jul/dez – 2016).

Cabe salientar que o incentivo episcopal de Dom José Pereira Alves tocou outros presbíteros diocesanos potiguares. Seria desmerecido não citar a iniciativa de Monsenhor José Alves Ferreira Landim. Oriundo de Pernambuco, aqui exerceu seu sacerdócio, tendo sido colega de seminário de Dom José, que o trouxe consigo para o clero deste bispado. Imbuído da beleza da vida das academias, Monsenhor Landim fundou em Natal a Academia Potiguar de Letras, em 1956, extinta anos depois. Convidara para compor os quadros daquela agremiação cultural e literária o arcebispo metropolitano, Dom Marcolino Esmeraldo de Souza Dantas. Este escolheu como patrono Dom José Thomaz Gomes da Silva, homem culto e letrado, primeiro potiguar a ser elevado à dignidade episcopal, bispo da diocese de Aracajú (de 1911-1948). *Per transennam*, é bom registrar: vinte e cinco anos, após sua morte, chegou a Aracajú nosso querido e inolvidável Dom Nivaldo Monte. Monsenhor Landim convidou Cônego Eymard L´Éraîstre Monteiro (secretário do arcebispado) e padre Nivaldo para fazer parte da Academia Potiguar de Letras.

Nosso predecessor na ANRL – da qual veio a ser presidente – revelou sua elegância cultural, ética e cristã. Para não desgostar seu colega no sacerdócio não proferiu nenhuma palavra negativa ao venerando Monsenhor. No entanto, não tomou posse naquela

instituição. E quando Monsenhor Landim insistia, respondia-lhe: *Vou falar com Otto* [de Brito Guerra], a quem Landim escutava, desde os tempos de seu paroquiato na Catedral da Apresentação. Anos depois, contou-nos, certa feita, em longa e agradável conversa na sua Granja, em Emaús: *Nêgo véio, eu não iria jamais desprestigiar a memória e a academia do meu irmão e de grandes amigos e colaboradores, que ali tinham assento.*

Muito mais ouvimos e aprendemos de Dom Nivaldo, às sombras das árvores de Emaús. Sua simplicidade e humildade emolduravam a eloquência de suas palavras. A discrição e o respeito tornaram-se seus companheiros inseparáveis. O otimismo e a esperança, o sorriso e a ternura eram suas vestes cotidianas. Seu amor à terra, às letras, sua paixão pelo Evangelho, seu sonho acordado. Somos-lhe gratos por tudo e cabe-nos repetir, como seu ex-paroquiano [de Goianinha] e devotado amigo Hélio Galvão:

> *Muitas vezes temos conversado sobre outras coisas, simples e gratas, porque além de outras, nossa amizade se firma na convergência desse amor franciscano pela natureza, obra também do mesmo Deus criador.*

Pode-se afirmar que, tanto a influência de Dom José Pereira Alves, como a de Cônego Monte foram fundamentais para a visão cultural e o engajamento literário de nosso festejado, ao longo de toda a sua vida. No entanto, isso não apequena o talento e as qualidades de uma personalidade voltada para a erudição e o conhecimento, possuidor de voo próprio.

Seu amor e admiração pela nossa Academia nasceram, desde cedo, na convivência com seu irmão padre Monte, chegando ao ápice, ao abdicar de sua eventual e futura pertença à Academia Potiguar

de Letras, posto que a ANRL era a sua casa, falava de seu irmão, mentor espiritual de uma elite cultural do Rio Grande do Norte.

Não se pode deixar de citar a criação da Escola de Cultura, no Ateneu Norte-Rio-Grandense, por padre Monte, a fim de despertar os ânimos literários e artísticos. Dom Nivaldo participou desse projeto e ali brilhou, proferindo palestras que encantavam os jovens. Neles despertou o respeito pela sua inteligência e profundidade intelectual, bem como o carinho pela sua maneira simples e desprendida de ser. Já, naquele tempo, o padre Nivaldo se destacava na cultura do clero de então.

Seu mérito e valor ultrapassaram as nossas fronteiras geográficas e limites canônicos. Deu continuidade ao trabalho pastoral do Cônego Monte, nomeado por Dom José Pereira para organizar a Ação Católica nesta diocese de Natal. Tal movimento iria posteriormente plasmar a personalidade de vários líderes cristãos, mormente Otto Guerra, Hélio Galvão, João Wilson Melo, Ulysses de Goes e tantos outros que molharam a nossa terra da água pura do Evangelho e saciaram a sede espiritual de muitos com a seiva transcendente, que brotava do Jornal "A Ordem". Este, à época, era o ícone e o marco autêntico de uma imprensa de opinião, voltada para os reais problemas de nossa gente.

Por intermédio da Ação Católica, conheceu personagens importantes na história da Igreja do Brasil e na vida literária de nossa pátria. Aqui mesmo, em nosso estado, conquistou a amizade de Dom João Batista Portocarrero Costa, segundo bispo de Mossoró e um dos últimos alunos de Dom Pereira, no Seminário de Olinda. Dom Costa foi também um dos tribunos sacros mais brilhantes, que pisaram o solo de nossa terra. Quer em Mossoró, quer em Recife, Dom Costa e Padre Nivaldo trocavam ideias sobre a Ação Católica e, não raro, lembravam os feitos e a erudição de Dom José Pereira Alves, a quem tanto admiravam.

É importante lembrar que, após seis dias da fundação da ANRL, Padre Monte escreveu um artigo intitulado "Nossa Academia de Letras", ali traçando o caminho a ser percorrido pelo seu irmão Nivaldo. Perora nos seguintes termos:

> *O homem de letras precisa mergulhar na corrente da vida e nunca isolar-se na anacrônica torre de marfim. Bem sabemos que a arte tem sua finalidade própria, e nesse caso é soberana, mas o artista é humano, e o fim do homem supera e governa o fim da arte.*
>
> *(…) Já se vê que não estamos aqui para bater palmas a qualquer literato nem defender qualquer literatura. Releva dizer que o primado do Espírito que defendemos contra a supremacia da Matéria – com todo o seu cortejo tecnicista e economista – não se contenta com o simples prestígio da inteligência. Há realidades espirituais que ultrapassam os limites da razão*.

Este trecho encantava Dom Costa. E segundo alguns padres de Niterói, Dom José Pereira Alves, sempre o relia e foi um dos últimos textos por ele lidos. Chegou às suas mãos por meio de Dom Costa, que por sua vez, o recebeu do seu amigo e futuro colega no episcopado, Nivaldo Monte.

A Ação Católica permitiu a Dom Nivaldo sedimentar a amizade com expoentes do clero brasileiro e da intelectualidade nacional, tais como Padre Leonel Franca, Dom Marcos Barbosa, Tristão de Athayde, Sobral Pinto etc. Dentre tantos personagens, que se tornaram seus amigos, destaca-se Dom José Vicente Távora, assistente nacional da Juventude Operária Católica. Dom Távora era próximo e íntimo do Cardeal belga José Cardijn, que um dia receberia, em sua casa de Bruxelas, nosso estimado homenageado de hoje.

Dom José Távora, quando tomou conhecimento de que padre Nivaldo estava sendo cotado para o episcopado, solicitou ao Núncio Apostólico, Dom Armando Lombardi, que o indicasse à Santa Sé para se tornar seu bispo auxiliar. Assim aconteceu. E aquele que hoje festejamos, em 25 de abril de 1963, fez o seu reencontro com seu amigo Dom Távora.

Dom Nivaldo foi o sétimo bispo nascido em terras potiguares. Vale sublinhar que a amizade e a proximidade com Dom José Vicente Távora não trouxe apenas benefícios pastorais para o Rio Grande do Norte. Com ele, Dom Nivaldo discutia os problemas nacionais, os rumos da Ação Católica, a vida de sua Escola de Serviço Social, a trajetória do Movimento de Natal. Também por intermédio do arcebispo de Aracajú – quando ainda padre do Rio de Janeiro – nosso homenageado conheceu com mais profundidade as primeiras escolas de serviço social do Brasil e do exterior.

O surgimento da primeira Escola de Serviço Social (instalada na PUC) ocorre na cidade de São Paulo, em 1936, fundada por católicos, tocados pelos ensinamentos de Pio XI. Em 1937, surge a segunda escola, desta feita no Rio de Janeiro com as recomendações e bênçãos do Cardeal Leme. É justo ressaltar que a criação das escolas de Serviço Social no Brasil foi, em grande parte, o resultado do engajamento dos militantes da Ação Católica. Cabe recordar que na década de quarenta, Dom Távora apresenta Padre Nivaldo a Monsenhor [futuro Cardeal] Cardijn, assistente internacional da Juventude Operária Católica, que morava em Bruxelas. Com expoentes da primeira Escola de Serviço Social da Europa [Bélgica], Monsenhor Cardijn orientou o padre Nivaldo Monte na fundação da nossa importante Escola de Serviço Social, pioneira do ensino superior do Rio Grande do Norte.

Foi relevante o contributo de nosso homenageado de hoje ao Concílio Vaticano II, considerado um novo Pentecostes na Igreja de Cristo. O Rio Grande do Norte foi distinguido, não só com a honrosa presença de seus bispos, mas também com a de Dr. Otto Guerra, como perito conciliar, escolhido por Paulo VI – um dos

poucos leigos participantes do Concílio – para assessorar os trabalhos daquele relevante evento católico. Os historiadores, dentre eles o padre José Oscar Beozzo, são unânimes em falar da importância de Dr. Otto e Dom Nivaldo na redação da "Guadium et Spes". Um documento marcadamente social deveria contar com indicações dos que conheciam, pregavam e testemunhavam o pensamento social da Igreja. É bom lembrar que ambos (Otto e Nivaldo) foram professores da Escola de Serviço Social de Natal, celeiro de tantas ideias, experiências comunitárias e eclesiais.

Dom Eugênio Sales, de saudosa memória, cujo centenário também se aproxima, certa feita, dissera: *Muito do que consegui em Natal, devo a Nivaldo e Otto Guerra, Tavares e Expedito*. O sindicalismo rural, a promoção humana, a alfabetização pelo rádio, a profissionalização, o cooperativismo, tão presentes na vida social e econômica do Rio Grande do Norte, tiveram a marca destes nossos conterrâneos. Quando éramos estudante em Louvain, na Bélgica, estivemos em Roma para receber as ordens sacras das mãos de nosso bispo Dom Manuel Tavares de Araújo e com a finalidade de traduzir alguns textos conciliares. Lá, deparamo-nos com Dom Nivaldo e Dr. Otto, altas horas da noite, debruçados sobre papéis, analisando propostas para apresentar às comissões conciliares.

A Igreja é imensamente devedora a Dom Nivaldo por tantas coisas, sobretudo pelo seu imenso amor e devoção à Sagrada Eucaristia. Sugeriu e concretizou a fundação do Mosteiro de Sant´Ana, enquanto espaço de adoração permanente e louvor a Cristo Sacramentado. Ali repousam seus restos mortais, aguardando a ressurreição.

Com o Mosteiro de Sant´Ana, Dom Nivaldo presta talvez sua maior homenagem a seu irmão Padre Monte, que afirmava:

> *A Eucaristia é um infinito numa sensação e a eternidade num minuto. Sem ela, somos pequenos demais para o céu; com ela, demasiado grandes para a terra.*

Dom Nivaldo, em sua humildade, guardava uma sabedoria e riqueza espiritual. Assim, tornou-se um conferencista muito requisitado. Da circunferência do pequeno Rio Grande do Norte, parte Dom Nivaldo para impressionar o Brasil. Seu auditório não ficou circunscrito à terra potiguar. Seus ouvintes não se limitavam aos fiéis de nosso estado, mas dilataram-se a outros horizontes: Rio de Janeiro, Maranhão, Minas Gerais, Áustria, Alemanha, Itália e Bélgica. Ali, fora convidado pelos Cardeais Leo Joseph Suennes e Joseph Cardijn para falar aos seus diocesanos.

Hoje, pela nossa voz singela, a que, entretanto, não falta o indispensável sentimento de justiça e gratidão, a Academia exalta Dom Nivaldo e o reverencia como imortal e benfeitor desta terra. Esta homenagem ganha nesta tarde outras ressonâncias, pelos altos valores que o exornam na invulgar contribuição à Igreja e ao povo do Rio Grande do Norte. Dom Nivaldo Monte, alma simples e terna, sacramento terreno de Cristo, falou, através do tempo, das maravilhas de Deus e de sua incomensurável misericórdia. O Eterno, um dia, fez nele sua morada e o tornou nosso irmão, pai, pastor e amigo.

Gostaríamos de concluir, repetindo palavras aqui pronunciadas, há exatamente sete anos, quando nos abriram os umbrais desta Casa para ter assento em sua cadeira:

> [Dom Nivaldo] *Vive nas almas por ele buriladas, em cada elemento da verdade por ele conhecido, em cada parcela de virtude por ele amada, em cada trabalho por ele realizado. Vive na verdade que viceja nas inteligências por ele desbravadas. Não, ele não se afastou! Está presente, porque cristalizou dentro de nossa alma a presença de seus ensinamentos na intensidade de uma lembrança amiga!*

Sim, ele está vivo na Eternidade, nesta Academia, sobretudo no coração de todos aqueles que o amam! Dom Nivaldo, padre simples e alegre; pastor amoroso, bispo sábio e santo, roga por nós, junto de Deus e de Maria, a Senhora da Apresentação, nossa Mãe, a Compadecida.

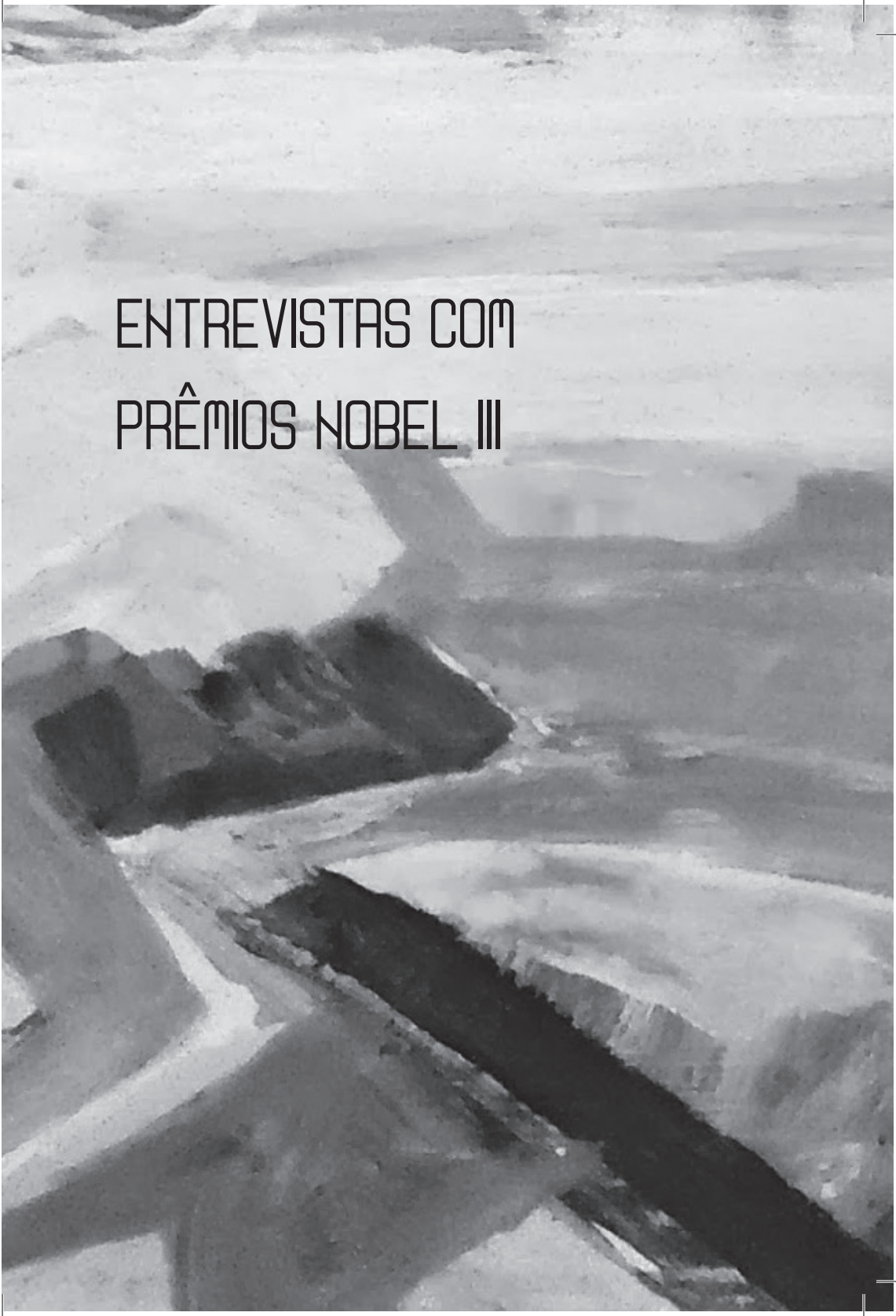
SEDE DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

NATAL, 15 DE MARÇO DE 2018

PADRE JOÃO MEDEIROS FILHO

OCUPANTE DA CADEIRA 18

ENTREVISTAS COM PRÊMIOS NOBEL III



JOSÉ SARAMAGO:
"ESCREVO PARA DESASSOSSEGAR"

Entrevistado por ANTONIO NAHUD
(Lisboa, Portugal, 2002)
Publicado nos jornais "A Tarde / Cultural" (BA) e "Diário de Notícias" (Portugal).

Cada lançamento de José Saramago provoca expectativas. Prêmio Nobel de Literatura de 1998, seu mais recente romance, "A Caverna", conclui uma festejada trilogia iniciada com "Ensaio Sobre a Cegueira" e "Todos os Nomes". Questiona a humanidade e sua desrazão. "Entramos na era da burocracia absoluta, caminhamos para a ignorância. O homem, cercado de informação, perplexo, perde sua capacidade de indignação, de racionalidade mínima", disse o escritor.

Nasceu em 1922, na aldeia de Azinhaga, Alentejo português, região sul do país, produtora de azeitona, cortiça e trigo. Nunca pensou em se tornar escritor, comprando seu primeiro livro aos 18 anos. Aos 25, escreveu e publicou "Terra do Pecado", voltando à literatura depois dos 40, com os versos de "Poemas Possíveis", 1966. Trabalhou como mecânico, desenhista, editor, jornalista. Em 1975, desempregado, resolveu tentar sobreviver como escritor. Deu certo. Publicado em 40 idiomas, escreveu também "Levantado do Chão", "O Ano da Morte de Ricardo Reis", "História do Cerco de Lisboa", "Memorial do Convento", "O Evangelho Segundo Jesus Cristo", entre outros.

A primeira vez que entrevistei José Saramago foi em 1997, numa coletiva em Lisboa, no lançamento do livro "Terra" (com prefácio do escritor português), do fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado. Anos depois, estive com ele em praça pública no lançamento de "A Caverna" (2001). Desta vez, combinamos a entrevista em um café com vistas para o majestoso Castelo de São Jorge. Cheguei 15 minu-

tos antes do horário marcado. Ele está esperando, acompanhado da esposa Pílar del Río. Da varanda alta, vê-se bonitas colinas, o rio Tejo, tufos de alfazema, pombas gordas e barulhentas. Sisudo, o escritor assina um exemplar de um dos seus livros para um garçom.

Ele vive na vulcânica ilha Lanzarote, refúgio cercado de azul atlântico, no arquipélago das Canárias. Visita mensalmente Lisboa. Suas mãos se movem expressivas, as sobrancelhas sobem e descem, olhar triste como os fados de Amália Rodrigues.

A entrevista foi tranquila. Inesquecível pelos sorrisos curtos e irônicos do escritor a cada pergunta.

O senhor tem uma relação difícil com Portugal. Vive em outro país. Os portugueses, entretanto, insistem em anunciá-lo como seu representante oficial.

Eu não posso e nem quero representar Portugal. Nada do que penso transmite tal ideia. As circunstâncias me levaram a viver em Lanzarote. Como poderia continuar em Portugal depois da proibição de "O Evangelho Segundo Jesus Cristo"? Fiquei indignado, triste. Além do mais, Jorge de Sena vivia no Brasil e depois nos Estados Unidos, Eduardo Lourenço vive na França. Muitos outros escritores e poetas portugueses viveram ou vivem fora daqui. O importante é que pago os impostos. Nunca houve uma ruptura com o meu país. Não sou um exilado como dizem os meios de comunicação. Chegaram a me chamar do Salman Rushdie português.

Costuma visitar sua aldeia no Alentejo?

Acredito que sou filho do tempo em que vivo e não do lugar em que nasci. Digo isto porque a vila onde nasci não é a mesma após setenta anos. Estive lá um dia desses. Mudou completamente a paisagem. Havia extensões incríveis de oliveiras que foram arrancadas. É outro mundo, não é o mundo da memória.

Vive atualmente numa ilha tranquila. Se sente distante do mundo?

Não vivo distante do mundo. Estou sempre viajando, venho a Portugal todos os meses. Escrevo livros que atestam que tenho um certo interesse e algumas ideias sobre o mundo e os seres humanos.

Acredita na possibilidade de um mundo justo?

Acredito que temos que fazer algo para tornar o mundo mais justo. Precisamos buscar soluções para os problemas. Efetivamente, não adianta a crença num mundo melhor se continuarmos de braços cruzados, apenas acreditando em conceitos como esperança e utopia. É preciso nos indignar. Ou melhor, deveríamos refletir seriamente sobre o que está acontecendo no mundo, na economia, na ecologia, nos costumes. Tempos de desigualdade, indiferença, racismo.

Por que se zanga quando é descrito como pessimista?

Não sou pessimista, apenas enxergo a realidade. É só olhar o mundo para ver o que está acontecendo: o desespero de milhões de pessoas vivendo miseravelmente. Aparentemente existe o protótipo de um mundo feliz, mas ele é feliz para poucos. O mundo é um pesadelo, e poderia não sê-lo, existem muitas formas de contornar a situação.

Também se enfada quando consideram sua literatura pessimista?

Não gosto de discutir esse tema, não leva a nada. Não existe o pessimismo puro, da mesma maneira que não existe o otimismo puro. O que posso dizer é que não sou pessimista, apenas tenho uma visão do mundo bastante pessimista.

A literatura deve sensibilizar o leitor?

Não vamos embarcar em ilusões, no otimismo. Sensibilizar o leitor? Não sei se o leitor quer ser sensibilizado. A missão do escritor, se existe alguma, é não se calar. Deveria ser a missão de todas as consciências.

A sua criação não é fácil. Muita gente não consegue compreendê-la.

A ideia não é escrever pensando que todo mundo vai compreender sua literatura. A questão está em cada um de nós fazer da melhor maneira possível o que sabemos fazer. Seria um erro fazê-lo pior, podendo fazê-lo melhor. Acredito que a criação de um escritor deve estar ao alcance de todas as pessoas, para que elas procurem e possam entendê-la. O caminho é cultura ao alcance de todos. Sei que há livros meus que muita gente não entende, e tenho que declarar, muito humildemente, que há livros que não entendo, que não estão ao meu alcance.

Por que escreve romances?

Faço romances porque não aprendi a escrever ensaios. Mas não tenho imaginação. O romance, como eu o vejo, mudou muito, não é mais como os magníficos romances do passado que contavam histórias sobre a vida das pessoas. Eu não o vejo como um gênero literário, mas como um espaço criativo em que cabem o ensaio, o drama, a filosofia, a ciência. Tenho a história que quero contar limitada ao essencial. Então, sem perceber, entro com reflexões filosóficas, deixando os personagens de lado por instantes. O autor se intromete, mas não estava previsto inicialmente.

O autor se funde ao narrador?

Não acredito no narrador. Ele não existe, é uma invenção. O que está no texto é um senhor chamado autor e nada mais. Ele, muitas vezes, finge que é narrador.

Camilo José Cela disse numa entrevista que após ganhar o Nobel foi preciso muita força de vontade e saúde para não se esgotar completamente.

Verdade. Eu fiquei cansado. Não fazia outra coisa senão viajar. Foram muitos congressos, entrevistas, lançamentos, apresentações, doutoramentos honoris causa. Cela havia me avisado que o ano imediato ao prêmio é perdido. Mas não me queixo.

A cultura se move geralmente por modas. Se eu afirmar que os brasileiros estão interessados na literatura portuguesa, como é fato citando sua obra e a de Lobo Antunes, não estaria dando importância a um modismo passageiro?

As modas não são negativas. Sem moda seguiríamos como antes. É bom que surja algo diferente, mesmo efêmero. Algo sempre permanece. Inclusive alguns autores que estão na moda. Se existe no Brasil a moda da literatura portuguesa, que eu não creio, passaremos a vender um pouco mais. Não deixa de ser interessante.

Saramago não é seu verdadeiro sobrenome...

Fui o primeiro Saramago da família. O empregado do registro civil fez uma pequena confusão. Sou um Souza. Saramago é uma planta que nos tempos da minha infância, e até antes, as pessoas da minha aldeia, em épocas de crise, digamos, comiam. Gosto do meu sobrenome, não queria ser chamado de José de Souza.

Finalizando. Escreve dia após dia?

Escrevo diariamente para desassossegar. Não desejo me abandonar à comodidade. No fundo, o que procuro saber com a minha escrita é essa coisa tão simples e que não tem resposta: quem somos. Quando esgotar o que tenho a dizer, terei a sensatez de parar de escrever.

ANTONIO CANDIDO SOB O OLHAR DE HUMBERTO HERMENEGILDO

O PAPEL DE ANTONIO CANDIDO PARA A FORMAÇÃO DE NOVOS PESQUISADORES:

ENTREVISTA*

Humberto Hermenegildo de Araújo

NOTA: O acadêmico **Humberto Hermenegildo de Araújo** (Cadeira n. 2, ANRL) concedeu uma entrevista à *Revista Contramão*, da Universidade Federal do Piauí, sobre as repercussões da obra do crítico literário Antonio Candido, falecido no ano passado. O n. 3 daquela publicação eletrônica é integralmente dedicado à obra do principal nome dos estudos literários brasileiros, formando um dossiê em sua homenagem. A Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras reproduz a entrevista do acadêmico, como forma de, também, prestar homenagem à memória do mestre ANTONIO CANDIDO.

CONTRAMÃO: Como se deu o seu primeiro contato com os estudos de Antonio Candido e qual a sua impressão inicial sobre aquelas orientações teóricas?

Hermenegildo de Araújo: O meu contato inicial com a obra do autor de *Literatura e sociedade* foi por meio da leitura do texto "Crítica e sociologia", daquele livro, quando eu era monitor da disciplina de Teoria da Literatura, ministrada pelo professor Eduardo de Assis Duarte (UFMG), no final dos anos 1970, período no qual ele atuava como professor da UFRN. Naquele momento, foi um choque para o aluno que fora iniciado no método estruturalista e que vivia o contexto da ditadura militar, com pouca visão crítica da

---

* Publicada originalmente no n. 3 (dez. 2017) da *Revista Contramão - estudos de literatura contemporânea*, publicação eletrônica do Núcleo de Pesquisa em Literatura Contemporânea da UFPI.
Acesso: **http://www.ojs.ufpi.br/index.php/contramao**

conjuntura. Além do estruturalismo, eu tinha uma leitura bastante avançada dos autores do Formalismo Russo, então era difícil admitir uma perspectiva que se abria para a leitura do fenômeno "extraliterário", porque eu tinha a certeza da "imanência" do texto. Só mais tarde, cheguei à compreensão de que Antonio Candido não negava aquelas teorias, mas promovia a superação dos aspectos que limitavam a inserção do fenômeno literário na sociedade. Do ponto de vista de quem estava imerso na Teoria da Literatura, foi muito interessante confrontar aquele texto inicial com a perspectiva do texto sobre personagem publicado por Candido em *Personagem de ficção*. Digamos que, nesse último, havia um diálogo maior com aquele universo teórico mais fechado daquele momento, o que foi muito interessante para que eu passasse a simpatizar com o mestre. Mais adiante, já como professor da universidade, a disciplina de Literatura Brasileira me levou a leituras mais específicas, sobre a formação do sistema literário. A leitura dos textos de Candido, realizada em situação de ensino, de forma simultânea e em confronto com a leitura de outros autores como Afrânio Coutinho, por exemplo, abria novos horizontes para a compreensão da nossa literatura. A história da literatura deixou de ser, para mim, algo regido apenas pela diacronia e pela sucessão dos estilos de época, para se tornar algo vivo e complexo, graças às orientações teóricas do autor de *Formação da literatura brasileira*.

CONTRAMÃO: Qual a importância de Candido para a sua formação como pesquisador de literatura?

Hermenegildo de Araújo: A partir da temporada na UNICAMP, para realizar o mestrado, a pesquisa ganhou uma nova dimensão na minha trajetória como professor. Os meus professores, no Instituto de Estudos da Linguagem, eram todos ex-alunos de Candido e havia também um grupo de estudos, informal, que tinha como referência os ensinamentos do mestre. Discutimos bastante os avanços teóricos do Formalismo Russo, as teorias de Walter Benjamin e de Adorno, sempre com o contraponto da discussão sobre a literatura

brasileira. Isso foi determinante para traçar os rumos de uma linha de pesquisa sobre a literatura local e seus vínculos com as questões regionais e modernas. Como o ponto de vista de Antonio Candido é materialista, as suas reflexões iluminam aqueles rumos e permitem superar os riscos que sempre corremos quando estamos diante de fenômenos aparentemente isolados, como é o caso das literaturas locais. Assim, o dado objetivo, visto a partir de uma visão em princípio empírica, nunca se deixa isolar porque, analisado, recebe a mediação da linguagem (que revela a forma literária). Neste sentido, pesquisar o local e o regional é também pesquisar a literatura como fenômeno universal. O comparativismo não se deixa limitar pelas fronteiras e foi por essa perspectiva que Antonio Candido chegou, por exemplo, ao valor da obra de Machado de Assis, sem desconsiderar a necessidade, no processo formativo, de outros autores considerados de menor valor.

CONTRAMÃO: Sabe-se que o Sr. participa de um Grupo de Pesquisa interinstitucional denominado *Formação*, que busca exatamente analisar a obra de Antonio Candido. Conte-nos um pouco sobre as preocupações desse grupo e sobre as atividades por ele desenvolvidas ao longo dos anos.

Hermenegildo de Araújo: A minha participação nesse grupo se deu ao longo de dez anos, período no qual eu aprendi muito com os colegas de outras universidades, até o momento da minha aposentadoria, quando decidi me dedicar mais à escrita criativa. O *Grupo Formação*, com base institucional no Rio de Janeiro, surgiu como desdobramento do evento "40 anos de Formação da Literatura Brasileira", realizado no ano de 1999, e tem como eixo de discussões o conhecimento sobre o processo formativo da nossa literatura, articulado à cultura e às questões sociais. O grupo pratica uma revisão de estudos sobre a tradição literária e procura atualizar a discussão teórica sobre fenômenos recorrentes como a dialética do local e do universal. A obra de Antonio Candido passa por uma releitura e os ensinamentos de teóricos como Roberto Schwarz cons-

tituem um eixo prioritário de debates. No âmbito desse grupo, eu organizei, juntamente com a professora Irenísia Torres, da UFC, o livro *Regionalismo, modernização e crítica social na literatura brasileira* (São Paulo, Nankin Editorial, 2010). Já em 2014, o professor Luiz Alberto Nogueira Alves, da UFRJ, organizou o livro *A formação em perspectiva*: ensaios de literatura, cultura e sociedade (Rio de Janeiro, Editora Beco do Azougue), em comemoração aos dez anos de existência desse grupo.

CONTRAMÃO: Um dos temas mais recorrentes em seus estudos é a questão das "literaturas locais" e do Regionalismo. Inclusive, o Sr. publicou na Revista Letras**, da Universidade Federal do Paraná, um artigo que apresenta um mapeamento e uma análise do tema do Regionalismo ao longo da obra de Candido. Qual a real importância dos estudos do crítico carioca para a análise desse tópico?**

Hermenegildo de Araújo: Nesse artigo ("A tradição do regionalismo na literatura brasileira: do pitoresco à realização inventiva" – Curitiba, n. 74, p. 119-132, Jan./Abr. 2008 http://www.ser.ufpr.br/letras), eu procuro verificar como Antonio Candido estabelece, em *Formação da literatura brasileira*, critérios de análise de uma teoria da literatura brasileira a partir do tema do brasileirismo. Com esse tema, surgiu a tendência regionalista, que atravessa todo o sistema literário nacional desde o romantismo até os nossos dias, de forma bastante heterogênea e diversificada, a ponto de revelar a complexidade do processo formativo regido, não obstante, pela dominante construtiva do romance urbano. A questão do regionalismo perpassa a literatura, mas a sua raiz está localizada no processo social brasileiro, que determina os vários "regionalismos". Por isso, conforme demonstra Lígia Chiappini Moraes Leite, em várias análises sobre o fenômeno, para examinar a questão no âmbito da literatura faz-se necessário recorrer à noção de "regionalidade", categoria que permite identificar a região internalizada à ficção, no que resulta, segundo a autora de "Do beco ao belo: dez teses sobre

o regionalismo na literatura brasileira" (*Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p. 153-159, 1995), "[...] um momento estrutural do texto literário, mais do que um espaço exterior a ele". O estudo da obra de Antonio Candido tem demonstrado que tudo o que se move na literatura tem raiz social, mas a sua apreensão decorre, somente, por meio da linguagem. Por isso, a categoria da regionalidade é fundamental para análise do regionalismo na literatura, assim como é imprescindível trazer para o centro das discussões "a representação literária das identidades problemáticas da nossa configuração histórica", conforme demonstra Roberto Schwarz no excelente artigo "O punhal de Martinha – Machado de Assis" (*Martinha versus Lucrécia*. Companhia das Letras, 2012). Nessa perspectiva, a identificação do dado local como matéria literária incorporada à estrutura do texto não é privilégio (ou defeito) das literatura locais. O critério para estudo será o mesmo para qualquer literatura porque, segundo o ensaísta, "o ponto de partida está na configuração da obra, com as luzes que lhe são próprias, e não na sociedade". Tais conclusões (de Lígia Chiappini e de Schwarz) são devidas, em parte, a uma compreensão profunda da obra de Antonio Candido em confronto com o estudo da obra literária.

CONTRAMÃO: Em relação à temática da tradição, o que Candido tem a acrescentar para o cerne dessa discussão?

Hermenegildo de Araújo: Já nas páginas iniciais de *Formação da Literatura Brasileira*, Antonio Candido resume o conceito básico de tradição, fundamental para compreender a noção de sistema literário como um processo dinâmico. A articulação de obras e escritores em um campo histórico no qual se dá a continuidade da tradição é descrita imageticamente como a transmissão da tocha entre corredores: uma tradição viva, sem a qual não há literatura como fenômeno de civilização. Tal imagem é muito próxima da noção de tradição em T. S. Eliot ("A tradição e o talento individual"), no entanto, o filósofo Paulo Eduardo Arantes esclarece, em *Sentido da formação* (ARANTES, O. B. F; ARANTES, P. E. – Paz e Terra, 1997), que a tradição em T. S. Eliot

é sempre inespecífica e de universalidade máxima, ou seja, trata-se de uma tradição acolhedora, no sentido de que: "A continuidade nunca é de problemas, nem se constrói dando forma aos impasses históricos que se referem". No caso brasileiro, o aparecimento de Machado de Assis se deu no contexto de um processo formativo cujos predecessores eram autores de achados modestos. Segundo Paulo Arantes, Machado não nasce feito e, ao contrário do que presumia Eliot "[...] é a sua 'formação' que altera o sentido da tradição". Já segundo Roberto Schwarz, ("Notas do debatedor". In: D'INCAO, M. A. & SCARABÔLO, E. F.. *Dentro do texto, dentro da vida*. Companhia das Letras, 1992), em Antonio Candido estamos diante de "um conceito materialista e não tradicionalista de tradição", com implicações: "Num país culturalmente a reboque, como o nosso [...] a existência de um conjunto de obras entrelaçadas, confrontadas entre si, lastreadas de experiência social específica, ajuda a barrar a ilusão universalista que é da natureza da situação de leitura [...]". Nesse mesmo sentido, o autor de "O punhal de Martinha – Machado de Assis", citado na resposta à pergunta anterior, afirma que o que se conceitua como universal revela a condição humana em detrimento do que possa ser local, regional ou nacional. Mas ele esclarece: "[...] embora planetário, o âmbito não é a 'mera' condição humana, fora ou acima da história" e sim o ser humano particularizado em um "momento histórico preciso e bem explicado, embora imaginado" (SCHWARZ, 2012, p. 293). Mais uma vez, fica a lição: na configuração da obra e, portanto, na formação da tradição, estão implicadas as raízes sociais.

CONTRAMÃO: Ao longo de sua carreira como professor, o Sr. inspirou muitos alunos a também desenvolverem pesquisas a partir dos pressupostos teóricos de Antonio Candido, ajudando, assim, a manter uma tradição de estudos candianos. Como o Sr. avalia a permanência das teorias de Candido na universidade brasileira?

***Hermenegildo de Araújo*:** No âmbito da universidade brasileira, a área de Letras repercute e participa ativamente de um movimento bastante amplo, contextualizado no movimento democrático que

ocorreu após os anos 1980 na sociedade como um todo. Nesse contexto, a obra de Antonio Candido respondeu aos anseios de quem estava interessado em pesquisar literatura como forma artística e como forma social, de modo simultâneo, interligado. Havia muita resistência por parte de grupos que defendiam a imanência no estudo do "texto", perspectiva que era vinculada a estudos formalistas. Essa tendência foi, em grande parte, superada e, hoje, há um grande reconhecimento da obra em questão. Porém, na conjuntura atual, após o golpe parlamentar ocorrido recentemente, dificilmente haverá condições para, a curto e médio prazos, uma superação dos avanços ocorridos na nossa área, considerando o conhecimento acumulado na universidade. Pelo contrário, estamos vivendo na sociedade um retrocesso político inimaginável há pouco tempo – isso repercute nos nossos estudos... A realidade tem demonstrado a atualidade dos estudos de Candido e a sua leitura deve continuar ainda por um bom tempo alimentando as reflexões da área de Letras e afins. Apesar da conjuntura desfavorável, a permanência das teorias de Candido é um fator positivo: a apropriação do seu pensamento nos potencializa para um salto qualitativo em direção a um futuro, quiçá, promissor...

CONTRAMÃO: Para terminar, que outros aspectos relevantes o Sr. poderia apontar acerca dos estudos desenvolvidos por Candido?

Hermenegildo de Araújo: Inicialmente, gostaria de chamar a atenção para a importância de dois textos fundamentais para a compreensão da teoria que possibilita uma autonomia do pensamento crítico sobre a literatura brasileira como um sistema. Do ponto de vista do profissional da área de Letras que atua no ensino de literatura, esses textos permitem ao professor fornecer aos alunos uma visão muito interessante sobre a nossa tradição literária, com repercussões na recepção da produção contemporânea. O primeiro texto é o livro *Formação da Literatura Brasileira* e o segundo é o estudo "Literatura e cultura: de 1900 a 1945" (incluído no livro *Literatura e sociedade*). O segundo complementa o primeiro e ambos lançam

luzes para uma apreensão crítica da produção subsequente aos momentos históricos estudados. Chamo a atenção para o subtítulo do *Formação*: "momentos decisivos". Como se sabe, esses momentos da "formação" do nosso sistema correspondem às **manifestações literárias, à configuração do sistema literário e ao sistema literário já consolidado. A esses "momentos decisivos" acrescenta-se, em "Literatura e cultura", a visão ampla do sistema em pleno funcionamento, ou seja, a visão de** dois grandes momentos decisivos que, segundo o crítico, mudam os rumos e vitalizam toda a inteligência: o romantismo e o modernismo. A lição de Antonio Candido sobre o sistema literário toma a forma de um eixo para o estudo da complexidade da constelação estabelecida, haja vista as abrangências dos dois grandes momentos e o poder de mobilização de grupos ou de valores individuais implicados. A situação da literatura brasileira assim considerada possibilita um amplo leque de discussão que compreende, além dos dois grandes momentos, os intervalos entre eles ou mesmo períodos antes do romantismo e depois do modernismo. Tal constelação permite o estudo da história da literatura sem o limite dos estilos de época, ou seja, é possível começar a estudar o sistema a partir de qualquer período, numa perspectiva comparatista. No caso da contemporaneidade, cujo contexto é o da globalização, cabe ao professor estimular a discussão sobre a vitalidade do sistema: qual é a função da tradição hoje? Qual é o sentido de estudar a tradição? O que ela teria a nos ensinar e qual seria a relação dos escritores atuais com essa tradição? Chamo a atenção para esses dois textos fundamentais, por causa do caráter didático que o professor pode dar a eles em sala de aula (na universidade, é claro), mas há outros de igual importância e complexidade, como sabemos. Não poderia deixar de apontar, também, a necessidade de discussão da teoria desenvolvida pelo mais conhecido estudioso da obra de Antonio Candido: Roberto Schwarz, o responsável pelo maior avanço da crítica no Brasil, nos últimos tempos. Aos seus estudos devemos, também, voltar a nossa atenção.

CONTOS E CRÔNICAS

O SILÊNCIO É HUMILHANTE

Vicente Serejo

Em tudo, mas principalmente nas relações de amizade e amor, o silêncio, algumas vezes, é humilhante. É o desprezo no mais refinado e perverso requinte. A pedra negada que não estilhaça a ausência. Para quem espera, é melhor cortar as mãos recolhendo os cacos do que restou do que vê-las feridas pela lâmina do silêncio. É como varrer do chão os passos da solidão, carregando nos olhos e ouvidos o vazio terrível, aquele que dói como um soco atirado na boca do estômago.

Agora, ano passado, os leitores brasileiros tiveram o direito à tradução do livro 'Silêncio na era do ruído', do norueguês Erling Kagge. É um best-seller internacional, mas vale por algumas afirmações certeiras que faz. Para ele, o silêncio é sempre triste. Ele acredita que o silêncio só é a representação da presença humana se não for nascido da ausência planejada. Vestido de desdém, então, é insuportável. Como é triste se for, tão só, a forma e a de expressão de um abandono.

Aliás, amizade e amor se parecem. Muito. Se entre amigos não há sexo - hoje, nas novas relações, nem é tão rígido assim - a intensidade da amizade, independentemente da sexualidade de cada um, pode ser a forma perfeita de intimidade. Não é preciso ir tão longe para desconfiar que a convivência e o bem-querer viram ataduras invisíveis que laçam e enlaçam, nó feito para durar.

Depois, o silêncio dos inimigos é sempre mais fácil de compreender e perdoar. Dos amigos, não.

Voltando ao escritor norueguês, é bom acompanhá-lo no seu medo dos grandes silêncios. É quando vem o tédio. E o tédio, convenhamos, é feito de um silêncio espesso e sufocante que mata tanto a amizade quanto o amor. Admirar e amar são exercícios de

intensa reciprocidade, não há novidade. Desde que aquele que admira ou ama o faça com gestos aparentemente casuais. A uma palavra falsa ou a um silêncio injusto e a pureza da admiração e do amor já não será perfeita.

Se o silêncio é de simples ausência, não fere. Fere o silêncio que sabe ser exercido como um dar de ombros. Um dardo. Lento e suavemente atirado sobre a mesa no seu sentido bandeiriano - quando lirismo não é libertação. A infinitude humana não é aquilo que não tem fim. Seria óbvio, se somos finitos. É a forma humana e mágica da eternidade. Somos eternos porque cada um é único, insubstituível e indivisível na unicidade de suas desgraças e virtudes humanas, sublimes ou não.

Não faço medo. Seria inútil. Sei que o ódio é um amor enlouquecido, mas não é do feitio do cronista cavar abismos e escondê-los com as folhas secas do caminho. Só aviso: o silêncio, às vezes, é humilhante. Pra que negar? Alguém dirá que o silêncio é humano, está em toda parte, e que a dissimulação, se bem cerzida, é uma arte. Ora, não duvido. Mas, dói se não liberta a palavra desejada. Se vem no riso falso e fere os lábios que se abrem com a frieza dos gestos maquinais.

VICENTE SEREJO é jornalista, escritor e professor aposentado da UFRN, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Autor de "Cena Urbana", "Cartas da Redinha" e "Canção da Noite Lilás".

SEMANA SANTA

Eider Furtado

Curioso: a semana santa deste ano despertou em mim a lembrança de um tempo que ficou muito para trás. Quando andava beirando a minha adolescência, quando a igreja católica parecia convidar os seus fiéis para reviver, nas suas orações, o sofrimento de Cristo, condenado à morte e morte de cruz. Até a sua vitória com a sua ressurreição no domingo de páscoa.

Desse tempo guardo determinados preceitos, por incrível que isso possa parecer. Os atos religiosos a ser revividos começavam na quarta-feira, com a cerimônia das trevas, enquanto na sexta –feira santa ou da paixão não se tomava banho, não se tomava leite, não se cantava música profana. Eu mesmo quando era diretor-artístico da então Rádio Poti, fiz tocar nesse dia, exclusivamente, música clássica. E tem mais: dizia-se que se um padre não encontrasse (?) a aleluia durante a celebração da missa do sábado, o mundo acabaria naquele dia. Graças a Deus a aleluia nunca deixou de ser encontrada. Quanto a não se tomar leite, diziam os mais velhos aos mais novos que, em algum lugar do mundo, um cidadão tentou uma ordenha, como era seu costume e ao invés de leite, só colheu sangue do úbero da vaca. E outras tantas coisas que eu, menino ainda, escutava meio apavorado.

Verdade ou não, comigo aconteceu o seguinte: no ano de 1939, mês de fevereiro ou início de março, fui acometido de tifo. Naquela época era uma doença grave. Não havia medicamento que a combatesse e o paciente devia enfrentá-la com banhos seguidos. Assim, a sexta-feira da paixão era a minha preocupação, tanto que chegado o seu dia resisti em tomar o leite que me seria servido na primeira refeição. Meu pai ofereceu-me os seus vencimentos de um mês, ganhos como funcionário público que era e eu nada. Naquele dia, já no fim da tarde, quando o termômetro já alcançara

42º de febre, depois de um banho quente, envolvido em três colchas de lã, o termômetro caiu para 38º e, daí para a frente a doença foi cedendo até que me colocou de pé.

Um milagre, disseram. Leite do peito da vaca não deveria ser tomado na sexta-feira da paixão e eu não o tomara, em respeito ao preceito tradicional dos católicos. Fui o escolhido para vencer o tifo e sobrevivi aos nove garotos que, como eu, na minha vizinhança, foram atacados pela doença e não a venceram.

Bem, mas eu queria mesmo era falar da semana santa da atualidade bem diferente da do meu tempo. Hoje, ao invés das igrejas, são as praias que se enchem de gente, enquanto o Cristo que deu a vida por todos nós, lá está pregado na cruz. A bebida que corre solta não é aquela que lhe deram para matar a sede. O fato é que é aquela a semana santa que eu guardo na memória

ELDER FURTADO é advogado e escritor, autor de "Audiência de um Tempo Vivido" e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

ESTÁTUAS DE SAL

Aldo Lopes

> "Fez pois o Senhor chover sobre Sodoma e Gomorra enxofre e fogo vindos do céu. E destruiu estas cidades, e todo o país em roda: todos os habitantes das cidades, e toda a verdura da terra"
>
> *Gênesis*

Quando os estrangeiros chegaram, nosso pai estava sentado à porta da cidade. Ostentavam os moços tanta formosura, disse nosso pai, que os homens do corpo da guarda se esqueceram de revistá-los, sequer indagaram onde eles teriam deixado seus camelos, se é que vieram em montaria. De qualquer modo, nenhuma caravana, viajante ou peregrino solitário tinha chegado à Sodoma, naquela tarde. Nosso pai conversou ali mesmo com os dois rapazes, e por um bom tempo, e olhe que nosso pai era homem de grande sisudez.

Todo fim de tarde nosso pai se postava ali, à sombra do altíssimo, do altíssimo umbral em arco, a grande porta oriental da cidade, e por lá ficava até o sol se esconder e a noite desabar no horizonte de areia, vento e mil escorpiões. Seus olhos miravam um ponto perdido no deserto. Nosso pai sempre sonhou ir embora deste lugar, falava sempre na promessa vaga de uma terra de fartura. Por enquanto, só a dureza do viver, as muralhas nos separando do grande deserto, e sobre elas os guardas com suas lanças pontiagudas e olhos de víboras.

Nosso pai um dia teve terras para as lavouras e pastos para seus gados, mas os invasores vieram e ele perdeu tudo, lavouras, terras e rebanho, só não perdeu a vida porque subiu no olho de uma figueira centenária e se escondeu. Nossa mãe estava velha demais para ser es-

crava, mas não tão velha para resistir e não se mover do lugar, como uma árvore. Enquanto ela presenciava os saqueadores fuçando a casa e os arredores a procura de objetos de valor, nós, eu e minha irmã, permanecíamos em silêncio total, escondidas debaixo de suas vestes.

A vida em Sodoma era assim: Deus no céu e nosso pai na terra. Deus eterno, poderoso, e nosso pai velho ferreiro cansado de malhar ferro o dia inteiro, a face crestada de fuligem. Das mãos de nosso pai saíam as melhores lanças, adagas e cimitarras da província. Toda a produção era enviada ao palácio, donde vinha o alimento que nos provia.

Os dois moços vieram para nossa casa, aceitaram a hospedagem de nosso pai. Tão logo tomaram assento, desatamos-lhes as sandálias e besuntamos com óleo aqueles pés macios e rosados e tão finos que coisa nenhuma assim nunca devia de se pôr no chão. Enquanto nossa mãe cozia no borralho pães ázimos para a ceia, nosso pai era o tempo inteiro nos dando ordem de bem zelar pelo deleite deles. E assim, não só as nossas mãos tocavam os pés dos estrangeiros, e aqui falo por mim, porque eu os tocava com a alma, com o coração. Prostrada como uma vestal, eu era uma fornalha ardente, e peitos meus dois pães intumescidos querendo se livrar dos grilhões do linho.

Na sala de banho colocamos ervas aromáticas e loção em dois cântaros de água morna e ficamos a postos junto a uma fresta da porta. Aquela fissura na tábua era tudo o que a gente dispunha para fazer a grande descoberta. Tinha lá cada um dos tais um par de asas enormes. E eles batiam as asas e remexiam o vento e espatifavam água pelas paredes e pelo chão em abanos nervosos e desgovernados. Os corpos sem pelos, alvos, alvíssimos estrangeiros. Havia neles certo ar angelical. Tirante o prodígio das asas, tinham aqueles moços as mesmas formas dos demais homens de todo esse mundo de meu Deus, mas não a natureza da maioria dos machos desta cidade, que só se davam a conhecer e a se acamaradar entre eles, nutrindo por nós, mulheres, desprezo e nojo.

Acabado o banho, sentaram-se à mesa e cearam fartamente e beberam todo o vinho que restava numa ânfora. Os cabelos molhados escorriam em madeixas até o meio das costas largas e corcundas por conta das asas que, agora sabíamos, eles escondiam sob as túnicas. Conversavam muito eles e nosso pai, sempre na língua dos homens, que só eles compreendiam.

À noite fomos despertadas pelos rumores de um grande ajuntamento diante de nossa casa. Eram eles, os tais que nos odiavam. E queriam que nosso pai lhes entregasse os estrangeiros.

— Afastem-se da minha porta – esbravejou nosso pai.

Era madrugada sem vento algum nem tráfego de cavalos ou carroças pelas ruas, mas não conseguíamos dormir. De nossos aposentos ouvíamos o bate-boca.

— Sabemos que estão aí, por isso viemos buscá-los.

— São meus hóspedes, vão ao diabo.

Eles insistiam para nosso pai abrir a porta, mas nosso pai não abria, e eles chutavam a porta e ameaçavam quebrá-la.

Foi então que nosso pai nos ofereceu, e eles se aborreceram mais ainda, e se puseram a atirar pedras e dejetos em nossa porta.

— Elas ainda não conhecem varão – apelou nosso pai, valorizando a oferta.

Em resposta, recrudesceu o tumulto e a porta de casa não suportou a pancadaria. Nossa mãe meteu-se a chorar, mas logo se calou, nossos choros sempre voltavam da garganta por ordem de nosso pai. Abatida pelo reumatismo, ela não podia fazer mais nada por nós, como fez naquele dia em que por pouco não fomos levadas para o mercado de escravos.

Nosso pai, a bem da verdade, só queria que aqueles indivíduos não molestassem os estrangeiros. Assim que nossa mãe serenou, saí como uma serpente pelo chão, e me defrontei com os dois belos moços no momento em que um deles, majestoso como de

sempre, puxou levemente o nosso pai pelo braço e com um gesto de mão fez sair do nada uma coluna de fogo, raio que a todos deve ter ferido de cegueira e queimaduras, e eles se espalharam em debandada pelas ruas desertas e não mais voltaram a importunar.

Amanhecia quando nosso pai veio nos chamar, hora em que a gente saía para o trabalho e sempre íamos adiante para acender o fogo, arrumar as coisas, para quando nosso pai chegar já achar o carvão aceso, a oficina arrumada, o vaso de betume no nível para as têmperas do dia. Nossa mãe em casa cortava os couros, costurava as bainhas para as facas e adagas, e à noite gritava de reumatismo.

Naquele dia não fomos trabalhar.

— Vamos fugir – nosso pai foi logo dizendo.

— Para onde?

— Para as colinas.

— E mãe?

— Não dá para levar nada. Não dá tempo.

— Meu Deus, e cadê eles?

— Estão tocando fogo na cidade.

Não podíamos pegar nem mesmo uma mochila, uma cesta de pão, nada. Nosso pai não deixou.

— Corram para as montanhas e não olhem para trás – gritou nosso pai. — Foi o que mais os moços recomendaram.

— E nossa mãe?

— Esqueça sua mãe e fujam para as colinas, eu sigo atrás.

— Acho que nosso pai não escutou – disse minha irmã, já tossindo uma fumaça escura.

O vento desmanchava nossos gritos enquanto corríamos, e se nos fosse dado olhar para trás teríamos visto não apenas a areia tapando nossos rastros no deserto, teríamos visto muitas coisas de-

sagradáveis, mas o que os olhos não vêem o coração não sente. O suor escorria por dentro da roupa, empapando-me as coxas. A luz do dia raiando em nossos rostos nos embriagava como os cânticos do templo da tribo de nosso pai.

Do que sucedera à cidade e à nossa mãe, nossa gorda e velha mãe entrevada de reumatismo, só Deus podia dizer, Deus e nosso pai, mas nosso pai só tinha silêncio. Era o silêncio de nosso pai e o vento assobiando colina abaixo, num turbilhão, indo com o sol no rumo da planície, certamente transformada num inferno de pó e fogo, não sei dizer de modo preciso, porque em nenhum momento olhei para trás, conforme nosso pai determinou. E sempre fomos muito obedientes.

Quando a noite caiu, já estávamos nas colinas, então procuramos uma caverna para nos abrigar. Antes do sono, não sei bem, vieram aqueles moços bonitos com suas madeixas e asas enormes, e sonhei-os por um bom tempo e eles me possuíram e eu soprava como o vento nas colinas, e os meus filhos, centenas deles, saíam em grandes revoadas. Tentava trazê-los, implorava que voltassem, e quanto mais soprava e gritava, mais de filhos eu infestava os céus.

— Está com febre, minha filha — disse nosso pai, me sacudindo.

E tendo se deitado sobre mim, levantou o meu vestido sem dizer mais uma palavra e forçou entrada entre minhas coxas. Era o ferro em brasa de nosso pai entrando e saindo da forja do meu ventre, até cuspir lá dentro um jorro morno, a têmpera que deu vigor e músculos a toda a gente dessa terra.

ALDO LOPES DE ARAÚJO é escritor e Delegado de Polícia, autor de "O Dia dos Cachorros" e outros livros.

O CIRCO DA BAILARINA

Osair Vasconcelos

Para Marcius Cortez

Bem na esquina da Rua do Sol com a Rua da Alegria, num terreno de arrelia – dito baldio -, nesta cidade de forria, armaram o Gran Circo Mágico Nelson, sucesso de temporadas nas maiores cidades deste país, há de se citar Santa Cruz – a de Santa Rita e a do Passa Quatro-, Passa e Fica, São Bento do Bofete, Caxinguelê das Flores, Lajes Pintadas, Campo Redondo, Serra Caiada, Baixa da Égua e outras da nobre geografia nordestina.

E assim é, senhoras e senhores, que chegou à vossa singular comuna a maior trupe de artistas que um circo jamais reuniu:

palhaços de Picasso, homem-bala do Easy Rider, mágicos de Oz, arlequins de Veneza, colombinas de Verona, saltimbancos Em Busca do Tempo Perdido e rumbeiras de La Revolución.

anões da Mesopotâmia, a mulher-barbada do Labirinto da Solidão, o Minotauro de Creta, atiradores do Exército de Átila, saltimbancos do Deserto dos Tártaros e cavaleiros do Sétimo Selo.

faquires de Passagem para Índia, atiradores de faca de Agra, domadores de cobra de Bangalore, ascetas de Varanasi, flautistas de Ó Calcutá, samurais engolidores de fogo de Ran, cowboys do Bagdá Café, cronópios de Cortazar e grevistas de Eisenstein.

Quem na plateia podemos ver é o neto do Conde de Miramonte, o homem Cortez, que, se olhar ao redor, verá o blanc de Aldir, o bigode de João Bosco, o nariz de Jorge Bem, a voz molhada de Chico Buarque e o períspirito de Elis Regina.

Mais à esquerda, os algodões de Palmério Doria apontam um estilingue para portadores de canhões.

Notam-se 40 cadeiras vagas, destinados aos fardões da ABL – nesse espaço vazio, vê-se tão somente o vulto de Jorge Amado, abraçado a Carybé.

Abrem-se as cortinas do espetáculo com o coro dos retirantes de Graciliano e um séquito de poetas que tiram pedras do caminho. No palco, coristas da Rua Augusta desfiam canções de tempos idos. Autran risca o bordado, um grego desenha o Z, Sartre cura A Náusea com As Palavras, e um homem soturno pergunta:

- Quo Vadis?

- Não sei, responde o beatnik que dirige o calhambeque: estou On the road.

Na sequência, o Monstro do Coração Mole conta como nasceu nas Vastidões de Kubrick. Vaqueiros dos Grandes Sertões disparam em busca de bois invisíveis. Alfonsina canta sua busca por *poemas nuevos en el fondo oscuro del mar*. O guerrilheiro Pablo tira a boina basca e recita uma Canção Desesperada. Um homem sem memória narra como viveu Cem anos de solidão.

Fim da função da primeira parte da função e o homem do Senhoras e Senhores anuncia:

- Senhoras e Senhores, chegou a hora da grande atração: A Equilibrista da Tarde Feito um Viaduto.

Ouve-se o tarol de Banga, talento recolhido pelo Gran Circo Mágico Nelson durante temporada em Macaíba. As baquetas dançam frenéticas sobre o couro tenso e fazem a vibração das cordas penetrar no espírito da plateia, deixando-a inquieta.

A Equilibrista agarra-se à corda e sobe até o palanquim. As meias brancas lhe cobrem as pernas e sapatilhas amarillas, os pés. Uma blusa de vermelho sannyasi protege-lhe o tronco e um calção marrom e folgado esconde-se num cinto largo, de tecido florido, enquanto duas abas pendem de lado. O cabelo liso está penteado de lado.

Vencida a corda, a uma infinitude de altura ela se lança no vazio e, somente a meia distância do trapézio que lhe foi lançado, abre os braços para agarrá-lo. Agora, ela e o trapézio são um só, balançando de um lado a outro. Ora ela o segura com uma mão – a mãozinha que segurava a do avô no caminho da escola. Ora com a outra – a que segurava a mão do avô para aprender a escrever. Ora pendura-se com os pés, os pés que, apenas poucos anos antes, ensaiava passos de balé para o avô. E agora, deita-se de bruços sobre a barra de ferro coberta com tecido branco, abre pernas e braços como uma borboleta.

O tarol de Banga enlouquece, toma conta do circo. De repente, A Equilibrista fecha pernas e braços, e mergulha. O tarol de Banga recrudesce e leva os corações da plateia à boca. Alguns fecham os olhos.

O Homem Cortez, com a cabeça voltada para o alto, sonha. Está dormindo numa carroça do circo do homem dos morangos silvestres. Amou a corista. Brigou com o ator canastrão. Por um momento, quase cede à tentação de voltar a viver numa cidade, como se o circo o tivesse cansado. Revolve-se em dúvidas enquanto cavalos suecos transportam a trupe para a próxima cidade.

Mas, é nesse instante que o tarol de Banga transforma as batidas nervosas em Caravan, numa condução suave que desata a tensão e distende as bocas da plateia em sorrisos. Então, a menina, agora num balanço suave, se desfaz do trapézio e voa para cair no colo do Homem Cortez, e lhe diz, em voz clara e firme, acima dos aplausos:

- Vô... Eu agora pertenço ao circo. E o circo é para sempre.

OSAIR VASCONCELOS é jornalista e escritor, autor de "As Pequenas Histórias" e outros livros.

MENINO DE PERIFERIA

PARTE 2

Thiago Gonzaga

Com a mania de ficar em casa, eu tive poucos amigos na infância, mas estes poucos valiam por muitos.

Lembro bem de Marcelo, o amigo que melhor retrata esse período: vivíamos como cão e gato, brigávamos muito e também brincávamos muito. Galego, como muitos o chamavam, era um danado bagunceiro, e talvez tenha sido a amizade que mais marcou minha infância, sempre estávamos um na casa do outro, ouvindo músicas na radiola do pai dele; Roberto Carlos era o nosso preferido. Tínhamos entre oito e dez anos, vivíamos soltos no mundo, vagabundando. Como nossas mães trabalhavam fora, quando não estávamos na casa dele, que ele dizia ser mal-assombrada, íamos para as dunas de Cidade Nova, brincar, chupar caju, atirar de baladeira, pegar passarinhos. Marcelo era muito esperto, mais vivo que eu, tinha espírito de aventureiro, sempre queria ir para mais longe, lugares distantes, perigosos, falava em fugir de casa, e falava até em matar o pai, pois o pai batia muito nele. Eu. sempre mais contido, mais tímido. Brigávamos, por motivos banais, e eram brigas feias, de se agarrar, dar bofetes, cair no chão, às vezes ficávamos muito machucados. Retratei a vida de Marcelo em um conto que escrevi denominado "Valdir", misturando memória e ficção, porém, praticamente tudo que narrei é verídico. Marcelo era tão danado, que uma vez, fomos para o bairro vizinho, e ele levou um facão embaixo da camisa para brigar com os meninos da turma de lá. Outra vez, ele me chamou para ir ao Circo do Palhaço Facilita, passou em frente à casa de um desafeto , pegou um paralelepípedo e jogou na porta da frente da casa, que arrombou, ficou em pedaços. Marcelo saiu correndo e me deixou lá para dar explicações à família, quase fui linchado. Sempre íamos pra feira, eu e Marcelo, todo domingo, gostávamos de olhar as coisas no vuco-vuco, meu sonho era ter um gravador, era época das fitas K7, sonho de con-

sumo. Ouvíamos músicas internacionais sem entender nada da letra, e muitas vezes reuníamos uma pequena turma pra fazer o mesmo, brincar, jogar biloca. Vivemos muitas aventuras juntos eu e Marcelo, éramos crianças, e como não tínhamos controle dos pais, tirávamos proveito da situação, pegávamos os ônibus, passávamos por debaixo da catraca, íamos para Praia do Meio, Praia do Forte. Marcelo era tão corajoso que nadava até ao fundo, eu medroso, uma única vez que fui tentar fazer isso quase me afoguei, quem me salvou foi um desconhecido, lembro até hoje. Outra vez, quando o famoso bandido Paulo Queixada matou um médico e tocou fogo no carro dele, nas dunas de Candelária, fomos ver a lataria do carro queimado, andamos quilômetros por dentro das matas das dunas até chegar ao local; lá encontramos um cavalo pastando, pensávamos, em nossa ingenuidade de crianças, que o animal não tinha dono, e trouxemos para casa, deixei-o no quintal, dei comida, e no final do dia minha mãe quase me dá uma surra. À noitinha, o dono do cavalo chegou lá em casa para pegar o animal de volta, mas não fez confusão; eu , claro, culpei Marcelo. Ficávamos, às vezes, acordados até altas horas da noite, ele esperava todo mundo da rua ir dormir, e quando estava tudo no maior silêncio, dava gritos enormes, estridentes que acordavam todos os vizinhos, que saiam à rua aflitos. Na adolescência me afastei de Marcelo, a vida nos deu outro rumo, ele foi para o lado do crime, e eu queria vagabundar, ficar sem fazer nada na vida. Anos depois, ele foi preso, cumpriu parte da pena; solto, virou evangélico, passou um tempo na igreja, voltou a cometer delitos, e teve um fim trágico: ao andar de moto foi atropelado por um caminhão, não escapou.

Outro amigo da infância, Gênesis, filho de pais protestantes, foi o primeiro a me convidar criança a visitar uma igreja evangélica, tínhamos uns oito, nove anos. Sempre íamos ao culto, eu gostava muito, pois o pai dele, tinha um fusca, e pra mim era um sonho poder andar de carro; acredito mesmo que quando comecei a ir pra igreja era mais para andar de fusca. Na casa de Gênesis havia uma televisão a cores, grande novidade, eu nunca tinha visto nada igual, aquilo me fascinava. Era muita tecnologia, no meu entendimento. Vivíamos em uma época, em que não havia ainda celulares e computadores, pelo menos para a população de baixa renda.

Eu fui batizado no rito católico, porém nunca frequentei igreja católica, não fiz primeira comunhão nem crisma, coisas que as crianças da minha época faziam; creio que o meu batismo assim se deu por que minha mãe, na época, trabalhava na casa de uma família católica que tomou a iniciativa de não deixar o menino pagão. Só retornei à igreja, na adolescência, por volta dos 14 , 15 anos, mas repleto de desconfianças e dúvidas. Eu acreditava em Deus, mas não acreditava na bíblia, nem sei o motivo desse meu modo de pensar, mas acho que a fase da adolescência, naturalmente, nos faz questionar muitas coisas. Eu ia às missas por conta de amigos e para paquerar as meninas da nossa turma. Minha mãe nunca foi conosco à igreja católica, nem nunca nos impôs ir, salvo quando havia algum batismo, missa do galo, etc, ela nos levava. E foi numa dessas ocasiões, numa missa do galo na Catedral de Natal, que eu vi, encantado, pela primeira vez, o centro da cidade de Natal à noite, numa noite de natal, todas as ruas com luzes coloridas, árvores de natal , tudo igual ao que se via nos filmes, na televisão. Outra coisa marcante: esperar saber qual seria o filme de final do ano que a rede Globo iria exibir; me lembro de como assisti ao Superman, achava-o incrível, e ficava voando dentro de casa com uma toalha pendurada no pescoço. O natal era algo encantador para todos nós, havia alguma coisa mágica nessa época do ano, mesmo a gente não tendo dinheiro, tudo ficava mais bonito.

Com um vizinho, Marcos, grande amigo, adorávamos soltar pipa, andar pelo mundo, correr, brincar na rua. Marquinhos, como era chamado, era muito tímido e também não gostava de estudar, acho que por isso nós nos dávamos tão bem, éramos muito unidos. Sempre apareciam vizinhos novos na rua, e se juntavam com os mais antigos, fazíamos uma festa, Mônica, Dalrivam, Eduardo, Maria de Lourdes, Robson, e tantos outros que gostavam de brincar no meio da rua, ou na calçada em frente de casa. Era tão divertido que nem notávamos o sofrimento da vida que passava aos nosso olhos. Nas noites em que faltava energia elétrica, acendíamos velas e colocávamos dentro de latas de leite, espécies de lanternas, pegávamos vagalumes em grande quantidade. As ruas do

bairro não eram calçadas, nem saneadas, havia muita lama e muito mato na frente das casas, cada vizinho limpava a sua frente como podia. Lembro que muitas vezes estávamos brincando, e apareciam cobras, caranguejeiras, insetos, mas nos acostumamos com aquilo tudo. Marcos e eu éramos muito próximos, e comparo a amizade de Marcos com a de Marcelo, só que, numa fase pré-adolescente, não brigávamos, éramos mais confidentes, e assim permanecemos por muitos anos, sempre de forma calma e pacifica.

A amizade com Marcos ficou dividida quando, aos 13 anos, chegou para morar no nosso bairro, Nilson, um rapaz vindo do interior - Fernando Pedroza - em busca de trabalho na capital. Nilson era bem tímido, mas comunicativo, e logo fez amizade com todos nós da turma, porém, eu e ele criamos um laço maior, acredito que por sermos vizinhos, o que causou uma certa ciumeira no restante dos amigos. Então eu sempre levava Nilson para conhecer os lugares, as ruas de Natal, as praias, lagoas, e o apresentei a várias conhecidas, que ele logo começou a paquerar. Nilson era uma espécie de irmão que eu não tinha, e ele gostava muito de me contar dos filmes que via na tv. Era uma fase em que eu tinha começado a lutar artes marciais no projeto social do bairro, exercitava-me bastante, achava bonito aquelas lutas, principalmente Karatê e Kung Fu. Uma enorme turma de colegas, na época, começou a praticar esportes, em projetos sociais ou de forma autodidata. Lamentavelmente, Nilson se afastou de mim, devido a um problema que tivemos com outro colega. Numa discussão boba em nossa rua, por conta de futebol, eu dei um chute no colega, que caiu com a cabeça numa pedra e desmaiou, tendo de ser socorrido no hospital e pegar pontos na cabeça. Foi algo terrível, muito grito, sangue e todos os vizinhos empataram os filhos de ter amizade comigo, todos se afastaram de mim, eu levei uma bronca grande da minha mãe que ainda por cima teve que comprar medicamentos para o rapaz, que passou dias acamado.

Resolvi, então deixar as artes marciais de lado. Acredito que vários jovens da minha geração possuíam grande potencial para praticar esportes, mas infelizmente, uma serie de fatores, - a luta pela sobrevivência, a falta de incentivo e de melhores projetos sociais -,

acabaram por nos levar para outro rumo. E eu, adolescente, ia começar outra fase da minha vida, à procura de um emprego fixo.

Desses tempos todos, penso que o melhor amigo sem dúvidas, foi João Maria. Era um menino de 9 anos, eu, um ano mais velho do que ele. De família bem equilibrada; eu notava muito amor dentro da casa dele, e via como ele era querido pelos pais e irmãos. Eu e João Maria, gostávamos de fazer paródias de músicas, na hora em que uma música estava tocando no rádio, inventávamos uma outra letra por cima, fazíamos também bateria de lata e permanecíamos tocando no quintal de casa, fazendo muito barulho, e os vizinhos reclamando. Gostávamos de ficar vendo desenhos animados na tv, de ficar tentando desenhar - coisa que nunca soube fazer-, de ficar conversando sobre o futuro, sobre nossas famílias. E nunca brigamos.

Eu, às vezes, sentia um pouco de inveja de João Maria, pois ele tinha o cabelo liso, o meu era crespo. Além de João Maria ser entoado, cantava muito bem, e eu lembro que a gente tentava fazer dupla na rua, queríamos imitar Chitãozinho e Chororó, mas só quem se destacava era João Maria, todos se mostravam impressionados com a voz dele, e alguns pediam pra eu me calar, que eu não sabia cantar. Eles estavam certíssimos.

Na medida em que fui crescendo fui me aproximando de outras pessoas, amizades duvidosas, amigos rebeldes, que não queriam nada com a vida, isso fez a família de João Maria o aconselhar a se afastar de mim, e fomos nos separando naturalmente. Marcelo começou a ficar cada vez mais rebelde, cometia pequenos furtos, andava armado, Robson se envolveu em um assassinato, Binho morreu numa briga de gangues... Era a realidade em minha volta. Os colegas do bairro se metendo com drogas, armas, roubos, furtos, convivendo com marginais; eu via tudo isso passar na minha frente.

A minha brincadeira favorita era sem dúvidas jogar futebol, como todo menino de periferia. A ilusão de ganhar dinheiro jogando bola estava ao meu alcance, participava de todo tipo de jogo: na rua, no campo, em quadra, e por algum motivo fui jogar de

goleiro, fase de alegrias, sempre tinha um timinho pra gente jogar. Numa determinada época, cheguei a fazer testes no América, quando o campo do América ainda era em Capim Macio, próximo ao viaduto de Ponta Negra, lá onde hoje existe um supermercado Bompreço. Participei de vários campeonatos no meu bairro, ganhando inclusive medalhas - outra maneira de aliviar a dor da simplicidade da minha vida na periferia de Natal.

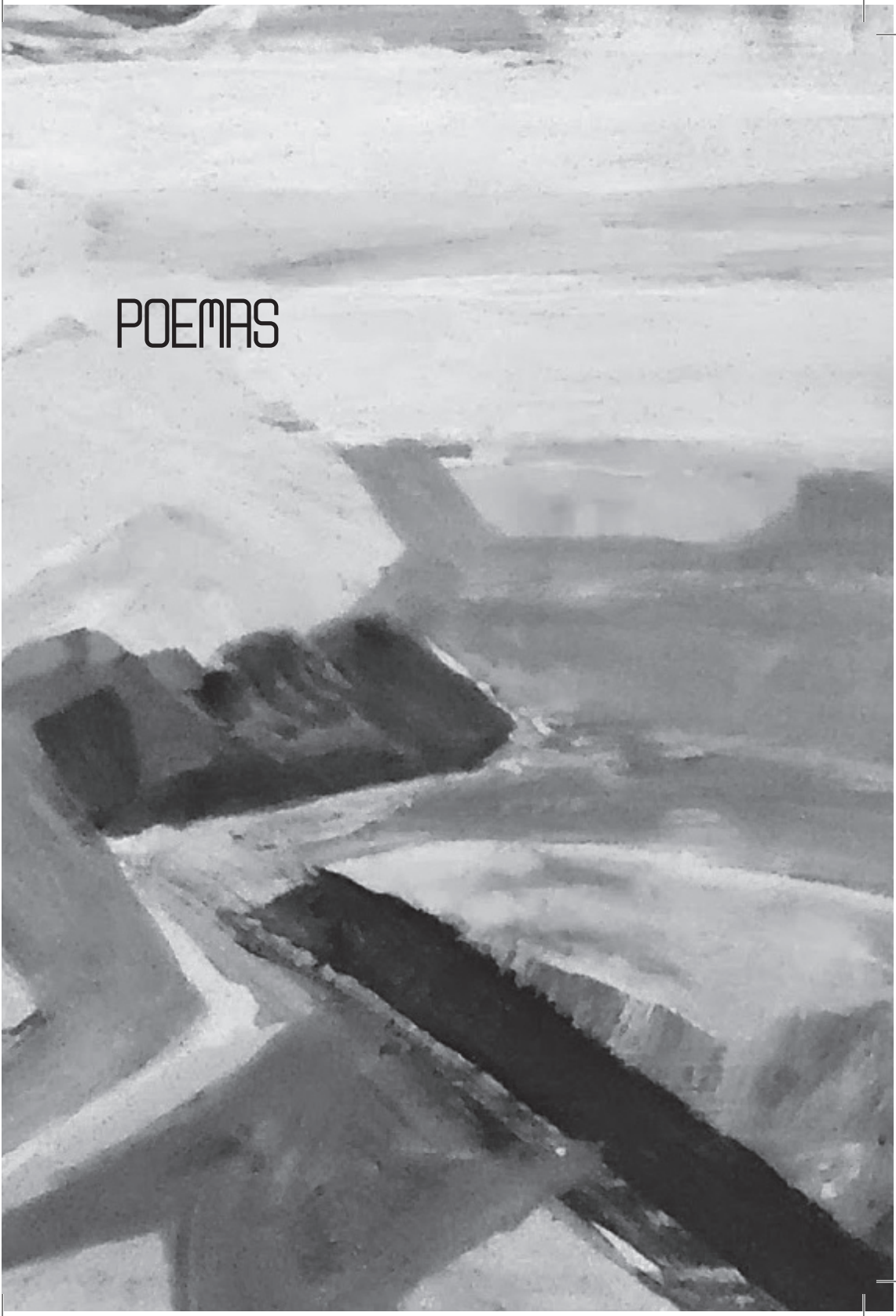
Nessa fase do futebol, a nossa turma se meteu em várias brigas com as "gangues" de bairros vizinhos, meninos sem juízo, qualquer coisa era motivo para brigas. Certa vez, jogando numa quadra, um moleque me deu um chute que eu sem pensar, rapidamente revidei; ele, então, puxou uma arma para atirar em mim, o que fez todos saírem correndo desesperados pelas ruas do bairro, inclusive eu que não morri nesse dia por um milagre. Todo o bairro ficou sabendo do acontecido, passei a jogar menos. Hoje em dia, de vez em quando, encontro esse meu antigo desafeto, que trabalha vendendo salada de frutas nas ruas de Natal.

Onde gostávamos muito de nos reunir com intuito de brigar era nos comícios de políticos. Sempre após os discursos ilusórios deles, apresentavam-se muitas bandas, aquilo era um divertimento para nós. Lembro-me de vários comícios das campanhas de Garibaldi Alves, João Faustino, Ana Catarina, Henrique Alves, Carlos Alberto; eram grandes eventos, vestíamos camisas com anúncios de propaganda partidária, levávamos bandeiras, colávamos cartazes nas paredes das nossas casas. Nem sei porque a gente fazia isso, mas participávamos, mesmo sem ter alguém para nos orientar, nos educar; aquilo era uma espécie de pão e circo.

Alguns dos meus colegas de então, cujo nomes não lembro, ainda vejo-os por aí, trabalhando de servente de pedreiro, de vendedor ambulante, de caseiro, de marceneiro....

THIAGO GONZAGA é escritor, pesquisador e professor. Mestre em literatura comparada pela UFRN, autor de "Os Grãos – Ensaios Sobre Literatura Potiguar Contemporânea" e outros livros.

POEMAS



TRÊS POEMAS DE LÍVIO OLIVEIRA

1. Esquina

Aquilo que há dentro
sangra no corpo ardente
enigmas se desfazem
enquanto pulsa o tempo.

A mente aceita o trato
e compra prazeres: fogo
o que já se desata (livre)
e desliza intenso e alto.

A entrada ousa avenida
de cuidar com postes
e luzes que se apagam
durante o ato e a noite.

2. Ponte

De um canto a outro luz e
linhas geométricas caem
sobre o rio que é espelho
e se entortam: manchas.

O dia ainda vem longe
horas altas fé radiofônica
anuncia cura pra hoje
antes do meio-dia.

Vale aguardar: ora
por tudo que se esquece
quando se contempla só
o ingresso do rio no mar.

3. Bar (ou outro)

Retorna o homem triste
ao bar a resistência: dor
que já navega milhas
no copo sujo na mesa.

A mulher de minissaia
pede a bebida quente
antes: os miolos secam
o balcão acolhe cabeça.

O sono esconde dentro
o que já não se esquecia
na longa vida de pressas
que têm fim: o bar fecha.

LÍVIO OLIVEIRA é Procurador Federal, poeta e escritor. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, do IHGRN e da UBE/RN. Autor de "O Colecionador de Horas", "Teorema da Feira" e vários outros livros.

DOIS HAICAIS E UMA CANÇÃO INESPERADA

Jarbas Martins

O teu mar de escunas
Perfeitos os teus pés desfeitos
entre algas e dunas

a Guilherme Boulos
rascunho
meu sonho
com o punho

CANÇÃO

Amor,

as sombras de tuas vestes
roubam a pureza do mármore.
Escuta, enquanto uma árvore
germina em meu canto – despes
tua nudez só de amor feito.
Florir deixai nosso leito,
brilhar deixai teu regaço.
Deixai-me fluir por teu braço,
subir por altos castelos,
espelhos, olhos, cabelos,
a rubra flor do teu lábio.

Bendito nosso degredo,
nosso pecado e segredo.
Que o mais – somente Deus sabe.

JARBAS MARTINS é Promotor de Justiça aposentado, poeta e escritor, autor de "Contracanto", "14 versus 14" e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

NECROLÓGIO

SANDERSON NEGREIROS

ORAÇÃO DE LOUVOR

03.07.1939* – 19.12.2017+

Armando Negreiros

Senhor Presidente, prezados confrades, familiares, meus senhores, minhas senhoras. Inicialmente agradeço a honra de ter sido escolhido pelo Presidente Diógenes da Cunha Lima para fazer essa **Oração de Louvor** – um título bem mais suave do que **necrológio**.

Encantou-se em 19 de dezembro de 2017 o primo e amigo José Sanderson Deodato Fernandes de Negreiros, aos 78 anos (nasceu em Ceará Mirim aos 03 de julho de 1939). Foi casado com a juíza Ângela Negreiros e pai de Rodrigo Negreiros. Depois que enviuvou de Ângela, Sanderson praticamente isolou-se do mundo. Conversar com Sanderson era sempre um prazer renovado. Cultura vasta, lia tudo e todos, escrevia uma prosa diversificada, fazia poesia com naturalidade, verve e beleza, possuía uma biblioteca de mais de vinte mil volumes. Autor de vários livros, começou aos 15 anos editando "O ritmo da busca". Quando o meu pai, Rafael Negreiros, chegava em Natal ele fazia questão de encontrá-lo todos os dias, ocasiões em que ficava provocando para que seu Rafael contasse histórias que ele já conhecia.

Era o último fundador vivo de uma cadeira na Academia Norte-rio-grandense de Letras – ANRL. Foi eleito em 13 de abril de 1967, aos 28 anos de idade, para a cadeira de número 40, mas, só tomou posse em 11 de dezembro de 1977. Escolheu como patrono Afonso Ligório Bezerra. Tive a honra de ser saudado por Sanderson quando tomei posse na ANRL em 14 de agosto de 2002.

"Há tempo de viver obstinadamente e tempo de esperar, paciente, que a vida nos convide ao repouso. Há tempo para lembrar os nossos mortos e tempo para compreender a vida que se inicia

com a morte. Há tempo de rir e tempo de fazer que se está rindo. Há tempo de esquecer e tempo de lembrar o esquecimento sem aparecermos mudos. Há tempo de pedir e tempo de entender a recusa. Há tempo de se caminhar, recuando, e tempo de se recuar, sem abandonar a caminhada iniciada." Pequeno trecho do artigo 'As razões do tempo' de Sanderson, publicado em dezembro de 2017 na Tribuna do Norte.

Estudou no Seminário São Pedro, em Natal, entre os nove e treze anos de idade, período da viuvez de seu pai, onde fez o ginásio. Cursou o segundo Grau, atual ensino médio, no Atheneu Norte-rio-grandense e, em seguida, fez os vestibulares de Direito e filosofia. Foi aprovado em ambos em primeiro lugar, escolheu pelo Curso de Direito. Era bacharel pela Faculdade de Direito de Natal, Jornalista, Auditor do Tribunal de Contas do Rio Grande do Norte, Adjunto de Promotor, Professor de "Cultura Brasileira". Foi Secretário de Estado para Assuntos Extraordinários, no Governo do saudoso Tarcísio de Vasconcelos Maia. Foi, por quase três anos, presidente da "Fundação José Augusto".

Em artigo do confrade Lívio Oliveira intitulado 'Sanderson e o querer bem' ele reproduz as palavras textuais de Sanderson: "Conheci a minha mulher na praia de Genipabu, quando eu visitava, junto com Luís Carlos Guimarães, a casa dos pais de Ângela. Um avião pequeno dava rasantes sobre o mar. Eu, que estava pensando em voltar para o Rio de Janeiro, onde estava trabalhando, avisado sobre a moça aviadora, disse logo, sob o olhar desconfiado do seu pai: - Vou casar com ela! Hoje a minha esposa é a minha conselheira espiritual, minha colaboradora, minha censora, a única pessoa que eu permito que me censure."

Com a morte de Ângela, Sanderson, que já era de sair pouco de casa, isolou-se completamente.

Um dos maiores amigos de Sanderson foi Woden Madruga. Selecionei alguns trechos publicados no Jornal de WM:

"Nos anos 50 Natal se gabava de ter sete jornais: Tribuna do Norte, Diário de Natal, O Poti, A Ordem, O Jornal de Natal, o Jornal do Comércio e A República. Foi nesse cenário tropical, que nos idos de 1952, o adolescente José Sanderson Deodato Fernandes de Negreiros, nascido no verde vale do Ceará Mirim, deixava o Seminário São Pedro. A vocação de servir à Igreja ficou no baú das dúvidas. O jovem partiu para as incertezas da vida profana onde foi buscar a resposta à intensa curiosidade do seu espírito inquieto, perquiridor e profundamente inteligente."

"Foi nessa quadra da vida que vi Sanderson pela primeira vez: Gordo, rosto redondo, corado, cabelos negros, lisos, lembrando um daqueles anjos barrocos com que o Aleijadinho enfeitou as igrejas de Minas Gerais."

"Aos 16 anos estreava na literatura com o livro de poesia 'O ritmo da busca'. Foi um agito em Natal. O poeta, então, já andava enturmado com os mais velhos, um Newton Navarro, um Dorian Gray, um Ticiano Duarte, um Luís Maranhão Filho, um Luís Carlos Guimarães, um José Daniel Diniz, um Berilo Wanderley, um Afonso Laurentino. Acho que, por aí, deve ter publicado seus primeiros poemas num suplemento literário que Luís Maranhão Filho cuidava nos Diários Associados."

"O que eu pretendia mesmo, aqui e agora, era remexer com as lembranças do menino dos anos cinquenta, um poeta de 16 anos, já de livro publicado."

Um pouco de genealogia para esclarecer o parentesco. O pai de Sanderson chamava-se Abílio Deodato do Nascimento e a mãe Carolina Fernandes de Negreiros. Como podemos observar, Abílio homenageava as mulheres já que colocou o sobrenome da sua mãe – Deodato – e da sua esposa – Fernandes de Negreiros – em todos os filhos. Eram irmãos de Sanderson: Nelson, desembargador; Emerson, monsenhor, passou os últimos anos na paróquia de Niteroi – RJ; Jackson, tabelião, pai de Jackson, Marckson, José Neuman e das gêmeas Margarida e Fátima; Maria Delsa e Gelsa Carolina.

A mãe de Sanderson, Carolina, era filha de Porfírio Antunes de Negreiros e Maria Alves Maia (Cocota ou Maricota Negreiros). Tinha seis irmãos Solon Fernandes de Negreiros, pai de Elizabeth, minha mãe; Manoel Fernandes de Negreiros, pai de Rafael, meu pai; Diogo, José, Seledon e Margarida. Portanto, Sanderson era primo legítimo do meu pai e da minha mãe. Depois que ficou viúvo, Abílio casou-se com Nitinha Costa e tiveram Gunderson, dentista.

Vamos curtir a prosa de Sanderson em alguns trechos do Discurso de Recepção que ele fez na minha posse:

"Eu sou o último dos que entraram nesta Academia por ordem de escolha, e não por eleição. Eu e Newton Navarro. Certa vez, quando ainda vaquejava a vida, sendo repórter do Diário de Natal, na velha avenida Rio Branco, exatamente na ladeira que se entrega à Ribeira libérrima, Manuel Rodrigues de Melo e Veríssimo de Melo procuraram-me na redação e me intimaram: "Por sistema de escolha, você, a partir deste instante, é imortal por nossa Academia Norte-rio-grandense de Letras". Eu tinha 27 anos. Lembrei-me da boutade de Olavo Bilac: "É-se imortal porque não se tem onde cair morto". Passei dez anos para tomar posse e, usando como hoje uso, esta beca azul com imenso medalhão medieval, tenho sido talvez o que mais tenha feito desta tribuna discursos de saudação, recepcionando os imortais que chegam.

Agora, tenho que empregar, em meio à prática estatutária e sentencional desta Casa, uma maneira menos convencional possível: saúdo um primo em segundo grau, filho de dois primos legítimos, raiz do meu chão mais verdadeiro, filho de um Rafael, numeroso de ideias e rasgos de inteligência, e de Elizabeth, madona de ternura e priora de santidade comum e cotidiana. O que me lembra o verso famoso de um poeta potiguar que devia ser famoso no mundo inteiro, chamado João Lins Caldas, que sentenciava: "Eu tenho um mundo de primos no mundo". Todos nós somos descendentes de um tio que eu muito amei, avô de Armando. Seu nome era Manuel, que nunca foi aluno sequer do curso primário, mas era capaz de recitar Os Lusíadas, de maneira tão encantatória e eloquente, como se estivesse apostrofando de uma tribuna de júri. Vi-o, inesquecivelmen-

te, quando eu era menino, e minha mãe me levou de Ceará-Mirim para passear em Mossoró, recitando poemas para um passarinho de sua criação e estima, parece que um concriz; recitando e dialogando como um devoto reza a Oração da Manhã. Tenho a impressão que aquela visão me encaminhou definitivamente para a Poesia."

Vejamos os depoimentos de alguns amigos. Cláudio Emerenciano em 'Por Deus e pelos homens':

"Sanderson enastrou em seu viver as virtudes dos apóstolos Pedro e Paulo. Deodato – assim o chamava – herdou o significado do filho de Santo Agostinho: 'Dado por Deus'. Eu o considerava um irmão por minha escolha voluntária, chantada numa afetividade recíproca. Deodato foi escritor, poeta, cronista, jornalista, memorialista, professor, pensador, estilista ao redigir, enfim, um dos norte-rio-grandenses mais notáveis em saber e cultura. Mas, acima de tudo, foi um cristão, que verdadeiramente amou a Deus, aos homens, à vida e à Criação em sua complexidade, beleza e simplicidade. Fui seu vizinho por mais de vinte anos. Em Morro Branco, mais precisamente na Roselândia. Dadaça, minha esposa, e Ângela, inesquecível esposa de Sanderson, não entendiam a circunstância das nossas longas conversas por telefone, que sucessivas vezes rompiam madrugadas. ... Era o 'bom samaritano' revivido. Preocupava-se com a situação de pessoas humildes, as do seu círculo de amizade e até desconhecidos, que enfrentavam dificuldades de toda natureza. Éramos vizinhos de Carlos Lima, Geraldo Queiroz e Ivan Melo, entre outros. Mas literariamente era personagem autêntico de 'Antígona' de Sófocles: 'Não nasceu para partilhar o ódio. Viveu para distribuir o amor."

Diógenes da Cunha Lima, em depoimento:

"Sanderson era um figura singular. É impossível encontrar qualquer pessoa parecida. Também escrevia muito bem e só trouxe louros para o Rio Grande do Norte. Sua obra só tem elogios. Ele era um leitor ávido. Ninguém lia mais que Sanderson, ele se interessava por todos os assuntos".

Na celebração dos 70 anos da ANL, José Soares Júnior escreveu dois volumes com o título "Academia Norte-rio-grandense de Letras – Ontem, Hoje e Sempre – 70 anos rumo à luz" entrevistando os imortais. Trecho da entrevista de Sanderson, respondendo à pergunta "O senhor se define como um iconoclasta?"

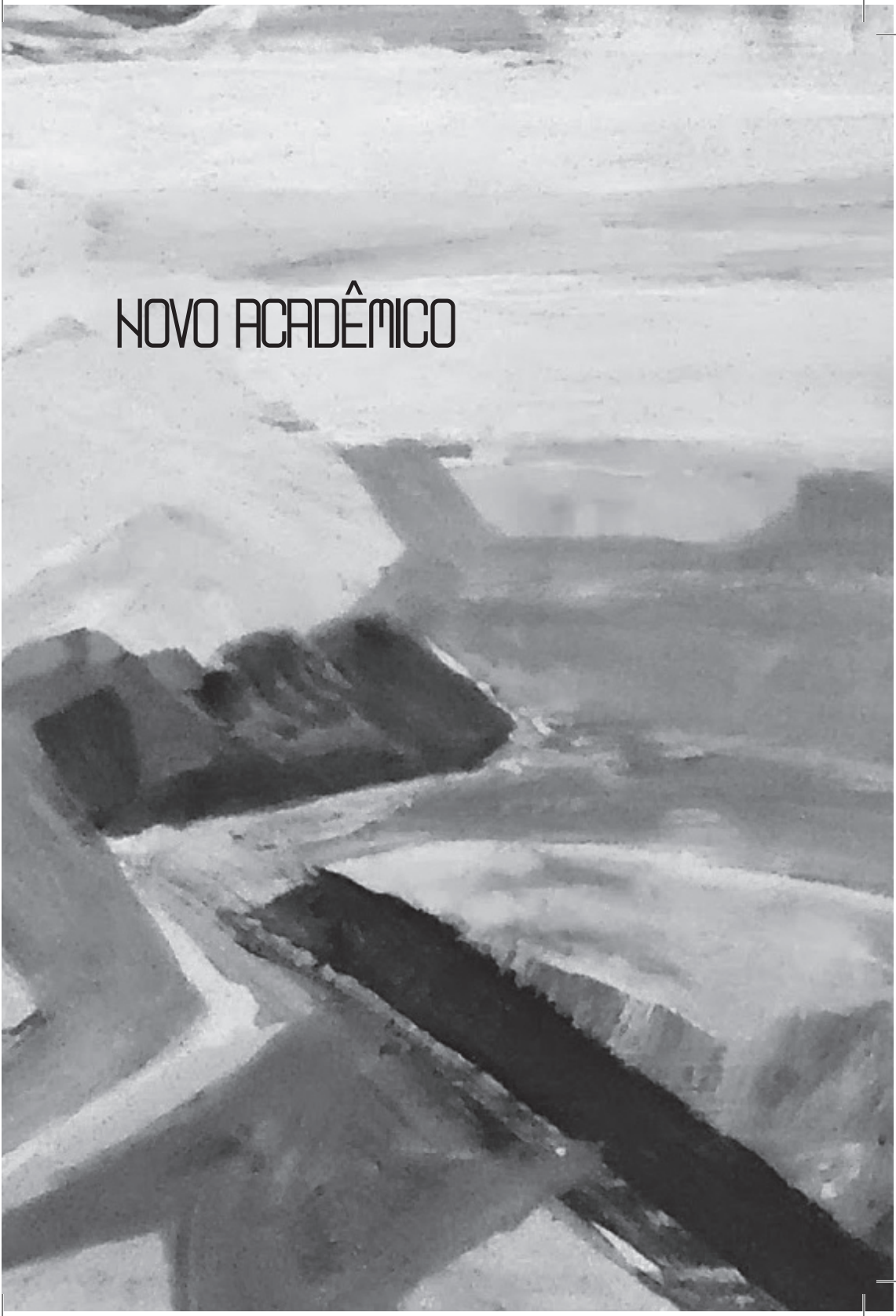
- Eu não sou um homem de cultura. Sou um homem de leitura. Otto Maria Carpeaux dizia que a cultura era tudo aquilo que a gente aprendia e depois esquecia. Realmente, desde os 13 anos eu li muito. Muitos autores deixaram marcas na minha formação. Sobretudo os de cunho espiritualista, oriental, a exemplo de Krishnamurti, definido por Aldous Huxley como o grande psicólogo do século XX. Leio Sai Baba. Li muito espiritismo e a teologia católica. Tenho tudo de Teilhard de Chardin. Entre os autores nacionais temos Agripino Grieco. Fui o primeiro a divulgar a Ioga no Rio Grande do Norte. Hoje, com 67 anos, descobri que a grande aventura é reler os antigos clássicos. Desejo transcender o cotidiano.

Dessa forma, caros amigos, espero ter dado uma rápida amostra do saudoso grande primo, afetivo e emotivo. Muito obrigado.

ANRL - 28 de março de 2018.

ARMANDO NEGREIROS é médico e escritor, autor de "A Folga da Dobra" e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

NOVO ACADÊMICO



DISCURSO DE SAUDAÇÃO AO ESCRITOR CLAUDER ARCANJO

Manoel Onofre Jr.

Exmo. Sr. Presidente da Academia Norte-rio-grandense de Letras, escritor Diogenes da Cunha Lima, na pessoa de quem saúdo os demais componentes da Mesa.

Senhoras e senhores acadêmicos.

Senhoras e senhores.

Em artigo para o Jornal de Fato já tive oportunidade de dizer e agora reafirmo que a eleição de Clauder Arcanjo para a cadeira nº 12 desta Academia de Letras representou, antes de tudo, uma vitória da própria instituição. Sim, porque a Academia – e não só esta mas toda e qualquer congênere - é uma casa de homens de letras, como o próprio nome está a indicar, e Clauder Arcanjo constitui um dos mais perfeitos exemplos de homem de letras, pois, além de escritor já consagrado no âmbito do Estado, é um grande leitor, conhecedor profundo da literatura, em todos os níveis, e, como se não bastasse, é também editor e animador cultural de mão cheia.

Cearense radicado em Mossoró, tem feito mais pela literatura potiguar do que muitos norte-rio-grandenses. Ressalte-se que ao contrário do que se alegou em determinadas ocasiões, o fato de ele ser natural de outro Estado não impede nem desmerece a sua presença nesta Academia. A propósito vale aqui citar dispositivo do Estatuto da ANRL, *in verbis*:

Art. 2º (...)

§ 3º - São condições para membro efetivo:

a- Ser norte-rio-grandense ou residir por mais de dez anos no Estado. (Grifei).

Clauder Arcanjo, senhoras e senhores, reside em Mossoró há mais de 30 anos, já teve tempo bastante para se potiguarizar. Obviamente, atende à exigência estatutária. Vale salientar que é cidadão norte-rio-grandense honorário, com diploma concedido pela Assembleia Legislativa do Rio Grande Norte em vista dos serviços prestados ao nosso Estado não apenas na área cultural, mas também nos domínios da administração pública e do setor de petróleo.

Vários outros integrantes da ANRL – convém assinalar – não são potiguares de nascença. Entre eles mencionam-se João Medeiros Filho e Mário Moacy Porto (paraibanos), Oriano de Almeida (paraense), Maria Eugênia Montenegro e América Rosado (mineiras), Benedito Vasconcelos Mendes e Paulo Macedo (cearenses).

Vê-se, portanto, que essa questiúncula sobre a naturalidade do candidato à Academia não passa de nonada como diria Guimarães Rosa. Lamentavelmente, foi suscitada. Mas, deixemo-la de lado : "águas passadas não movem moinho". Importante é que o pretendente à Academia – radicado no Rio Grande do Norte em tempo hábil – seja um verdadeiro escritor, e que a sua obra já tenha passado pelo crivo da crítica e do público. Clauder Arcanjo era dos três candidatos inscritos, o que preenchia totalmente esses requisitos e, assim, foi escolhido pela maioria dos acadêmicos.

Com a eleição de Clauder, Mossoró, que já doou à ANRL, renomados intelectuais, passa a contar com cinco imortais, a saber: João Wilson Mendes Melo, Armando Negreiros (residentes em Natal), Elder Heronildes, Benedito Vasconcelos Mendes e Clauder Arcanjo. Mas, isso, senhoras e senhores, não tem, ao meu ver,

muita importância. Mossoró já possui a sua Academia de Letras, a prestigiosa AMOL, de modo que os escritores mossoroenses componentes do quadro de sócios efetivos da ANRL, representam não a cidade, tampouco a zona Oeste, de que Mossoró é considerada a "capital", mas o Estado como um todo.

Feitas estas considerações, vejamos agora o itinerário intelectual do novo acadêmico, em conformidade com o disposto no art. 26 do Regimento Interno desta Academia, *in verbis*:

"O acadêmico encarregado de saudar o novo empossado apreciará, em nome da Academia, a personalidade e a obra literária do recipiendário."

Antônio Clauder Alves Arcanjo nasceu em Santana do Acaraú (CE) aos 3 de março de 1963, filho de José Bosco Arcanjo e Maria Djanira Alves Arcanjo. Viveu sua infância na pequena e aprazível cidade interiorana, onde gravou imagens que depois surgiriam transfiguradas em sua obra literária. Cursou o primário no Grupo Escolar " Nazaré Severiano" e o secundário no Ginásio Santanense. Complementando o ensino médio, fez o cientifico no Colégio Marista de Fortaleza. Diplomou-se em Engenharia Civil pela Universidade Federal do Ceará. Especialista em Engenharia do Petróleo e Gestão Empresarial, veio exercer o seu oficio no Rio Grande do Norte, a principio no vale do Assú, depois em Mossoró, onde terminaria por fixar residência. Na capital do Oeste desempenhou relevantes funções: foi Gerente do Ativo Mossoró, da Petrobras; Secretário Municipal; Professor da UERN e da UNP, e ainda acha tempo para produzir e apresentar, na TV a Cabo de Mossoró, o programa Pedagogia da Gestão, além de coordenar eventos e agremiações culturais, como, por exemplo, a confraria " Café & Poesia". Alguém já disse, com justeza, que Clauder veio preencher, na vida literária mossoroense , a vaga deixada com o falecimento do legendário Vingt- un Rosado.

Leitor voraz, dono de excelente biblioteca, com mais de dez mil livros, Clauder não tardou em manifestar sua vocação de escritor. Seus primeiros escritos surgiram em jornal sob o pseudônimo Car-

los Meireles, no qual escondia-se o competente senhor engenheiro e administrador. Livros e escritores, notadamente do Rio Grande do Norte, eram sempre temas de seus artigos e resenhas críticas. Passando a colaborar assiduamente em vários jornais e revistas, com poemas, crônicas e contos, ele relutou muito em reunir num volume sua produção literária. Até que enfim estreou, em 2007, com uma coletânea de contos, cujo titulo – "Licânia" – remete à sua terra berço. Na verdade, a cidade imaginária de Licânia , onde transcorre a ação de vários contos, é Santana do Acaraú, reinventada. Tipos humanos, casos, cenários, coisas e animais do pequeno mundo interiorano ganham vida na prosa do escritor poticearense.

Como já tive o ensejo de dizer, na orelha do livro, o ficcionista Clauder Arcanjo é, antes de tudo, um contador de histórias. Tal como Monteiro Lobato e Érico Veríssimo, por exemplo. Suas histórias ou estórias têm começo, meio e fim, nos moldes tradicionais, mas deixam-se repassar por um sopro de novidade. Na simpleza temática e formal, que as caracteriza, revela-se uma mensagem de alto sentido humano.

O estilo ágil e despojado convida à leitura. A estrutura narrativa mantem-se ao largo de experimentalismos e piruetas verbais tão comuns em alguns autores novos.

Estas definições ajustam-se, grosso modo, às obras de ficção que lançou, anos depois, dando prosseguimento a um projeto literário : "Lápis nas Veias" (2009) minicontos; " Cambono' (2016), folhetim, ou melhor, antifolhetim, em que exercita a metalinguagem, com grande senso de humor; "Separação" (2017), coletânea de contos, monotemática, enfocando o eterno dilema da guerra conjugal.

Operoso e versátil, Clauder Arcanjo cultua outros gêneros literários, mas , ao meu ver, é no conto e na crônica que alcança os melhores momentos. " Uma Garça no Asfalto" (2014), coletânea de crônicas não datadas, de interesse permanente, algumas beirando o conto, outras , o diário íntimo, contêm trechos verdadeiramente antológicos. Ponho aqui em relevo suas qualidades de prosador, porém não devo subestimar as incursões do poeta já levadas a efeito

("Novenário de Espinhos",2011). Outro livro de sua autoria, e muito interessante , é "Pílulas para o Silêncio/ Pildoras para el Silencio" (edição bilíngue, 2014), na qual reúne aforismos, esquetes e breves poemas em prosa. Compõem sua bibliografia, ainda, quatro obras coletivas: " Sarau das Letras: Entrevistas com Escritores" (2015), em parceria com David de Medeiros Leite; "Café & Poesia", vol. 1 (org.) (2016), com Ângela Rodrigues Gurgel e Raimundo Antônio; " Café & Poesia", vol. 2 (2017), com Dulce Cavalcante e Kalliane Amorim; e "Semiose Poética", (2017),com Ângela Rodrigues Gurgel, Jane Menezes, Raí Lopes, Welma Menezes e fotografias de Marcão Melo.

Numa definição simplista, pode-se dizer que a personalidade literária de Clauder Arcanjo é a de um neorromântico , altamente sentimental, avesso a modismos, porém, antenado com o que há de novo nas letras.

Escritor prolífico, como está visto (não prolixo), Clauder tem prontos para publicação dois novos livros: " O Fantasma de Licânia", novela ou folhetim, espécie de gozação da literatura policial, e "Carlos Meireles: Ofício de Bibliófilo", resenhas literárias.

Na condição de animador cultural e editor esse idealista tem contribuido, imensamente, com a vida literária não só de Mossoró, mas também de Natal e outras cidades do Estado. Em 2005, fundou juntamente com David de Medeiros Leite, a Editora Sarau das Letras, que já publicou 205 livros e vai em frente, tendo no prelo obras de grande interesse, como, por exemplo, três livros do inesquecível escritor e poeta Sanderson Negreiros.

Clauder Arcanjo pertence a diversas instituições culturais, dentre as quais, a Academia Mossoroense de Letras, e é o atual Presidente do Instituto Cultural do Oeste Potiguar, entidade fundada há 50 anos por João Batista Cascudo Rodrigues e Vingt-un Rosado, dois ilustres acadêmicos, de saudosa memória.

Numa entrevista concedida ao escritor Thiago Gonzaga, constante do livro "Impressões Digitais", vol. 1 (2013), Clauder Arcanjo deu uma boa definição do profissional e do escritor que ele é:

"Do engenheiro, no escritor, ficou, acho eu, a disciplina e algum sentido de proporção, não mais. Do poeta e ficcionista, no engenheiro e gerente, um melhor entendimento dos dramas e tragédias humanas."

Clauder Arcanjo exerce, atualmente, as funções de gerente ou comandante de um navio-plataforma da Petrobras. O homem de letras convivendo com o homem de ação.

Resta dizer – *last but no least* – que ele é um intelectual participante, ideologicamente compromissado. Não tem e nunca teve atuação político-partidária; não faz literatura engajada; entretanto, é bem consciente do compromisso que todo escritor deve ter com o seu tempo e a sociedade a que pertence. Compromisso, este, expresso à perfeição pelo genial José Saramago, quando afirma textualmente:

"Não consigo me ver fora de nenhum tipo de envolvimento social e político. Sim, sou escritor, mas vivo neste mundo, e minha escrita não existe em um plano separado deste." ("As Palavras de Saramago", 2010).

Em um país como o Brasil, de modo especial, constitui gravíssima omissão a atitude do intelectual que se isola em uma torre de marfim, fechando os olhos à realidade circundante.

Pobre país, o nosso, onde a violência, inclusive na forma de corrupção, campeia desenfreada. A todo instante, todos nós, cidadãos pacatos, corremos o risco de sermos assaltados, ou nas vias públicas ou em nossas residências enquanto malfeitores de outra classe assaltam os cofres públicos, embolsam o dinheiro que deveria reverter em obras e serviços a favor do povo. Para cometer tais atos delituosos – vale salientar – esses assaltantes formadores do imenso Bloco dos Colarinhos Brancos, nem sequer precisam ter a coragem física que os assaltantes pés-de-chinelo demonstram possuir.

Ah ! senhoras e senhores, desculpem a digressão talvez incabível, mas , diante de tantas mazelas, de tantas ruindades, o intelectual não pode nem deve ficar indiferente. É preciso estar atento e forte, como diz Caetano Veloso em uma de suas mais expressivas composições. E, para citar outro cantor e compositor, o não menos

inspirado Milton Nascimento (em parceria com Fernando Brant) : " Todo artista tem de ir aonde o povo vai". Urge, todavia, que não se faça da própria arte um panfleto. A literatura, arte da palavra, não é um meio, um instrumento, mas um fim em si mesma.

Clauder Arcanjo sabe muito bem disto, como, aliás, tem dado provas ao longo da sua carreira de escritor, poeta e agitador cultural.

Esse cidadão, que temos a honra de receber nesta casa, é um intelectual participante –, repito, enfaticamente. Mas, ressalvo, não o acometeu a famigerada cegueira ideológica, transtorno que faz com que até mesmo pessoas inteligentes e honradas sejam coniventes com alguns corruptos.

Senhoras e senhores.

Como acadêmico, que sou, ocupante da cadeira nº 5 deste tradicional sodalício, que teve como fundador o nosso maior escritor, Câmara Cascudo, e tem, hoje, à sua frente um dos nossos maiores poetas, Diogenes da Cunha Lima, torço para que os meus ilustres confrades continuem a escolher, para o quadro de sócios efetivos, homens e mulheres de letras da mesma estatura intelectual de um Clauder Arcanjo: que sejam "do ramo", que exerçam a literatura como uma arte, e não só como um veiculo para a transmissão de conhecimentos.

É certo que, a exemplo do que ocorre na Academia Brasileira de Letras, hão de ser acolhidos pela ANRL, excepcionalmente, vez ou outra, homens e mulheres alheios à literatura, porém considerados notáveis personagens da História da Inteligência norte-rio-grandense. Que os literatos, artistas da palavra, todavia, predominem sempre nesta augusta casa. Afinal, trata-se de uma Academia de **Letras**.

Concluindo, peço desculpas se me alonguei, abusando da paciência dos presentes, e, por fim, digo com muita alegria, em nome de todos os acadêmicos: Bem- vindo sejas, escritor Clauder Arcanjo.

DISCURSO DE POSSE DO ESCRITOR CLAUDER ARCANJO

PALAVRAS DE UM PROVINCIANO

Minhas senhoras e meus senhores,

Caros colegas acadêmicos e acadêmicas,

Sim, aqui estou na Casa de Cascudo. Apesar do paletó e da ritualística acadêmica, tão ou mais provinciano do que quando lia os versos de Padre Antônio Tomás, na minha Santana do Acaraú (CE):

O Palhaço

Ontem viu-se-lhe em casa a esposa morta
E a filhinha mais nova tão doente!
Hoje, o empresário vai bater-lhe à porta,
Que a plateia o reclama impaciente.

Ao palco em breve surge... Pouco importa
O seu pesar àquela estranha gente...
E ao som das ovações que os ares corta,
Trejeita, e canta, e ri nervosamente.

Aos aplausos da turba ele trabalha
Para esconder no manto em que se embuça
A cruciante angústia que o retalha.

No entanto a dor cruel mais se lhe aguça
E enquanto o lábio trêmulo gargalha,
Dentro do peito o coração soluça.

Sob a bênção deste soneto, nasci; aliás, todo filho de Santana nasce ungido por tais versos do eterno Príncipe dos Poetas Cearenses. Eternizado em bronze na praça frente à minha casa, na pracinha que leva o seu nome, eu por lá brincava por entre os canteiros e os bancos. De quando em vez, ia soletrar as estrofes do vate maior de Licânia. Despontava, dentro de mim, a paixão pela palavra.

Ou, se me permitem, estou tão ou mais provinciano ainda de que quando me encantava com os textos de Dorian Jorge Freire, nos jornais de Mossoró, lá pelos idos de 1986. Ano este, a partir do qual, sem saber, a Petrobras e o destino me levavam a adotar Mossoró e o Rio Grande do Norte como meu outro chão. Desta feita, por adoção.

A minha primeira obrigação, ensinamento dos meus queridos pais, Maria Djanira e Zequinha, é lhes dizer, amigos acadêmicos e acadêmicas, o meu "muito obrigado". Trago para esta casa do saber alguns livros na mão, outros na mente, e um bornal repleto de curiosidades de aprendiz.

Ser ocupante da Cadeira 12, cujo patrono foi Amaro Cavalcanti, é mister para destemidos.

Certo dia, lendo um livro de Giuseppe Tomasi di Lampedusa sobre Shakespeare, deparei-me com uma sentença: "O silêncio é a única homenagem que os espíritos inferiores, mas honestos, podem prestar a certas divindades." Também não quero transgredir esse princípio falando longamente acerca de Amaro Cavalcanti. Homem de muitas realizações, pleno de força e inteligência, sempre amparado no saber, Amaro é tão superior a mim, caros presentes, que o silêncio seria a homenagem mais digna. Contudo, permitam-me, o protocolo me leva a discorrer acerca dos seus feitos, feitos que engrandecem nosso solo, que enaltecem a civilização potiguar e brasileira; enfim, um exemplo para hoje e para as gerações que nos sucederão.

Filho do sertão do Seridó, Amaro Cavalcanti (1849-1922) é filho do casal Amaro Soares de Brito e Anna de Barros Cavalcanti. Desde cedo, destacou-se pela inteligência privilegiada. Continuou a ampliar seus conhecimentos em Recife, São Luiz, Fortaleza

e nos Estados Unidos da América. Lá, defendeu a tese, em Direito, pela Albany Law School University, em Nova York: "É a educação uma obrigação legal?". Foi escolhido como orador oficial da turma (1880/1881), sendo o primeiro advogado brasileiro credenciado a atuar perante a Suprema Corte dos Estados Unidos. Retorna ao Ceará, onde passa a ocupar a função de Diretor do Liceu e, em seguida, a de Inspetor Geral de Ensino. Transfere-se para o Rio de Janeiro, ocupando, em 1883, a cátedra do segundo ano de latim no valoroso Colégio Dom Pedro II. E sua estrela só brilhava nos céus da Corte!

Jurista, político, abolicionista, republicano, advogado, jornalista, Ministro de Estado, diplomata, Prefeito do Distrito Federal (à época, no Rio de Janeiro)... Poliglota, Amaro Cavalcanti escreveu mais de quarenta livros, sendo alguns em inglês, francês e alemão. Foi fundador da Sociedade Brasileira de Direito Internacional, sendo seu presidente até o dia da sua morte.

Para Juvenal Lamartine, Amaro Cavalcanti é a maior figura intelectual do Rio Grande do Norte de todos os tempos. E, o embaixador Nestor Lima não deixou por menos: "... uma personalidade ímpar da vida nacional, um nome impoluto, um caráter de velha têmpera de aço, que honra a terra pequenina".

Como dizia um sertanejo, aboiador irônico lá das ribeiras do Acaraú: "É o fraco! É pouco, ou quer mais?"

Juvenal Lamartine de Faria (1874-1956), primeiro ocupante da cadeira 12 desta Academia, nasceu em Serra Negra do Norte (RN). Em 1897, formou-se bacharel em ciências jurídicas e sociais pela Faculdade do Recife-PE.

Em 1898, o líder político Pedro Velho nomeou-o vice-diretor do Colégio Ateneu, além de convidá-lo para ser redator do jornal "A República", órgão oficial do partido situacionista. Nesse mesmo ano, foi nomeado juiz de direito de Acari-RN, cargo que exerceria até 1905. Vice-governador, deputado federal, foi gover-

nador do nosso Estado (1928-1930), sendo destituído quando da dita Revolução de 1930, comandada por Getúlio Vargas.

Em seu período de governo, Juvenal Lamartine instituiu o voto feminino no Rio Grande do Norte, e construiu 49 escolas no interior e subvencionou escolas particulares, o que duplicou as matrículas no Estado, segundo Itamar de Souza. Após a cassação, Dr. Juvenal partiu em exílio para a Europa, de onde só retornaria em 1933.

Segundo seu filho Oswaldo Lamartine de Faria, Dr. Juvenal Lamartine era um homem austero, de sobriedade espantosa, sociável, força invulgar e resignação.

Um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN), Juvenal Lamartine publicou O meu governo (1933). Como obra póstuma, o belo livro Velhos costumes do meu sertão (1965).

Ao lermos Juvenal Lamartine, temos a sensação que a sua prosa é um lugar para onde converge toda a riqueza cultural do povo que a gerou.

Veríssimo de Melo sucedeu o Dr. Juvenal. Veríssimo nasceu em Natal-RN, em 1921, iniciou sua formação acadêmica no Rio de Janeiro (PUC), concluindo-a no Recife, onde se graduou em Direito (1948). Discípulo de Luís da Câmara Cascudo, dedicou-se com afinco aos estudos do folclore, bem como ao jornalismo. Juiz, professor de Etnografia do Brasil e de Antropologia Cultural, sua bibliografia – livros e separatas – se eleva a quase uma centena de títulos, sem mencionar os inúmeros artigos e ensaios publicados em revistas nacionais e internacionais. Estreou com Adivinhas (1948), seguindo-se Acalantos, este publicado em Fortaleza (CE), em 1949, com o selo da Revista Clã. E, por aí, não parou.

Carlos Drummond de Andrade, referindo-se a um de seus trabalhos, pontifica: "É livro que bole com a gente, por um mundo de lembranças guardadas no coração e na memória dos brasileiros".

Considero a sua obra Folclore Infantil (onde reuniu Acalantos, Parlendas, Adivinhas, Jogos Populares, e Cantigas de Roda) fundamental para o estudo e a pesquisa do folclore infantil brasileiro. "Não há quem não tenha saudades dessas estórias míticas, nas quais a imaginação intervém para assegurar à criança a sua própria e ingênua fantasia"; professa o inesquecível Nilo Pereira, no prefácio ao citado livro.

"A arte de ouvir histórias é treinamento básico para a imaginação", declarou Northrop Frye. Nossas crianças, caros presentes, precisam ter acesso à riqueza de nosso folclore, e Veríssimo é um guia seguro e competente para tal encontro.

E esta minha história entrou por uma perna de pato, saiu por uma perna de pinto; o Sr. Rei mandou dizer que vocês contassem sobre Veríssimo mais cinco.

Parafraseando Drummond, quando versejou sobre Clarice Lispector, ouso anunciar: "Oswaldo Lamartine, veio de um mistério, partiu para outro. Ficamos sem saber a essência do mistério. Ou o mistério não era essencial, era Oswaldo viajando nele."

Etnógrafo de desenho preciso e feitura clássica, Lamartine de Faria dedicou à pesquisa o melhor do seu tutano sertanista. Lendo-o, relendo-o... eu sempre lamento que Oswaldo não tivesse abraçado o romance, teríamos um Guimarães Rosa seridoense. Em seus textos, quer abordando os açudes, quer descrevendo o labor da pesca, quer elencando os ferros e as facas dos sertanejos, sempre ressaltam a verve e o ritmo de um estilista de escol. Vejamos alguns excertos: "... os pescadores principiam a despesca, de açude em açude, até que os primeiros relâmpagos ou a fala mais grossa do pai da coalhada façam-nos então trocar a tarrafa pelo cabo da enxada"; "Zoada de fazer o coração dar pinotes e bater mais acelerado é quando a catraca estala com o peixe fisgado e o pescador ainda não sabe o tamanho de quem está na outra ponta da linha".

Alguns apontam as falhas do homem Oswaldo, todavia ao artista muita coisa deve ser perdoada. Sempre gosto de citar os apelos de Tolstói contra a arte, suspeito que de questionável valia. Porém, caros presentes, vocês hão de convir àquele que escreveu o exuberante e indelével Guerra e Paz... tudo o mais deveria (melhor, deve) ser perdoado. Enfim, o que me seduz na vida de Oswaldo Lamartine é a sua arte.

Arrependo-me de não ter entrevistado Oswaldo Lamartine. Logo após a sua "passagem", escrevi um texto, suprema insolência, para sepultar tão grande falta. Gostaria de ler tais apontamentos, publicados na gloriosa revista de humor e cultura Papangu. Foi minha humilde forma de expiar minha culpa, minha máxima culpa.

Apontamentos sobre Oswaldo Lamartine

"Deus lhe guarde:
Da ira do Senhor
E do alvoroço do povo;
(***)
E das três palavras de castigo:

Esteje preso!
Eu vos declaro marido e mulher,
E Jesus vai contigo..."
(Oswaldo Lamartine, em Cartão de Boas Festas para Cascudo)

Oswaldo Lamartine de Faria (1919-2007), verbetes, aboios e abonações jazem em sua gaveta.

Zila Mamede (1928-1985) versejou: "Ferramenta na mão/ o homem dobra a carne de ferro/ as vísceras do ferro/ a alma do ferro." E conseguiram dobrar a tua carne de ferro, a tua teimosia de

ferro, a tua alma de ferro, Oswaldo. Ao saber da má notícia, uma cobra subiu pelo meu peito, garroteando-me as forças, embaçando-me a vista, arrepiando todo o meu ser. Aí, cismado, cuidei de botar no papel tudo o que tinha e me vinha à lembrança. Certo leitor, ao me ver macambúzio, e sabedor do motivo de tanto banzo, inquiriu-me a te escrever uns versos, Oswaldo. E cuidei de responder ao leitor, logo a partir do dia seguinte.

Pari um poemeto desenxabido e, findo o adjutório poético, "aquilo me ficou no juízo e, com o tempo, vê aqui, lê ali, pergunta acolá — quando dei de acordo de mim havia arrebanhado esses" apontamentos sobre Oswaldo Lamartine de Faria nos sertões da minha caatinga literária, caatinga nossa de cada dia.

"Tenho cá comigo que tivemos um rico" artesão da palavra sertaneja "que está reclamando preservação e catalogação para o amanhã". É que a faca-palavra no sertão-velho, além das suas serventias de trabalho e colóquio, também queria dizer respeito, poder, coragem e esperança — filha que é da espada-palavra "contada e cantada até nas Escrituras Sagradas".

"Todo mundo sabe que a geografia da caatinga se estira por muitos horizontes, a perder de vista nesse mundão de meu Deus. E naqueles ermos e começos muitos espiavam com desconfiança e desprezo para quem conduzia" uma palavra de fogo. "Era a arma preferida" do falador-tocaieiro, "traiçoeira e capaz de fazer o mal sem carecer de alguma chegada. Daí apreciarem e respeitarem" a palavra no ferro-frio. "É que ela tem a lealdade do corpo-a-corpo, o olho no olho e o alcance de um braço". Palavra-faca, palavra-lâmina afiada.

Oswaldo Lamartine de Faria é "sobejo da seca de 1919. Caçula de uma ninhada de dez, teve o umbigo cortado na cidade do Natal, Rio Grande do Norte", aos 15 de novembro daquele ano. Descendente dos povoadores do Seridó. "Técnico agrícola pela Escola Superior de Agricultura de Lavras, MG, 1938-40. Administrou a Fz. Lagoa Nova, Riachuelo, RN, 1941-48... Lecionou na Escola Doméstica de Natal e Escola Técnica de Jundiaí/RN".

Pracinha durante a Segunda Guerra. Em 1950, "tomou um Ita no Norte" e foi encarregado da Fazenda Oratório, em Macaé/RJ. Em 1955, entrou para os quadros do Banco do Nordeste, "onde esteve depositado até se aposentar" em 1979.

É comum no estudo do nosso folclore "mestres de escasso saber, desapetrechados de ferro e sem contar com melhor matéria-prima, imagino que deviam ser elas pequenas tendas de serventias miúdas e obras de carregação. É que, naqueles tempos, quem podia e queria melhor mandava vir do reino".

"Do meu conhecimento e do pouco que andei lendo e perguntando, parece que nunca tivemos mestres capazes de deixar tradição na memória dos homens. Também naqueles idos se queria muito mais quantidade do que qualidade". O esmero dá lugar ao fabricar. Escrevinhadores montados na prosa arrevesada, sem brilho, cambaios com o ritmo e a narrativa, sem saber capar as expressões tolas, num cerca-lourenço infinito de quem nunca sabe dar o bote. Ao lê-los a impressão incômoda de se ter andado em choutos, deixando o pobre do leitor escambichado com os seguidos maus-tratos. Enfim, escrevinhadores que, ao quererem fazer um giro, montados no ginete da presunção, metem os pés pelas mãos, empacam, se trambecam no texto, e fazem um jirau.

"Daí, botando de banda as especulações, as oiças da gente vão dar com o tinido" teu, Lamartine. Tu, filho de Juvenal, ele que sempre te advertiu: "— Podemos prosperar sem esquecer as nossas origens".

Oswaldo entendia do ofício e do riscado, estradeiro no manejo do palavrório, cevado no vocabulário nato neste sertão, "mundo velho sem porteiras...". Publicou, dentre outros, Notas sobre a pescaria de açudes no Seridó (1950), A caça nos sertões do Seridó (1961), Conservação de alimentos nos sertões do Seridó (1965), Vocabulário do criatório norte-rio-grandense (1966) — coautor Guilherme de Azevedo, Encouramento e arreios do vaqueiro no Seridó (1969). Além de Uns fesceninos (1970) — edição fora do mercado, para bibliófilos, Sertões do Seridó (1980), Ferro de ribeiras do RN, Mossoró, FGD (1984),

e Seridó — séc. XIX (Fazendas & Livros), Rio (1987), em coautoria com Pe. João Medeiros Filho. E o clássico Apontamentos sobre a faca de ponta (1988). Não parou por aí. Em 1998, publicou Alguns escriptos da agricultura no Império do Brasil, além de Notas de carregação (2001), e, em coautoria com Vicente Serejo, O sertão de nunca mais (2003). A editora Sebo Vermelho, em 2005, em parceria com a Coleção Mossoroense, reuniria as epístolas trocadas entre ele e Luís da Câmara Cascudo, com o título De Cascudo para Oswaldo. Um comboio de obras, além de separatas e textos publicados e coligidos em diversas coletâneas. Ele que sempre gostou de repartir "o seu entardecer catando livros raros nos sebos... e plantando árvores num 'lenço de chão' que apelidou de Acauã para o amanhã alheio". De início, em terras fluminenses; por último, em chão potiguar. Sertão da pedra e do espinho.

Parece que ainda vai se ouvir, por muito tempo, o malho, no seu canto de acauã, a forjar, pela noite grande, ferros-vocábulos na courama dos dias, para serventia vindoura. Tangendo o texto como um tangerino competente, detentor de um traquejo singular nas expressões, no uso da palavra certa e límpida, "estrumada pela enfieira de desavenças do passado".

"Sem querer botar arrodeio, é bom a gente se lembrar que até meados do século passado" as pesquisas "curtas de fogo, também conhecidas como de pederneiras ou de chispa, além do seu custo mais elevado, eram verdadeiros trabucos" artísticos. Muito esturro, cabriolas, inhaca em demasia, e pouquíssima literatura. Dá vontade de passar um sal azedo para limpar courada tão cheia de manchas, porém isso, parece, não acoita limpa, nem pega verniz. "Graúdas, incômodas... sem outra maior serventia a não ser a defesa pessoal... e, aqui-acolá, uma negava fogo ou quebrava catolé, isto é, o cão da arma percutia mas não inflamava a pólvora" do leitorado. "Daí ainda hoje o sertanejo ter esse dizer no sentido de falhar, faltar com a palavra ou compromisso".

Oswaldo, seu lazarino, tu fizeste o orgulho do sertanejo merejar, de volta ao seu merecido rio de glórias. Tu até poderias te pabular, batendo nos peitos, em aboio, pois nunca nos deixaste a lamber

embira, a gavar: — Sou um lazarino legítimo do Seridó! Tua prosa é "que nem uma espada menos graúda, mais fácil de conduzir e do uso utilitário do dia-a-dia de cada um". "Herança histórica do caboclo sertanejo". Sempre te leio de olhos aboticados, acendendo as orelhas, e apojando no texto. Nunca vi em ti rastros da prosa ronceira, que dá logo uma consumição de apear do seu trote duro.

"Era, assim, a arma nobre, dos poucos sobejos da romântica" arte regional. "O que encabula é que os entendidos confessam que a" literatura moderna, "com toda a sua soberba parafernália, ainda não conseguiu produzir exemplares semelhantes...", apenas "entroncados arremedos". Magote ruim de proseado. Rachel de Queiroz contou com a ajuda de Oswaldo para realizar a pesquisa dos tipos e situações descritos no seu romance Memorial de Maria Moura, na dedicatória o reconhecimento: "A Osvaldo Lamartine, pela inestimável ajuda".

"E por mais que a gente suba no espinhaço das serras e lá, de chapéu em concha perto das ouças, bote sentido no rumo dos quatro aceiros do Estado — quase nada se escuta do tinir de afamadas" histórias como as de mestre Oswaldo. Aqui-acolá, nessa ou "naquela ribeira, em diferentes eras, um martelar de maior sabença bateu e se calou, sem deixar tradição nos escritos ou no falar dos homens". E todo mundo vive desconfiado, arisco, arrodeado de estultices. Gente metida a contador de causos, mas, na verdade, meros bodejadores, cacarejando historietas, parindo invencionices, com o bisaco cheio de falsetes literários. Bosteando. Enfim, nada de milho, puro sabugo. Paciência!?... Paciência é nome de vaca velha, compadre. "Mas tudo isso pode parecer folclórico ao leviano e apressado turista do saber dos nossos dias".

A Moça Caetana, cavilosa, enfurnou-se, onça maldita, no fundo do peito do mestre, e, ao tentar, amoitada, lhe comer as carnes do coração, à boca da noite, não lhe deixou outro recurso: dar cabo da quizilenta, metendo-lhe pólvora nos cornos.

Tu, Oswaldo, não afeito à catinga da pólvora, não conseguiste nem de longe ferir a courama da Indesejada, ao invés disso, varaste o teu próprio corpo magro e sofrido.

Não, não, não foi suicídio, seus almofadinhas! Foi, sim, uma tentativa desesperada de homicídio. Em legítima defesa da honra, que fique bem claro. Faço, inclusive, questão de isso registrar aqui, a fogo e sangue, com os ferros desta prosa. Oswaldo, cangote grosso, não tinha léguas de sangue para a invasão malsã de suas carnes por essa tirana. Nunca aceitou bride, nem cabresto, nem muito menos canga, rédeas ou peia.

E, depois do estampido seco, um silêncio de arreios, pesado, caiu sobre o sertão. No entanto, feito milagre, "dos silêncios dos descampados vem o marulhar das marolas que morrem nos rasos. Curimatãs em cardumes comem e vadeiam nas águas beirinhas nas horas frias do quebrar da barra ou ao morrer do dia. Nuvens de marrecas caem dos céus. Pato verdadeiro, putrião e paturi grasnam em coral com o coaxar dos sapos que abraçados se multiplicam em infindáveis desovas geométricas. Gritos de socó martelam espaçadamente os silêncios. O mergulhão risca em rasante voo o espelho líquido das águas. Garças em branco-noivo fazem alvura na lama. É o arremedar, naqueles mundos, do começo do mundo...". É assim que o mestre deseja o seu descanso, terras com o cheiro e o jeito de um açude cheio dos sertões telúricos do seu amado Seridó.

Oswaldo Lamartine de Faria, tu conseguiste "vaquejar e encurralar" muita coisa do Nordeste nesses teus quase noventa verões, cabra da peste. Foram anos de muito ciganismo, mas venceste, pois "adonde era sombra se fez sol. E adonde era solo se fez chão".

Do seu bornal, "sei que outras ficaram desgarradas por este mundão", mas Lamartine já desapeou e desencilhou o cavalo. "E, daqui pra frente, quem vier atrás que feche a porteira...". Cabe a nós mantê-la com a tramela sempre aberta, não podemos bater os paus da porteira, pois a leitura e tradução do mundo sertanejo é obra por demais infinda, estirada e traiçoeira, feito cobra. Tornemos "aos nossos descaminhos", a cancela está aberta.

Certa noite, lendo um texto do escritor V. S. Naipaul, encontrei esta passagem: "A literatura, como toda arte viva, está sempre em movimento. É parte de sua vida o fato de sua forma dominante estar em mudança constante."

Nossa literatura, senhoras e senhores, é a marca fiel da nossa gente, é a leal depositária de nossos mitos, é o caldo destilado de nossa cultura imaginativa. Ao lermos, escrevermos e falarmos, passamos a lutar — e nos proteger das ilusões com que a sociedade potiguar nos ameaça. A literatura tem o condão de rasgar o véu do imaginário e alçar voo nos céus do imaginativo.

Escreveu Marcel Proust: "Na verdade, o que damos ao público são as secreções de nosso eu mais íntimo, escrito na solidão e só para nós mesmos." Hélas! Ai de nós.

Nós, acadêmicos, temos a missão de nos entregarmos, por inteiro, à missão de "escritor-poeta". Mas, com fanatismo. "É preciso ter uma obsessão fanática, nada deve antepor-se à sua criação, deve sacrificar qualquer coisa a ela. Sem esse fanatismo, nada de importante pode ser feito" — asseverou o argentino Ernesto Sabato. Esta Casa há de congregar a inteligência cultural que honra a memória e a riqueza do nosso povo. Para tal mister, haveremos de ousar, enfrentar, laborar, se expor... para, enfim, escrever e traduzir nossas inquietações, sacramentar nossas angústias, desafiar o impossível. Infelizmente, muitos de nós somos atraídos pela vida literária e não pela literatura. Hélas! Ai de nós.

Outro ponto de atenção: a literatura precisa de uma crítica vigilante e atuante. Críticos que laborem movidos pelo amor às letras e não tangidos (e usados) pelo ódio que alimenta um "tosco e tolo provincianismo". A poetisa russa Marina Tsvetáeva, em seu O poeta e o tempo, declarou: "Do mesmo modo, não acredito nos críticos que não sejam nem completamente críticos nem completamente amantes".

Tive um professor, doutor honoris causa, sempre presente: o meu próprio trabalho. Contudo, bem sei, que há um único juiz neste nosso ofício: o tempo. E por que escreve, Clauder Arcanjo?

Porque escrever para mim é viver. Escrevo para, a partir do mergulho no visível, traduzir o que é invisível para muitos.

Relutei para iniciar o meu mister de escrevinhador. Hoje, escrevo como se tomado por uma obsessão. E, cada vez mais, desconfio de que a condição para a criação é a obsessão. Melhor, quando concebo uma linha fabulativa, sou um obcecado por aquela "chama"; e, até terminá-la, sou um possuído. E, confesso, apropriando-me de uma sentença de Alberto Manguel, todo leitor, para mim, é um Crusoé de poltrona.

E como precisamos ir além, caros confrades e confreiras! Não ir além, quando se trata de literatura, é ir para trás. É optar em sair do jogo. Um jogo, em movimento incessante, onde só os ousados têm chance de participar.

Tudo isto, na companhia da dama Liberdade. A liberdade é o próprio tutano da criação. A literatura não deve estar a serviço de nenhuma causa, missão ou bandeira. A não ser, claro, a de servir ao próprio ato criativo. Nas verdadeiras obras de arte tão somente a qualidade dá as cartas.

Para isto, a companhia dos livros. Criei sempre cercado pelos grandes nomes da literatura; pilhas e mais pilhas já tomaram todos os compartimentos do nosso lar. Os bibelôs e os enfeites da nossa residência são livros.

Urge, também, desenvolver novos leitores potiguares. Toda leitura é uma espécie de cocriação. Há anos, numa entrevista para jovens leitores, respondi: "Leitura. Moça de tez suave, de olhos de ressaca, mãos de seda e cabelos de graúna, além dos lábios de mel. Nunca me cansei de beijar excelsa dama. Durmo toda noite, até hoje, nos lençóis de papiro. Algumas noites, ela oferta-me poesias; em outras, curtas histórias; e, no mais das vezes, romances, que me arrebatam corpo e espírito. Suspirando, entro pela noite, e, geralmente, adormeço no colo da Leitura." Livro, uma das mais belas invenções da inteligência humana. Em Este é meu credo, o mexicano Carlos Fuentes declarou: "O livro nos diz que existe o outro, que existem os demais, que nossa personalidade não se esgota em

si mesma, mas se revira na obrigação moral de prestar atenção aos demais — que nunca são demais". Contudo, caso o leitor não tenha imaginação, toda obra literária de nada valerá. Pois, até onde o nosso conhecimento conseguiu chegar, somos a única espécie para a qual o mundo todo é feito de tijolos de histórias. Conto, logo existo! Leio, logo participo!

Acerca do escritor que, hoje, sucederei na cadeira 12, tentei escolher um símbolo para saudá-lo, optei pelo "narrador-cordial"; além de ágil e imprevisto poeta-narrador. Paulo Frassinete Bezerra, em suas cartas dos sertões do Seridó, escrevinhou com leveza, extrema leveza, daquelas que, como defendeu Italo Calvino: "... sobreleva o peso do mundo, demonstrando que sua gravidade detém o segredo da leveza, enquanto aquela que muitos julgam ser a vitalidade dos tempos, estrepitante e agressiva, espezinhadora e estrondosa, pertence ao reino da morte, como um cemitério de automóveis enferrujados". Em todas as ocasiões em que me encontrei com Paulo Balá, eu bem sabia que estava diante de um homem justo, bom, "sempre escavacando o passado". E, o que lhe dava um brilho singular e indelével, Paulo era um cabra orgulhoso de ser filho do sertão, da "civilização solidária", como bem definiu Diógenes da Cunha Lima.

Para o mundo, 16 de julho de 1933 marca o nascimento de Paulo Balá. Para a literatura, o 31 de março de 1999, numa carta a Woden Madruga, sobre o boi Jagunço, Paulo desponta para as Letras, nascendo, assim, uma epistolografia que o faria venerado aqui e alhures. Deixando muita gente boa de "língua estropiada" de falar desse filho das ribeiras do Acari. Cartas e mais cartas que resultaram em livros, tantas foram as rogações ao filho de Seu Silvino: Cartas do sertão do Seridó (2000), Outras cartas do sertão do Seridó (2004), Novas cartas do Seridó (2009), Cartas do sertão do Seridó (2013). Em cada missiva, segundo Frederico Pernambucano de Mello, "o classicismo sonoro do velho falar sertanejo aflora...".

Carlos Meireles encosta-se a mim, soprando-me: "Hugo von Hofmannsthal adverte-nos: 'Apenas o passado transfigura para mim as coisas e lhes dá cor e perfume.'". Ao tempo em que insiste que eu leia, aqui, uma carta que lhe escrevi, Paulo. Escrevi-a numa madrugada recente, em que estava "sonhando de olhos abertos, fitando o Céu, assustado com o abismo do Infinito em noite escura que nem breu".

Carta a Paulo Balá,

Parece, amigo Paulo, que aqui nesta tribuna, a gente fica "amoitado feito carneiro que tomou bicho na capação". E, o que é pior, estou "sendo peitado" a falar sobre sua obra. Num carece!

Mande notícias das chuvas; você que, agora, deve estar sentado no alpendre dos justos, espiando, de riba, o sol tornando "a brilhar no azul infinito dos céus do Seridó". Conversando com Chiquinha Viúva, Cascudo, Silvino Adonias Bezerra, Dona Maria Jesus Bezerra, Dr. Juvenal, Porfíria Aleijada, Veríssimo, Oswaldo, o bodegueiro Otacílio Faustino Cabral, os poetas Deífilo Gurgel e Sanderson Negreiros... e mais um magote de nordestinos bons que para o Céu se arribaram.

"Aqui o inverno anda vasqueiro." E você bem nos ensinou: "A alegria de quem possui um esbarro d'água é vê-lo sangrando".

Por ora nós vamos ficando, Paulo Bezerra, só uma certeza: "mais velhos do que ontem". "De resto, o eleitor anda escabriado com o Governo." "E eu fico aqui imaginando na mortandade que seria se, de repente, o ar de tudo quanto é canto onde a corrupção anda a galope – ar corrupto – começasse a matar..." Valha-nos, Deus! Deus é grande, melhor nem matutar.

"O Seridó, no entanto, continua."

Já me vejo no salão quase apinhado, gente demais, de todos os cantos, encorpados e vistosos, e eu com um desejo desembestado de retornar, de estar de volta.

Se falo pouco e manso, é porque, como ensina o ditado: "No terreiro dos outros, pise no chão devagar." E, aqui, amigo Paulo Balá, a cadeira 12 (onde você se aboletou, "um pouco embaraçado", na noite do dia 4 de dezembro de 2008, saudado pelo saudoso Dr. Ernani Rosado) sempre será sua.

Outra coisa, lá, no pasto de Deus, se a conversa for pouca e desenxabida, avise ao anjo Gabriel que é só dar um puxavante na ponta das cordas dos sinos de Deus, que esses irão convocá-lo: "Balá... Balá... Balá!...". Sua Zélia e seus filhos saberão identificar no oitão da casa de Pinturas este dia de conversaria gostosa no reino celeste. E, quem sabe: "Depois vem a enchente e as pessoas indo para a ponte ver o velho Acauã descer com as suas águas barrentas".

Por aqui, vou metendo minha pena, Arcanjo enxerido, nos narrados e acontecidos, prometendo continuar plantando sua semente. Ela há de germinar, crescer, virar árvore, dando sombra e fruto "e vai continuar açoitando longe, feito carrapateira, outras tantas sementes que se multiplicarão cada vez mais".

E viva N. S. da Guia! E viva Senhora Sant'Anna!

E, quanto a mim, também acredito: quem adoça bem coalhada é rapadura.

Sem mais,

Licânia, minha Pinturas, 1 de março de 2018

P.S.: Sim, a maior riqueza do Seridó é o seu povo mesmo.

Inté!, imitando o mestre François Silvestre.

Disse Deus ao profeta Habacuc: "Escreve o que vês e grava-o sobre tabuinhas, para que possa agir aquele que o ler". A literatura não como ato passivo, mas, sim, como ato indutor, de estar (e fazer) no mundo. Enfim, o verbo se fazendo carne e espírito de um povo. A Moça Caetana só atinge os mortais, nunca o legado que os imortaliza.

Devo agora, permitam-me, discorrer acerca da importância da imaginação e, por conseguinte, da literatura. Eu, escrevinhador de província, "contador de estórias", como me definiu o mestre Manoel Onofre Júnior, ouso afirmar que a imaginação é algo de suprema importância para nós, seres humanos. "Não importa quanta experiência acumulemos ao longo dos anos, jamais alcançaremos em vida toda a dimensão da experiência proporcionada pela imaginação. Só conseguem alcançá-la as artes e as ciências, e, destas, só a literatura nos dá toda a amplitude e alcance da imaginação humana...", defendeu, em A imaginação educada, o saudoso mestre canadense Northrop Frye (1912-1991).

Há muita mediocridade travestida de literatura, sem falar nos embustes da autoajuda. Em meio a tanto barulho, valho-me de Pasternak: "Silêncio, és melhor/ De tudo o que ouvi".

E alguns me indagam, devemos ser tolerantes com a má literatura? Encontrei a resposta em Schopenhauer: "É absolutamente errado querer transferir também para a literatura a tolerância que, por necessidade, deve-se empregar com pessoas obtusas e descerebradas na sociedade, em que pululam tipos semelhantes. Pois, na literatura, eles são intrusos impudentes, e, nesse caso, difamar as coisas ruins é um dever em relação às coisas boas, pois, para aquele a quem nada é ruim, nada é igualmente bom."

Apropriar-me-ei, novamente, de uma declaração de Marina Tsvetáeva: "É por isso que para mim não há absolvição. Somente aqueles como eu terão, no Juízo Final, que prestar conta de sua consciência. Mas, se houver um Juízo Final da palavra, diante dele, eu sou puro."

Estamos chegando ao final desta viagem-leitura. Como todo escritor, estou mais em meus livros. Lá, revelo-me e dispo-me por inteiro. Em cada página minha, o melhor e o pior de mim, e do meu mundo. Sem direito às remissões. Sete livros-filhos lançados (Licânia, Lápis nas veias, Novenário de espinhos, Uma garça no asfalto, Pílulas para o silêncio, Cambono, e Separação), e outros em gestação, todos obreiros cidadãos, peregrinos (a)letrados do mun-

do. Para gestá-los e criá-los, eu contei com a paciência e a suprema abnegação de uma musa inspiradora: minha Luzia, luz dos meus olhos, amor e razão dos meus dias. Os parcos leitores deste provinciano já aprenderam a saudá-la como a Biscuí. Com ela, a criação de três lindos filhos, nossas melhores obras: Artur, Mateus e Lucas Francisco.

Quero despedir-me desta noite, com alguns versos d'A Epopeia de Gilgámesh:

Busca o cofre de cedro,
Rompe o ferrolho de bronze,
Abre a tampa do tesouro,
Levanta a tabuinha lápis-lazúli, lê
O que Gilgámesh passou, todos os seus trabalhos.

Neles, o poeta interpela-nos, estimula-nos, incita-nos a ver, sentir, subir, ousar... Enfim, tirar e ler, dar-se por completo. Acreditem, apesar de ralo e fino, hoje, aqui, dei-me por completo.

Ufa!... Tudo justo e perfeito. Atravessei as provações deste discurso. Que, assim como Amaro Cavalcanti, Juvenal Lamartine, Veríssimo de Melo, Oswaldo Lamartine de Faria e Paulo Bezerra, eu me faça um provinciano digno das obrigações e dos deveres desta Casa de Cascudo.

Muito obrigado.

ANRL em Junho de 2018

Cadeira	Patrono	Primeiro Ocupante	Sucessores
1	Padre Miguelinho	Adauto da Câmara	Raimundo Nonato da Silva, Sylvio Pedroza, Claudio Emerenciano.
2	Nísia Floresta	Henrique Castriciano	Hélio Galvão, Grácio Barbalho, Ernani Rosado, Humberto Hermenegildo de Araújo.
3	Cons. Brito Guerra	Otto Guerra	José de Anchieta Ferreira, Daladier Pessoa Cunha Lima.
4	Lourival Açucena	Virgílio Trindade	Enélio Lima Petrovich, Agnelo Alves, Cassiano Arruda Câmara.
5	Moreira Brandão	Edgar Barbosa	Ascendino de Almeida, Manoel Onofre Jr.
6	Luís Carlos Wanderley	Carolina Wanderley	Gumercindo Saraiva, João Batista Pinheiro Cabral.
7	Ferreira Nobre	Antônio Soares	Mariano Coelho, Nestor dos S. Lima, Luiz Alberto G. de Faria (eleito)
8	Isabel Gondim	Matias Maciel	Walter Wanderley, Nilson Patriota, Nelson Patriota
9	Almino Afonso	Nestor Lima	Cristóvão Dantas, Humberto Dantas, Peregrino Junior, Dorian Gray Caldas, Roberto Lima.
10	Elias Souto	Bruno Pereira	Paulo Macêdo
11	Padre João Maria	Januário Cicco	Onofre Lopes da Silva, Miguel Seabra Fagundes, Fagundes de Menezes, Paulo de Tarso Correia de Melo
12	Amaro Cavalcante	Juvenal Lamartine	Veríssimo de Melo, Oswaldo Lamartine de Faria, Paulo Bezerra, Clauder Arcanjo
13	Luís Fernandes	Luís da Câmara Cascudo	Oriano de Almeida, Anna Maria Cascudo Barreto. Eulália Duarte Barros.
14	Joaquim Fagundes	Antônio Fagundes	Raul Fernandes, Armando Negreiros.

15	Pedro Velho	Sebastião Fernandes	Antonio Pinto de Medeiros, Eloy de Souza, Umberto Peregrino, Francisco Fausto, Lívio Oliveira.
16	Segundo Wanderley	Francisco Palma	Rômulo Wanderley, Maria Eugênia Montenegro, Eider Furtado de Mendonça e Menezes.
17	Ribeiro Dantas	Dioclécio Duarte	Aluízio Alves, Ivan Maciel de Andrade.
18	Augusto Severo	Waldemar de Almeida	D. Nivaldo Monte, Pe João Medeiros Filho.
19	Ferreira Itajubá	Clementino Câmara	Nilo Pereira, Murilo Melo Filho.
20	Auta de Souza	Palmira Wanderley	Mario Moacir Porto, Dorian Jorge Freire, José Hermógenes de Andrade Filho, Jarbas Martins.
21	Antônio Marinho	Floriano Cavalcanti	Luiz Rabelo, Valério Mesquita.
22	Côn. Leão Fernandes	Côn, Luís Monte	D. José Adelino Dantas, Côn. Jorge Ó Grady de Paiva, Côn. José Mário Medeiros.
23	Antônio Glicério	Bezerra Júnior	Othoniel Menezes, Jaime dos G. Wanderley, Iaperi Araújo
24	Gothardo Neto	Francisco Ivo Cavalcante	Antídio Azevedo, Antônio Soares Filho, Tarcísio Medeiros, Sônia Fernandes Faustino.
25	Ponciano Barbosa	Aderbal de França	Inácio Meira Pires, João Wilson Mendes Melo.
26	Manoel Dantas	José Augusto Bezerra de Medeiros	Diógenes da Cunha Lima
27	Aurélio Pinheiro	Américo de Oliveira Costa	Vicente Serejo
28	Padre João Manoel	Paulo Viveiros	Jurandyr Navarro
29	Armando Seabra	Esmeraldo Siqueira	Itamar de Souza
30	Mons. Augusto Franklin	Manoel Rodrigues de Melo	Aluísio Azevedo, Diva Cunha.
31	Padre Brito Guerra	José Melquíades	Pedro Vicente Costa Sobrinho, Leide Câmara.
32	Francisco Fausto	Tércio Rosado	João Batista Cascudo Rodrigues, João Batista Machado.
33	Tonheca Dantas	Oswaldo de Souza	Hypérides (Peri) Lamartine, Carlos de Miranda Gomes.
34	José da Penha	Alvamar Furtado	Lenine Pinto.
35	Juvenal Antunes	Edinor Avelino	Gilberto Avelino, Ticiano Duarte, Woden Madruga.(eleito)
36	Benício Filho	João Medeiros Filho	Olavo de Medeiros Filho, José Augusto Delgado.

37	Jorge Fernandes	Newton Navarro	Luís Carlos Guimarães, Elder Heronildes.
38	Luís Antônio	José Tavares	Vingt-un Rosado, América Rosado, Benedito Vasconcelos Mendes.
39	Damasceno Bezerra	Raimundo Nonato Fernandes	Marcelo Navarro Ribeiro Dantas
40	Afonso Bezerra	Sanderson Negreiros	Geraldo Queiroz (eleito)

Este livro foi composto em
Adobe Garamond Pro
e impresso em cartão
Duo Design 250g./m². (capa)
e Pólen Bold 90g./m². (miolo)
pela Offset Gráfica, Natal/RN,
em junho de 2018

www.offsetgrafica.com.br